



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL – CCBa
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DE BACABAL – PPGLB

LAINÉ BARROS FORTES

Expressão do modo subjuntivo em cartas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX: um estudo de variação à luz da sociolinguística histórica

Versão Corrigida

BACABAL
2025

LAINÉ BARROS FORTES

Expressão do modo subjuntivo em cartas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX: um estudo de variação à luz da sociolinguística histórica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), Centro de Ciências de Bacabal (CCBa) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito obrigatório para o título de Mestre Letras.

Linha de pesquisa: Texto e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Wendel Santos

BACABAL
2025

LAINÉ BARROS FORTES

Expressão do modo subjuntivo em cartas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX: um estudo de variação à luz da sociolinguística histórica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), Centro de Ciências de Bacabal (CCBa) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito obrigatório para o título de Mestre Letras.

Linha de pesquisa: Texto e Discurso
Orientador: Prof. Dr. Wendel Santos

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wendel Santos/UFMA
Orientador

1º Examinadora
Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Ceará

2º Examinadora
Profa. Dra. Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barros Fortes, Laine.

Expressão do modo subjuntivo em cartas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX: um estudo de variação à luz da sociolinguística histórica / Laine Barros Fortes. - 2026.

156 f.

Orientador(a): Wendel Silva dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação Em Letras - Bacabal, 2026.

1. Indicativo. 2. Subjuntivo. 3. Variação. 4. Sociolinguística Histórica. I. Silva dos Santos, Wendel. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me permitir chegar até aqui, pela presença constante e por ter atendido às minhas preces.

À minha mãe Maria Assunção, pelas orações constantes e por sempre me incentivar a lutar pelos meus sonhos. Obrigada por cada palavra de conforto! Aos meus irmãos, Lays, Lailson, Luis e Lourival, por sempre acreditarem e torcerem em mim.

Ao Rhuiago, meu esposo, que foi/é o meu maior incentivador nesta caminhada. Os seus conselhos e incentivo foram essenciais nesse processo e me ajudaram a chegar até aqui. Muito obrigada pelo companheirismo, força, compreensão e por celebrar comigo cada conquista.

Ao meu orientador, Wendel Santos, a quem tenho enorme carinho. Obrigada pela oportunidade de tê-lo como Orientador, por apresentar e compartilhar comigo suas experiências sobre a Sociolinguística Variacionista e a Sociolinguística Histórica. Obrigada por todos os conselhos e apoio durante esses anos de estudo (Graduação e Mestrado).

Aos amigos que conquistei ao longo do período de mestrado, com os quais compartilhei saberes e amizade. Em especial à Catarina, obrigada pela amizade e boas conversas.

As minhas amigas Ayssa e Beatriz, amigadas que fiz na UFMA. Obrigada pelos conselhos, encontros, companhia e boas conversas.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística – GEPeS, pelos estudos sobre Sociolinguística e também pelas sugestões durante a pesquisa. Em especial aos amigos Renan, Isaque, João Vitor, com os quais compartilho sobre esta pesquisa a mais tempo.

À Universidade Federal do Maranhão e todos os professores do curso do mestrado, que contribuíram para minha formação e de forma direta e indireta para a realização deste trabalho.

À professora Hebe Carvalho, por todas as contribuições sobre a Sociolinguística e o subjuntivo. Obrigada pela dedicação, paciência e sensibilidade na leitura do meu trabalho. A professora Mariana, obrigada pela paciência, dedicação e leitura atenta no meu texto.

À CAPES, pelo apoio financeiro que proporcionou a realização deste estudo.

À Biblioteca Benedito Leite, local o qual realizei a pesquisa. Em especial ao bibliotecário Eduardo, sempre muito solícito, obrigada pelo apoio e dicas de documentos durante a realização da pesquisa de campo.

A Deus, minha mãe, meus irmãos, meus sobrinhos, meu esposo.

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar a partir de uma perspectiva histórica, dados de variação da morfologia do subjuntivo e indicativo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses, escritos entre os séculos XIX e XX. Especificamente, busca-se verificar se a morfologia do indicativo é usada em contextos em que o esperado, senão prescrito pelas gramáticas tradicionais, é a forma do subjuntivo, podendo, ambas as formas, manifestar os mesmos traços semânticos. Justifica-se a realização deste estudo do ponto de vista que, o subjuntivo, e a possibilidade de variação com a morfologia do indicativo, é objeto de estudo (sobretudo em sua modalidade falada) em diversas regiões do país, mas ainda pouco observado a partir da análise de dados no contexto histórico maranhense. Para isso, vale-se da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008[1972]), especialmente a vertente denominada Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009[1982]; Mattos e Silva, 2004; 2008; Hernández-Campoy e Conde Silvestre, 2012). Os dados analisados foram extraídos de acordo com a grafia original de textos escritos nos séculos XIX e XX, disponibilizados na Biblioteca Pública Benedito Leite, em seguida, transcritos para uma planilha do excel, e analisados estatisticamente, no programa R (R Core Team, 2025). Os grupos de fatores linguísticos, cuja análise parte daqueles que já são controlados em pesquisas dessa natureza, como orações subordinadas substantivas (classificação da oração, tempo verbal da oração principal, tempo verbal da oração subordinada, carga semântica do verbo da oração principal), adjetivas (classificação da oração, distância do pronome relativo e a forma verbal, animacidade do antecedente) e adverbiais (classificação da oração, tipo de subordinador) e, dentre as extralinguísticas verificaram-se o ano, década e século da publicação de cada documento catalogado. Os resultados apontam que o subjuntivo é produtivo em contextos de orações substantivas e adverbiais, entretanto, não parece se especializar nas orações adjetivas. Assim, para o cruzamento da morfologia do subjuntivo nos três contextos de subordinação, o subjuntivo se mantém em contextos previstos pela gramática normativa, se correlacionando a certos tipos de orações subordinadas, certos tipos de verbos e tipos de subordinadores. Quanto aos gêneros analisados, os resultados gerais apontam para o não favorecimento do subjuntivo nas duas cartas analisadas.

Palavras-chave: Indicativo; Subjuntivo; Variação; Sociolinguística Histórica.

ABSTRACT

This study aims to investigate, from a historical perspective, data on variations in the morphology of the subjunctive and indicative moods in personal letters and open letters published in newspapers in Maranhão, written between the 19th and 20th centuries. Specifically, it seeks to verify whether the indicative mood is used in contexts where the subjunctive mood is expected, if not prescribed by traditional grammars, with both forms being able to express the same semantic features. This study is justified from the point of view that the subjunctive, and the possibility of variation with the morphology of the indicative, is the subject of study (especially in its spoken form) in various regions of the country, but has been little observed based on data analysis in the historical context of Maranhão. To this end, we use the theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008[1972]), especially the branch known as Historical Sociolinguistics (Romaine, 2009[1982]; Mattos e Silva, 2004; 2008; Hernández-Campoy and Conde Silvestre, 2012). The data analyzed were extracted according to the original spelling of texts written in the 19th and 20th centuries, made available at the Benedito Leite Public Library, then transcribed into an Excel spreadsheet, and statistically analyzed using the R program (R Core Team, 2025). The groups of linguistic factors, whose analysis is based on those already controlled in research of this nature, such as substantive subordinate clauses (classification of the clause, tense of the main clause, tense of the subordinate clause, semantic load of the verb in the main clause), adjectival clauses (classification of the clause, distance from the relative pronoun and the verbal form, animacy of the antecedent) and adverbial clauses (clause classification, type of subordinator), and among the extralinguistic factors, the year, decade, and century of publication of each cataloged document were verified. The results indicate that the subjunctive is productive in noun and adverbial clauses; however, it does not appear to be specialized for adjective clauses. Thus, regarding the intersection of subjunctive morphology across the three types of subordinate clauses, the subjunctive is maintained in contexts prescribed by normative grammar, correlating with certain types of subordinate clauses, certain types of verbs, and certain types of subordinating conjunctions. As for the genres analyzed, the overall results indicate that the subjunctive is not favored in the two letters analyzed.

Keywords: Indicative; Subjunctive; Variation; Historical sociolinguistics.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição geral dos dados das orações subordinadas substantivas.....	98
Tabela 2: Análise de regressão logística do uso da morfologia do indicativo e subjuntivo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=100).....	101
Tabela 3: Distribuição dos dados por gênero - pessoal/aberta.....	110
Tabela 4: Distribuição geral dos dados das orações subordinadas adjetivas.....	112
Tabela 5: Análise de regressão logística do uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=105).....	113
Tabela 6: Distribuição dos dados por gênero - pessoal/aberta.....	123
Tabela 7: Distribuição geral dos dados orações adverbiais.....	124
Tabela 8: Análise de regressão logística do uso da morfologia do indicativo e subjuntivo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=96).....	124
Tabela 9: Tipo de subordinador e a distribuição por morfologia.....	125
Tabela 10: Distribuição dos dados por gênero - pessoal/aberta.....	130
Tabela 11: Análise de regressão de efeitos mistos do uso da morfologia do subjuntivo e indicativo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=311).....	131
Tabela 12: Distribuição da classificação da oração subordinada por século - XIX e XX.....	136
Tabela 13: Distribuição geral dos dados distribuídos por gênero - carta pessoal e carta aberta	137

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Jornais maranhenses dos séculos XIX e XX.....	58
Quadro 2: Cartas publicadas nos jornais - século XIX.....	60
Quadro 3: Cartas publicadas nos jornais - século XX.....	61
Quadro 4: Grupo de fatores linguísticos.....	95
Quadro 5: Grupo de fatores extralinguísticos.....	96

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - orações substantivas.....	111
Gráfico 2: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - orações adjetivas.....	122
Gráfico 3: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - orações adverbiais.....	129
Gráfico 4: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - distribuição geral.....	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA.....	21
1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	21
1.2 Da Linguística Histórica à Sociolinguística Histórica.....	28
1.3 Algumas considerações sobre o método sócio-histórico.....	33
2. ESTUDOS SOBRE A MORFOLOGIA DO SUBJUNTIVO NO CONTEXTO SÓCIO- HISTÓRICO.....	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
3.1 Pesquisa bibliográfica e de campo.....	53
3.2 A seleção do corpus de análise e a coleta de dados.....	55
3.3 A constituição do corpus.....	61
3.4 Estrutura da carta pessoal e da carta aberta.....	66
3.5 Definição do envelope de variação.....	76
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....	96
4.1 Orações substantivas.....	97
4.2 Orações adjetivas.....	111
4.3 Orações adverbiais.....	122
4.4 Distribuição geral nos três contextos de subordinação - substantivas, adjetivas e adverbiais.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS.....	140
ANEXO A – CARTAS ESCRITAS POR MULHERES.....	145
ANEXO B.....	149
ANEXO C.....	150

INTRODUÇÃO

O estudo da estrutura da língua no seu contexto social, tal como proposta por Labov (2008[1972]), oferece importantes contribuições teóricas e metodológicas às diferentes áreas que analisam o sistema linguístico em uma perspectiva sincrônica e/ou diacrônica¹. A principal contribuição desse tipo de estudo é a que leva ao entendimento do funcionamento da língua, de como as comunidades de fala se organizam em relação a certos usos. Relacionada a essa proposta laboviana, a importância dos estudos sociolinguísticos reside, ainda, no processo de explicação das descobertas na esfera da variação e mudança em curso.

A variação e mudança linguística, são, inclusive, um dos mais “intrigantes mistérios” da ciência linguística, pois a língua está em constante mutação, no momento atual ou em momento passado (cf. Carvalho, 1998, p. 191). São fenômenos que revelam a evolução da sociedade, mostrando os diversos estados da língua em diferentes períodos. A mudança, por exemplo, revela os valores e as necessidades de cada comunidade; a variação que antecede a mudança, não é aleatória, mas estritamente estruturada e faz parte do sistema contendo “heterogeneidade ordenada” (Carvalho, 1998, p. 192).

À vista disso, áreas como a Sociolinguística Histórica (sócio-histórica) e a Linguística Histórica manifestam a possibilidade de observar as descrições das línguas com o passar do tempo, tanto em nível de variação como de mudança. A Linguística Histórica busca explicar o porquê da mudança em uma determinada variedade, em um determinado momento do tempo. A Sociolinguística Histórica ocupa-se dos fundamentos gerais e históricos, com base nos fatores linguísticos e sociais, e dos instrumentos metodológicos fornecidos pela Sociolinguística Variacionista (cf. Carvalho, 1998).

É no contexto da Sociolinguística Histórica que se insere o presente trabalho, ao propor uma análise do fenômeno de variação da forma verbal do subjuntivo, em contextos em que esse modo pode ser expresso por morfologia própria (a de subjuntivo) e por morfologia de indicativo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses entre os séculos XIX e XX.

A carta pessoal é tomada neste estudo como um gênero textual discursivo que se caracteriza pela sua forma de interação particular, em relação familiar (pais, filhos, irmãos,

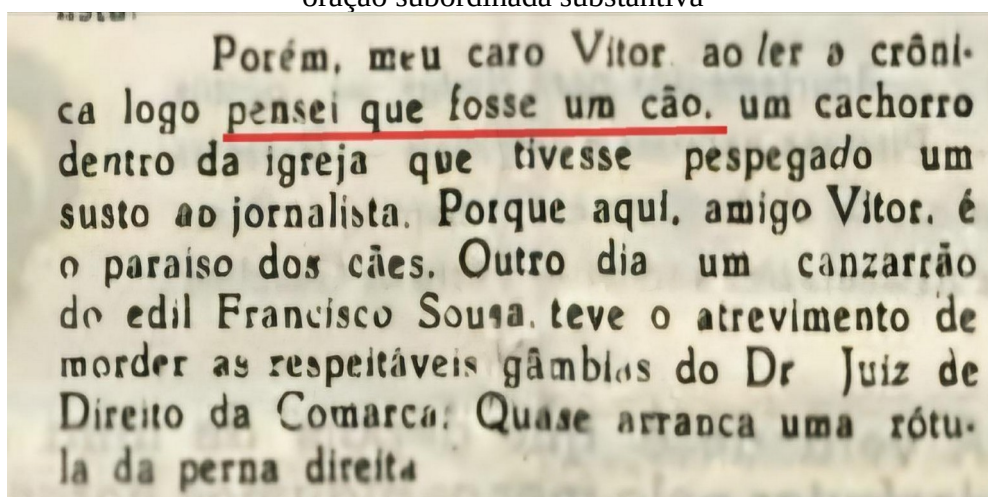
¹ “Uma das mais interessantes dimensões da sociolinguística é, sem dúvida, a dimensão diacrônica, pois é através dela que o investigador encontrará as circunstâncias históricas motivadoras da diversidade actual e a resposta a questões aparentemente misteriosas” (Carvalho, 1998, p. 191).

² Do inglês “orderly heterogeneity”, expressão utilizada por Weinreich, Labov, Herzog (1968).

amigos), enquanto a carta aberta (denominação dada pela redação dos jornais) refere-se a um gênero textual que se caracteriza por ter a finalidade discursiva de denunciar problemas de um indivíduo e/ou de uma comunidade. É um gênero que se dirige publicamente a alguém por meio dos órgãos de imprensa (Costa, 2008, p. 63)³.

Estudos sociolinguísticos têm apontado a variação entre as formas do indicativo e do subjuntivo em contextos de orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, com evidências extraídas de amostras sincrônicas e diacrônicas do português brasileiro (Pimpão, 1999, 2012, 2021; Fagundes, 2007; Vieira, 2007; Alves 2009; Santos, 2015). Nos exemplos abaixo, extraídos das cartas publicadas nos jornais maranhenses, verificam-se tal possibilidade nos três casos de subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais):

Exemplo 1 - Trecho de carta pessoal com morfologia verbal do subjuntivo, em contexto de oração subordinada substantiva



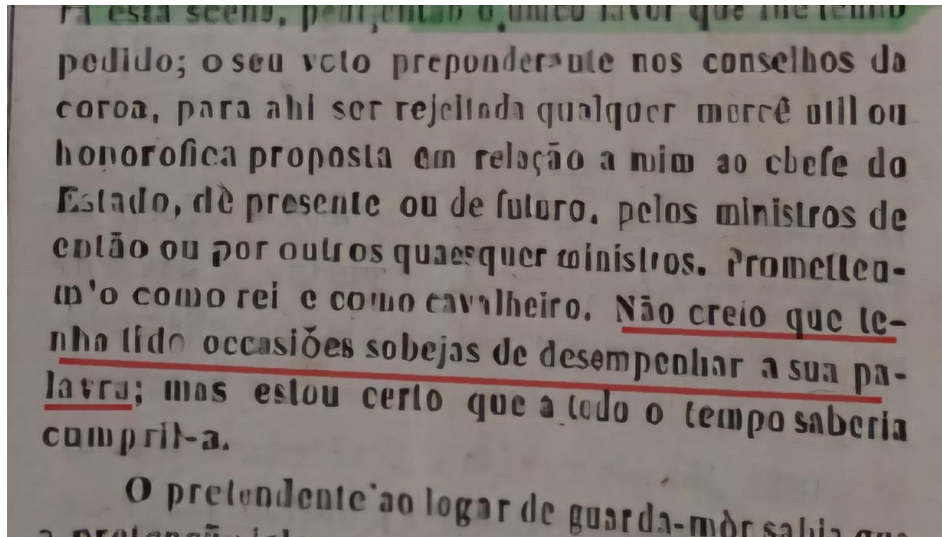
Fonte: Jornal O Pioneiro (1981), século XX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite

Transcrição: (1)“Porém, meu caro Vitor ao ler a crônica eu logo pensei que fosse um cão, um cachorro dentro da igreja que tivesse pespegado um susto ao jornalista.”

³ As características e estruturas desses dois gêneros textuais serão detalhadas no capítulo 3, da metodologia, especificamente no tópico 3.4 – Estrutura da carta pessoal e da carta aberta.

Exemplo 2 - Trecho de carta pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada substantiva



Fonte: Carta pessoal do denominado Sr. Herculano, datada do ano de 1857

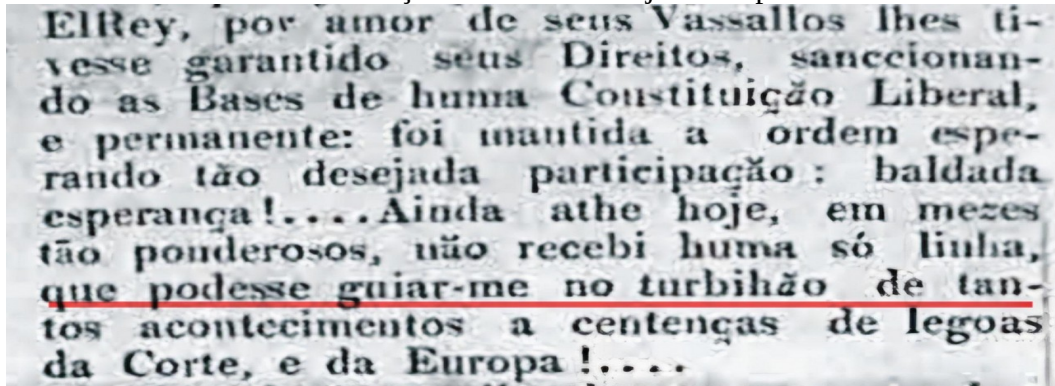
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite

Transcrição: (2) “Não creio que tenha tido occasiões sobejas de desempenhar a sua palavra; mas estou certo que a todo o tempo saberia cumpril-a.”

Nos exemplos 1 e 2, acima, apresentam-se dois casos de orações subordinadas substantivas objetivas diretas, casos em que as orações destacadas se encontram na posição de objeto direto dos verbos cognitivos “pensar” e “crer” (cf. Givón, 1995) e mostram que a noção semântica de subjuntivo se mantém, ainda que a morfologia expressa seja a do modo indicativo.

Apresentado o contexto de subordinada substantiva nos exemplos 1 e 2, passa-se às orações adjetivas que, em geral, usa-se o subjuntivo em contextos que expressam uma hipótese, uma conjectura, um fato improvável (Bechara, 2009, 2010; Cunha e Cintra, 2017). Nas sentenças 3 e 4, na sequência, são destacados dois casos em que a morfologia do subjuntivo é expressa em estrutura sintática de adjetiva explicativa e adjetiva restritiva, respectivamente:

Exemplo 3 - Trecho de carta com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada adjetiva explicativa

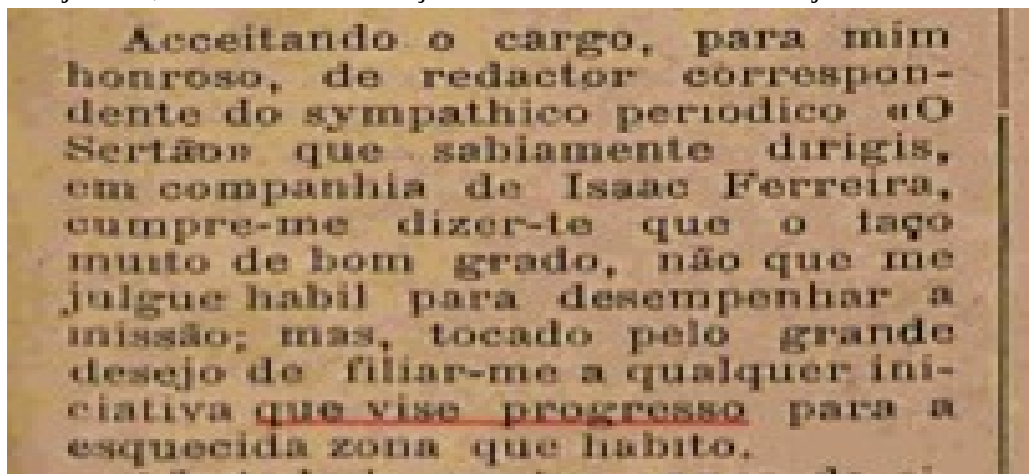


Fonte: Carta as Cortes, no jornal O Conciliador (1821), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite

Transcrição: (3) “Ainda até hoje, em mezes tão ponderosos, não recebi huma só linha, que podesse guiar-me no turbilhão de tantos acontecimentos a centenas de legoas da Corte, e da Europa!”

Exemplo 4: Trecho de carta pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada substantiva adjetiva restritiva



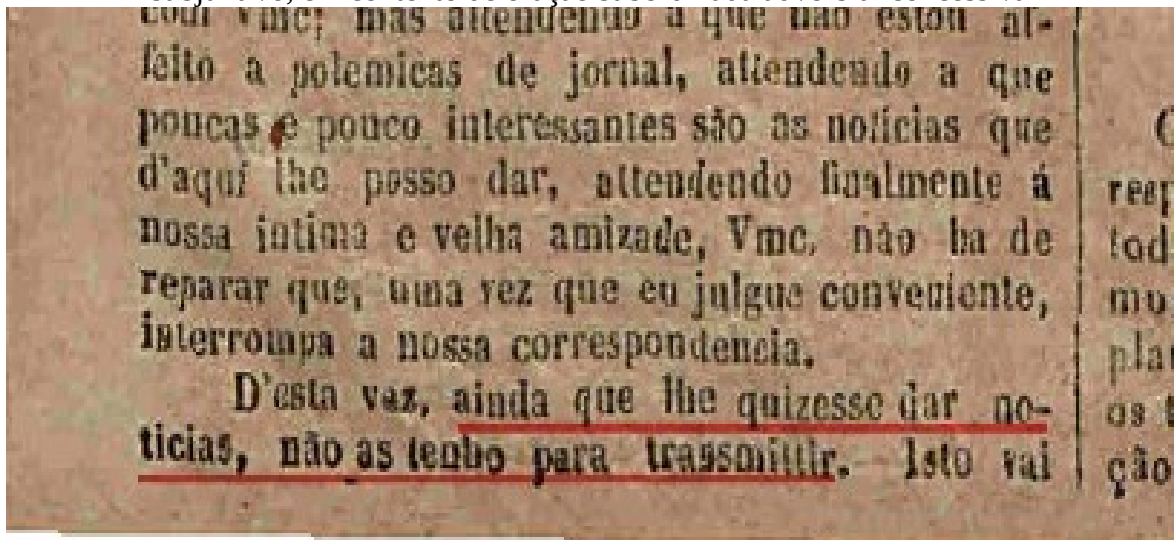
Fonte: Ilustre amigo Souza Bispo, no jornal O Sertão (1921), século XX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite

Transcrição: (4) “Não que me julgue habil para desempenhar a missão; mas, tocado pelo grande desejo de filiar-me a qualquer iniciativa que vise progresso para a esquecida zona que habito”.

Da mesma forma, os exemplos 5 e 6, em contextos de orações adverbiais apresentadas, a seguir, revelam como formas indicativas e subjuntivas parecem coocorrer em contextos em que há a indicação normativa para a expressão de formas próprias do subjuntivo.

Exemplo 5 - Trecho de carta pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada adverbial concessiva

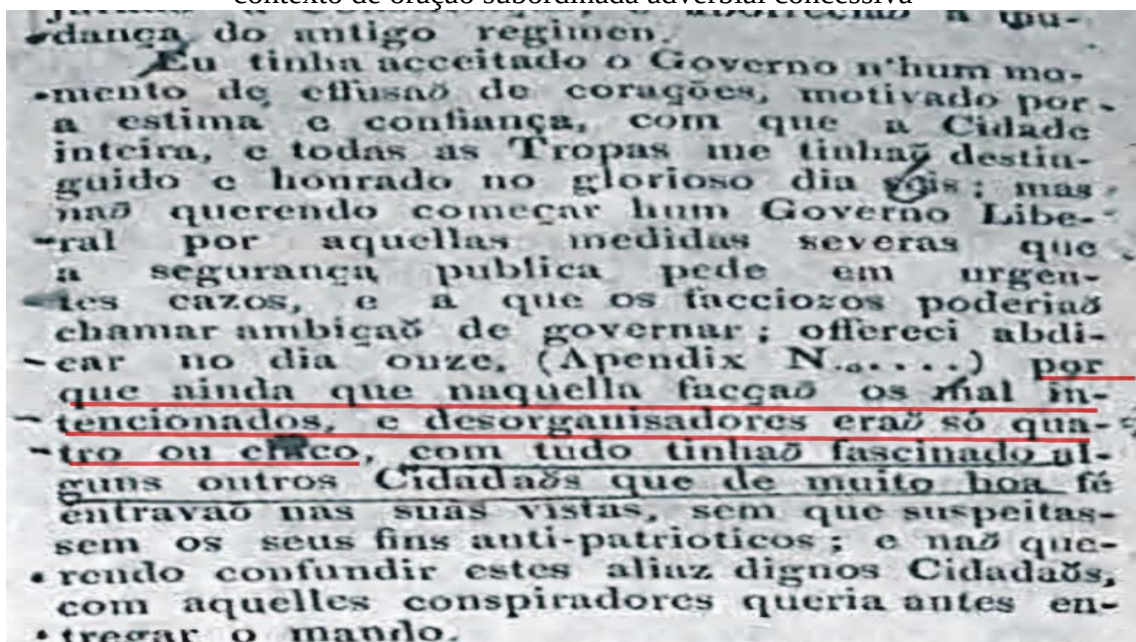


Fonte: Carta de Luiz de Chisto a seu compadre Xisto, no jornal O Farol (1854), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite

Transcrição: (5) “D'esta vez, ainda que lhe quizesse dar noticias, não as tenho para transmitir.”

Exemplo 6 - Trecho de carta com excerto em que a morfologia verbal é a do indicativo, em contexto de oração subordinada adverbial concessiva



Fonte: Carta as Cortes, no jornal O Conciliador (1821), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (6) “Offereci abdicar no dia onze, porque ainda que naquella facção os mal intencionados, e desorganizados erão só quatro ou cinco [...]”

Os exemplos 5 e 6 listados referem-se a duas orações subordinadas com valor de advérbio contextos em que gramáticas normativas (Bechara, 2009, 2010; Cunha e Cintra, 2017) orientam para o uso de morfologia própria do subjuntivo, ainda que dados dessa natureza, como são avistados acima, apresentem clara variação entre a morfologia desse modo e a morfologia do indicativo, como se verifica no exemplo 6.

Os excertos de (1) a (6), apresentados até aqui, contextualizam o interesse desta pesquisa, que se alinha aos estudos de Pimpão (1999; 2012), Fagundes (2007) e Santos e Fortes (2023), que analisaram a variação das formas indicativo e subjuntivo. Igualmente a esses estudos, interessa-se por evidenciar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas que se correlacionam ao uso de formas indicativas no lugar de formas subjuntivas em contextos de subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, em textos escritos distintos da diacronia atual. Além desses, alinha-se aos trabalhos de Bianchet (1996), que discute sobre os dois modos verbais em orações completivas desde o latim até o português, e Baiocato (2017), que analisa a alternância do indicativo e subjuntivo no português brasileiro, por meio de cartas pessoais do século XX.

O conjunto desses estudos mostra o funcionamento da variação entre os modos indicativo e subjuntivo já em tempos pretéritos e demonstram que existem casos em que o indicativo é empregado em contextos de subjuntivo. Tendo isso em vista, propõe-se que a análise do fenômeno linguístico em tela seja feita com base em cartas publicadas em jornais maranhenses editorados entre os séculos XIX e XX.

A justificativa para o recorte temporal que se apresenta aqui está no fato de que os séculos XIX e XX caracterizam-se por serem um momento crucial na história linguística do Brasil, no sentido da reivindicação de uma língua nacional (Nunes, 2008). Diante disso, importa observar, assim, se essa reivindicação é, em alguma medida, materializada por meio da expressão do modo subjuntivo ou do indicativo, nesses períodos, uma vez que pesquisadores como Marques (2001) e Djajarahardja (2020) afirmam que o português europeu apresenta regras mais fixas quanto ao uso do subjuntivo, comparativamente ao português brasileiro. Assim, é possível verificar se a variação entre as formas do indicativo e do subjuntivo podiam ser um exemplo, na língua, desse “distanciamento” linguístico.

Entende-se que analisar a variação entre a morfologia do subjuntivo e a do indicativo em cartas (pessoais e abertas), publicadas em jornais maranhenses, no período indicado, não apenas leva a uma melhor compreensão de como se dão os processos de variação que desenham o sistema linguístico do modo como é utilizado hoje, como também permitirão verificar se a variedade escrita do português no Maranhão se diferencia da variedade escrita em outras regiões do país.

Para pôr em prática tal proposta, apoia-se no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]) e na Sociolinguística Histórica (Mattos e Silva, 2004, 2008; Romaine, 2009[1982]; Hernández-Campoy e Conde Silvestre, 2012), áreas que se ocupam em investigar formas e uso de variação que podem se manifestar em uma dada comunidade ao longo do tempo. Ao observar que textos escritos também apresentam marcas de variação, Romaine (2009[1982]) mostra que a língua escrita pode ser fonte de dados para estudos de variação histórica, com base em um determinado estágio da língua, o que leva à descrição de fenômenos linguísticos em (con)textos históricos.

Acrescenta-se que, ainda que a Sociolinguística Histórica lide com dados escritos, diferente da Sociolinguística Variacionista, que tradicionalmente lida com dados de fala, entende-se, com base nos exemplos acima, que mesmo em contextos de escrita podem-se revelar processos sistemáticos de variação, uma vez que se entende que a variação linguística é uma característica formadora das línguas naturais, estando, assim, presente tanto na língua falada quanto em contextos de escrita.

Ao se interessar em explicar quais aspectos internos e externos ao sistema linguístico explicam a variação entre os sinais linguísticos aqui elencados, tendo a Sociolinguística Histórica como aparato teórico-metodológico, entende-se que esta área contribui para explicar usos de diferentes formas linguísticas que se manifestam em uma dada comunidade ao longo do tempo. Além disso, reitera-se que o estudo científico da variação é importante para se entender que as “línguas humanas mudam com o passar do tempo” e que, quando a língua se transforma, pode haver novas estruturas ou palavras, novas funções ou significados (Faraco, 2005, p. 14) (co)existindo em uma dada comunidade.

Ainda que a área da Sociolinguística Histórica já seja bastante consolidada, e que este trabalho pretenda se alinhar a essa vertente dos estudos sociolinguísticos Romaine (2009[1982]), pesquisas inseridas nesse campo, considerando a variedade do português maranhense, ainda são mais escassas. Nessa direção é que se justifica a realização da presente

pesquisa. Justifica-se a realização deste estudo porque aqui amplia-se a proposta de Fortes e Santos (2023)⁴, que analisaram a variação entre as duas morfologias em questão, a partir de jornais maranhenses do século XX. Como esses autores, compreende-se o subjuntivo como uma noção semântica, cuja expressão morfossintática se dá por morfologia própria de subjuntivo ou por morfologia própria de indicativo, mas, agora, utilizando-se como corpus um de cartas publicadas nesses jornais.

Também se amplia o conjunto de dados a serem analisados. Segue-se, para tanto, a orientação de Santos (2015), que, mesmo não se ocupando de análise histórica do fenômeno, analisou a variação entre a morfologia do subjuntivo e do indicativo em São Paulo e São Luís, a partir do que denominou conjuntos de dados, a saber orações subordinadas substantivas, orações subordinadas adjetivas/relativas e orações subordinadas adverbiais.

Esse autor explica que os três tipos de contextos de subordinação funcionam distintamente, o que obriga à realização de análises distintas para os três contextos em questão. Assim, serão analisados contextos de orações subordinadas substantivas (subjativa, objetivas diretas, completiva nominal) adjetivas (restritivas e explicativas) e adverbiais (concessivas, condicionais, finais, causais, temporais) presentes, no corpus, e para os quais foram encontrados dados das duas morfologias, a fim de que se tenha um delineamento no comportamento sociolinguístico das duas morfologias em questão.

De modo mais específico, busca-se verificar se a morfologia do indicativo é usada em contextos em que o esperado, senão prescrito pelas gramáticas tradicionais, é a forma do subjuntivo, podendo, ambas as formas, manifestar os mesmos traços semânticos (Santos, 2015; 2020). Além disso, pretende-se verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos se correlacionam aos usos de formas do indicativo e do subjuntivo nas cartas pessoais e cartas abertas analisadas.

Para tanto, esta dissertação estrutura-se da seguinte forma: No primeiro capítulo, a seguir, apresentam-se os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]) e da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009[1982]), Mattos e Silva, 2004; 2008), Conde Silvestre e Hernández Campoy, 2012), base que fundamenta este trabalho; o segundo capítulo ocupa-se em apresentar um conjunto de trabalhos com os quais o estudo que aqui se desenha dialoga, a fim de que se tenha uma compreensão ainda que global, dos padrões sociolinguísticos da variação do subjuntivo, em

⁴ Um maior detalhamento desse estudo é feito no capítulo 2.

sua perspectiva histórica; o terceiro capítulo dedica-se em descrever os procedimentos adotados na pesquisa, como o conjunto de decisões metodológicas que resultaram na constituição do corpus, na seleção das cartas (pessoais e abertas), na composição das amostras coletadas, com vistas à elaboração do envelope de variação; o quarto discute os resultados das análises quantitativas, nos três contextos de subordinação. O texto se encerra com a lista de referências que têm embasado este estudo.

1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

Orientando-se teórico e metodologicamente na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008[1972]) e na Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009[1982]), o objetivo deste trabalho é analisar a variação na expressão do subjuntivo em amostras de orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX, disponibilizadas na Biblioteca Pública Benedito Leite.

Para que dê conta da apresentação dessa teoria, a primeira seção, a seguir, traz os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), Labov (2008[1972]). Encaminha-se uma descrição da Sociolinguística Histórica, na segunda seção do capítulo. Para tanto, são apresentadas as orientações de Romaine (2009[1982]), Mattos e Silva (2004; 2008), Conde Silvestre e Hernández Campoy (2012).

1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A consolidação dos estudos sociolinguísticos se deu na década de 60, quando Labov iniciou o estudo empírico da língua, isto é, considerando a maneira como ela é produzida pelos indivíduos em uma interação social. A Teoria da Variação e Mudança Linguística, ou Sociolinguística Variacionista, como propõe Labov, estabeleceu suas discussões em torno da heterogeneidade da língua e buscou investigar padrões sistemáticos de variação e mudança linguística informados pelas características sociais, a partir de métodos quantitativos para o estudo da inerente variação que ocorre na fala dos indivíduos. Essa área busca descrever e investigar a relação entre a sociedade e a língua utilizada pelos indivíduos, entre a possibilidade do real e não real de sistematização da variação da própria língua falada (Tarallo, 1997).

Entretanto, não são todas as correntes linguísticas que consideram ou consideraram tal concepção. O estruturalismo, por exemplo, corrente que surgiu antes do aparecimento da sociolinguística, concebeu o estudo da língua de forma homogênea e autônoma. Saussure foi o principal representante do movimento estruturalista, e anunciou o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente. Essa corrente estabeleceu o caráter sistemático da linguística, no qual a língua

era estudada sincronicamente, com base em um conjunto de regras, considerada em si e por si mesma, além de se interessar em analisar a língua como um sistema idealizado.

O estruturalismo considerou que o objeto da linguística não apenas deveria ser sincrônico, no sentido de que só fatos simultâneos é que pertencem a um mesmo recorte temporal linguístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]), como também informou que esse objeto é homogêneo, em que a língua (*langue*) funciona como a parte social da linguagem, enquanto a fala (*parole*), por outro lado, é sempre individual. Ainda que tenha indicado que deveria haver uma linguística da fala, Saussure, ao estabelecer as bases da linguística moderna, ignorou a fala dessa abordagem e estabeleceu que o estudo deveria ser baseado no sistema da língua, com base em suas relações internas em um determinado momento.

A Sociolinguística Variacionista, por outra perspectiva, não apenas defende a heterogeneidade das línguas, como também prevê que as pesquisas desenvolvidas na área podem ser realizadas tanto com dados sincrônicos como diacrônicos “muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua - seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico - como um objeto constituído de heterogeneidade” (Weinreich, Labov e Herzog, 2006[1968], p. 35).

No entanto, é preciso destacar que, ainda que essa concepção de analisar dados diacrônicos seja proposta pela sociolinguística, ela se concentra mais em categorias macrossociais (sexo, gênero, escolaridade, faixa etária, classe social) em uma perspectiva sincrônica. Romaine (2009[1982]) é quem critica a Sociolinguística ao observar que os estudos variacionistas deixaram de fora a análise diacrônica, e se preocuparam principalmente com a análise sincrônica e a ênfase na primazia da língua falada em seu uso de dados reais de fala.

Os estudos sociolinguísticos, propostos por Labov, refletiram também uma crítica ao modelo de análise linguística gerativista, que tem Noam Chomsky seu principal representante e que se interessa pela competência linguística do falante, mas não pelo seu desempenho. No gerativismo “as línguas deixam de ser interpretadas como um comportamento socialmente condicionado e passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural” (Kenedy, 2023, p. 129), segundo Chomsky a capacidade de falar e entender uma língua é inata ao indivíduo, ou seja, o indivíduo já nasce com ela, e tem a ideia do falante ouvinte-ideal.

Em oposição ao que propõe o programa gerativista, que não incluíram em suas análises a variação porque estava fora do âmbito do objeto da linguística, o qual, por sua vez, deveria ser abstraído do “caos” da realidade do uso linguístico (cf. Kenedy, 2023), a Sociolinguística se interessa pelo desempenho dos falantes, isto é, por sua fala. A Sociolinguística estuda a língua em uso numa comunidade de fala, compartilha normas tanto no que se refere ao emprego variável de formas, quanto no que concerne às atitudes sociais diante dessas formas.

Observa-se, diante do exposto, que a Labov reage “contra” alguns paradigmas anteriores. Inicialmente, o autor até toma em parte o conceito de *langue* proposto por Saussure, no entanto, quando se refere a distinção entre *langue/parole* não concorda com o linguista suíço. Para o sociolinguista, a dicotomia entre língua/fala proposta por Saussure deve ser resumida a uma única concepção, e por ter ficado por muito tempo fora do escopo histórico-social com base no modelo estruturalista, a língua passa a ser considerada como um objeto contextualizado.

Com o interesse de analisar a língua não só do ponto de vista dos aspectos internos a ela, Labov também propôs a análise nos fatores externos, pois entendeu que a correlação dos dois é uma explicação para a variação e mudança linguística. É desse modo que o autor concebe a língua: como instrumento de comunicação vivo, utilizada por falantes em contextos reais de uso,

A contribuição de forças internas, estruturais, para a efetiva difusão das mudanças linguísticas, tal como esboçada por Martinet (1955), deve ser naturalmente o foco de atenção de qualquer linguista que esteja investigando esses processos de propagação e regularização. No entanto, uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específico, o que exige uma explicação (Labov, 2008[1972], p. 20).

Labov propõe um estudo sociolinguístico que investigue a estrutura e estágios da língua em contexto social da comunidade de fala, levando em consideração a chamada “linguística geral”, em outros termos, são tópicos linguísticos que lidem com a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica (Labov, 2008[1972]).

Os trabalhos desenvolvidos por Labov em Martha’s Vineyard e em Nova Iorque tornaram-se basilares na sociolinguística, pois oferecem importantes contribuições para as pesquisas linguísticas que têm como foco a variação e a mudança linguística. Pesquisas dessa

natureza mostram o uso da língua em seu estado mais vernacular e a tentativa de descobrir por que e como as línguas mudam, além de mostrar os métodos utilizados na pesquisa, e que são desde então utilizados por pesquisadores da Sociolinguística Variacionista.

As bases teórico-metodológicas para o estudo da variação e mudança linguística são definidas por Weinreich, Labov e Herzog, (2006[1968]), ao defenderem o princípio de heterogeneidade da língua, estabelecendo que o processo de variação e mudança se apresenta de forma regular e sistematizada, seguindo padrões sociais e linguísticos. Conforme apontam os autores, “uma teoria da mudança linguística parte de uma investigação teórica mais ampla sobre a evolução linguística como um todo” (Weinreich, Labov e Herzog, 2006[1968], p. 38). Os autores apresentam a preocupação em relacionar linguagem e sociedade, e buscam romper com a ideia de homogeneidade. Com isso, o objeto de estudo da linguística deve ser a compreensão de uma língua que “sirva a comunidade complexa, ou seja, real, pois a ausência de heterogeneidade estruturada seria disfuncional”.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p.126) “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança; mas todas as mudanças envolvem variabilidade e heterogeneidade”, isso significa que, nem toda diferença ou possibilidade de expressão em uma língua ocorre mudança, mas toda mudança pressupõe a existência da variação. Essa mudança não está relacionada a uma simples substituição de uma forma por outra, mas de um processo de variação, em que os fenômenos estão em “concorrência” e uma variante toma o lugar de uma outra (Tarallo, 1997).

No contexto dos estudos de variação, a Sociolinguística considera que não é possível compreender a variação e a mudança linguística fora do escopo social da comunidade, de modo que se torna necessário identificar os fatores internos e externos ao sistema linguístico que se correlacionam diretamente ao uso, pelos falantes, de uma dada variante linguística. Como bem afirmam, “certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística” (Weinreich, Labov e Herzog, 2006[1968], p. 107). Ainda nessa linha de discussão, os autores comentam que uma mudança linguística não acontece por acaso, além dos fatores estruturais, as

evidências acumuladas ao longo dos anos mostram que a instalação de uma nova variante é progressiva e que, entre dois estágios de uma língua, podem ser identificados sistemas transicionais que suscitam questões sobre a forma como uma

variante passa de um indivíduo para o outro e de um contexto estrutural para o outro (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 141).

Tendo em vista essas considerações, compreende-se que o trabalho teórico metodológico da Sociolinguística parte do falante-ouvinte real, o que possibilita que se busquem materializações e explicações para diferentes fenômenos linguísticos em situações reais de uso, ou seja, no contexto social, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos para o desenvolvimento da mudança linguística.

Ao proporem uma agenda de trabalhos para o estudo da variação e da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) apontam e discutem cinco problemas para explicar o ordenamento da mudança linguística, o que quer dizer que a compreensão de que a mudança é uma característica inerente aos sistemas linguísticos, gradual e sistemática, orientada por fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos, explicada, ainda, pela sua transição, seu encaixamento, implementação e avaliação.

O primeiro desses problemas remetem-se aos *fatores condicionantes* da mudança linguística, que são os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou limitam a mudança linguística. É esse fator que ajuda o pesquisador a definir os contextos de ocorrência de variação e/ou mudança, além de que esse problema compreende o levantamento dos fatores que condicionam o uso mais frequente de uma nova forma. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 121) sugerem que “um possível objetivo para uma teoria da mudança linguística é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança; na medida em que tal programa deriva de um estudo minucioso de mudanças em progresso”.

O segundo problema, o da *transição*, é estabelecido considerando categorias macrossociais, como o próprio modelo da sociolinguística, especialmente, a faixa etária dos falantes,

Todas as mudanças submetidas ao exame empírico cuidadoso até agora têm mostrado distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população. Entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 122).

Nas palavras de Labov (2008[1972], p. 193), o interesse em se incluir o problema da transição na análise da variação/mudança linguística é o de se “encontrar o caminho pelo qual

um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior”, sem, por exemplo, intervir na comunicação de uma comunidade de fala a partir das fases intermediárias que as variantes coocorrem. Para o estudo diacrônico o problema da transição remete ao estágio da mudança em progresso, no sentido de acompanhar as etapas ou o percurso levado pela forma inovadora até que ocupe o espaço da forma denominada conservadora.

O terceiro problema, do *encaixamento*, refere-se ao fato de uma mudança ser explicada pelo condicionamento de fatores estruturais e não estruturais da língua, nesse problema o propósito é estabelecer o grau de correlação existente entre fatores da estrutura da língua e fatores sociais,

O problema do encaixamento é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social (Labov, 2008[1972], p. 193).

Para exemplificar, utiliza-se como base o fenômeno de análise desta dissertação, o encaixamento é o quanto fatores estruturais (fatores linguísticos) e fatores extralinguísticos explicam o fato de a morfologia do indicativo estar ocupando espaço dedicado a morfologia de subjuntivo. Ainda, é o quanto a variante (morfologia do indicativo) é percebida no comportamento da comunidade linguística.

O *problema da avaliação* relaciona-se ao estabelecimento dos correlatos subjetivos aos vários estratos e variáveis numa estrutura heterogênea (Weinreich, Labov e Herzog, 2006[1968]). Esse problema busca explicar como os indivíduos de uma determinada comunidade avaliam a variação linguística, de modo que verifique os efeitos dessa avaliação, se positiva ou negativa, levando à propagação ou não de certas formas linguísticas, o que, por sua vez, pode simplesmente excluir o processo de variação/mudança presentes.

O problema da *implementação*, por sua vez, revela o porquê de uma forma inovadora tomar o espaço da forma conservadora em uma determinada variedade linguística e em um determinado momento e não em outro recorte temporal. A partir da identificação dos condicionadores (primeiro problema), é possível a explicação do problema da implementação, de como a forma inovadora é implementada em determinado contexto/momento e não outro. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 121) sugerem que

uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. [...] Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradativamente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. [...] Por fim, a completação da mudança e a passagem da variável para o status de uma constante se fazem acompanhar da perda de qualquer significação social que o traço possuía.

Sobre isso, Tarallo (1997, p. 73-74) expõe que o principal ponto é explicar “como o sistema muda sem causar danos a sua inerente função de representação”, e, a partir dessa explicação, resume os cinco problemas em perguntas que devem ser respondidas com base nos problemas citados acima:

1. Fatores condicionadores: quais os fatores gerais efetivos para a mudança - se é que existem - que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança?
2. Encaixamento: como uma determinada mudança linguística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e linguísticas?
3. Avaliação: como os membros de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança e, em especial, quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo em si?
4. Transição: como e por quais caminhos a língua muda?
5. Implementação: Por que, quando e onde determinada mudança ocorreu?

Dos cinco problemas citados acima, com exceção do problema da avaliação, os que interessam para esta pesquisa são os que estão ligados aos fatores linguísticos: problema do condicionamento, problema da transição, do encaixamento e da implementação. A transição é o que está mais relacionado ao estudo diacrônico, pois é o processo de variação e mudança de uma forma com o passar do tempo.

Em vista disso, estudos têm sido conduzidos por essa área denominada Teoria da Variação e Mudança Linguística com o intuito de analisar diferentes fenômenos de variação que ajudam a explicar e descrever a heterogeneidade sistemática das línguas naturais, heterogeneidade esta condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Com isso, o trabalho aqui proposto insere-se nesse contexto por se tratar de uma análise que busca explicação a partir de diferentes períodos dos séculos XIX e XX. O

próximo tópico abordará sobre a Sociolinguística Histórica, subárea da Sociolinguística Variacionista focalizada neste estudo.

1.2 Da Linguística Histórica à Sociolinguística Histórica

Desde seu surgimento na década de 1980, a Sociolinguística Histórica vem contribuindo com os estudos a respeito das línguas naturais, por meio da descrição e explicação das línguas com base em textos históricos. Romaine (2009[1982]) foi quem despertou interesse ao estudar a variação linguística em textos escritos, partindo de métodos da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Histórica.

Ao passo em que a Sociolinguística Variacionista investiga a estrutura e estágios da língua em contexto social da comunidade de fala, com foco nas regras variáveis condicionadas por fatores internos e externos ao sistema linguístico. É uma área que consolidou as discussões em torno da heterogeneidade da língua e que buscou investigar padrões sistemáticos na sociedade, a partir de métodos quantitativos e de variação que ocorrem entre os indivíduos.

A Linguística Histórica, por sua vez, estuda “as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa” (Faraco, 2005, p. 13). Segundo esse autor, as línguas humanas não são estáticas, já que passam por alterações estruturais no decorrer do tempo, com mudanças que atingem algumas partes e não o todo da língua. Conforme explica o autor, mesmo com mudanças as línguas continuam em movimento e não perdem seu caráter sistêmico, isso significa que a história das línguas se constrói em um complexo “jogo de mutação e permanência”. Essas mudanças podem não ser percebidas pelos falantes ou, conforme explica o autor, os falantes não têm consciência dessas mudanças, só irão perceber a existência de mudança, quando aparecem situações em que “os falantes são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua” (Faraco, 2005, p. 15).

Nos estudos que se encontram no escopo da Linguística Histórica, a observação da mudança linguística se dá em um processo histórico, no qual há “concorrências das formas em variação até a vitória de uma sobre a outra”. São situações nas quais uma palavra ou estrutura deixa de ocorrer, ou ser usada, ou ainda, são modificadas “em sua forma, função e/ou significado”. Toda língua passou/passa por fases que apresentam características próprias e que vão sendo determinadas pela estrutura da sociedade, isto é, de acordo com o tempo, a partir de

fatores linguísticos e extralinguísticos, a variação e as mudanças vão ocorrendo de maneira lenta e gradual.

No que concerne ao próprio português contemporâneo, importa verificar que ele não é o mesmo de tempos atrás, assim como o português de hoje não será o mesmo daqui alguns anos, e as mudanças que vão ocorrendo a partir da frequência de uso de certas formas linguísticas, deixam vestígios por meio da escrita. Um exemplo disso é o próprio uso do indicativo e subjuntivo, diversas pesquisas têm mostrado que essas duas formas estão em coocorrência, e que existem contextos (ainda que sutil) em que a morfologia do *indicativo* ocupa o espaço dedicado a morfologia do *subjuntivo* (cf. Alves, 2009, Baiocato, 2017).

Faraco (2005) aponta que a mudança ocorre em diferentes níveis da análise linguística, seja no âmbito fonético fonológico, quanto no morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático. Mattos e Silva (2008, p. 8) também dialoga sobre a Linguística Histórica, a autora explica que,

tradicionalmente, define-se a linguística histórica como o campo da linguística que trata de interpretar mudanças - fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais - ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo.

A autora trabalha com a noção de Linguística Histórica com base em duas vertentes: a lato sensu e a stricto sensu. A vertente lato sensu refere-se “aos dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em corpora, [...], tal como os estudos descritivos, sobretudo do estruturalismo americano”. A Linguística Histórica stricto sensu, por outro lado, “se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que tais línguas são usadas. É essa a tradicional concepção da linguística histórica” (Mattos e Silva, 2008, p. 09).

Na linguística stricto sensu existem duas orientações que podem ser trabalhadas: a Linguística Histórica sócio-histórica, que “considera fatores extralinguísticos ou sociais, também fatores intralinguísticos, como a sócio-história proposta por Romaine (1985), e as sociolinguísticas, que tratam da mudança linguística” (Mattos e Silva, 2008, p. 9), além da linguística diacrônica associada, que “considera apenas fatores intralinguísticos”.

A proposta de análise apresentada neste trabalho, entra na perspectiva da vertente stricto sensu, da Linguística Histórica sócio-histórica (designação dada por Mattos e Silva, 2008), uma vez que considera a análise de dados com base na sociolinguística, que ocupa-se

da variação e mudança linguística, e também na sócio-história proposta por Romaine, que trata de textos históricos.

A Sociolinguística Histórica, portanto, se entrecruza nessas áreas da linguística. Romaine (1982) confirma em seu texto a possibilidade de a Sociolinguística Variacionista coletar e analisar amostras de textos históricos, sobretudo porque já existiam outras áreas que desempenhavam esse papel, como a Dialetoologia e a própria Linguística Histórica, ainda que não amparadas pelo interesse estatístico da variação, uma das contribuições trazidas pela pesquisa variacionista e que a Sociolinguística Histórica também abarca.

Os trabalhos da Sociolinguística Histórica entram nesse panorama de estudo, quando Romaine (2009[1982]) verifica a viabilidade de aplicação do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista na análise de dados históricos. A autora percebeu que a variação ocorre não só por dados de fala em uso proposto por Labov (2008 [1972]), mas também por dados linguísticos históricos, ainda que esses dados não comprovem mudanças ao longo do tempo,

A sociolinguística desenvolveu-se, em parte, a partir da preocupação dos linguistas em descrever a variação encontrada na língua falada, mas a variação também ocorre na língua escrita, pode-se supor, de forma padronizada e não aleatória. Consequentemente, as técnicas que os sociolinguistas utilizaram para analisar a variação encontrada na fala dos nova-iorquinos também têm alguma relevância para a variação no uso de marcadores relativos no escocês médio e para problemas históricos em geral (Romaine, 2009 [1982], p. 13, tradução nossa)⁵.

É no contexto dessa discussão que Romaine estabeleceu o campo de estudos da Sociolinguística Histórica por meio do estudo da sintaxe da variedade sociolinguística do escocês médio em diferentes tipos de textos, ao estudar a variação entre as formas *-wh*, como *quhilk* e *which*, *-th*, como em *that* e a não realização (\emptyset) do pronome relativo, em casos como em *I **that** hear that this is loyal troop* e *I \emptyset hear that this is a loyal troop*. Nesse trabalho, a autora constatou que no “Escocês Médio, as estratégias de relativização das mulheres estavam mais próximas das normas vernaculares do que as estratégias dos homens” (Rosa, 2015, p. 08) e que isso poderia ser uma variabilidade ao longo do tempo, sem necessariamente ser uma mudança.

⁵ Tradução do inglês: “Sociolinguistics developed partly out of the concern of linguists to describe variation found in the spoken language, but variation also occurs in written language in, one can assume, a patterned rather than a random way. Consequently, the techniques which sociolinguists have used to analyze the variation found in the speech of New Yorkers also have some relevance to variation in the use of relative markers in Middle Scots, and to historical problems in general” (Romaine, 2009 [1982], p. 13).

Em sua pesquisa, Romaine contou com uma série de hipóteses, fatores linguísticos e extralinguísticos que se correlacionaram com a variação do fenômeno analisado por ela. Para os fatores linguísticos, a autora controlou, por exemplo, características do antecedente (animado), a posição sintática do marcador relativo na cláusula, o tipo de cláusula (restritiva, não restritiva). Por outro lado, para as variáveis extralinguísticas foram consideradas o tipo de texto (se era prosa ou verso) e o estilo dentro do texto, isto é, discurso citado ou prosa narrativa. A autora acrescenta, ainda, que também tentou controlar “possíveis fontes externas de variação, limitando os textos a serem amostrados, tanto cronológico quanto geograficamente, à região da Escócia Central durante o período de c. 1530-1550” (Romaine, 2009 [1982], p. 02).

Tendo em vista o trabalho da Sociolinguística Histórica a partir de documentos históricos/escritos, a autora afirma que a língua escrita sempre foi objeto de estudo, mas do ponto de vista sociolinguístico, ou com “técnicas sociolinguísticas” não foram empregadas nos estudos sociolinguísticos. De acordo com ela,

A sociolinguística sempre enfatizou a primazia da língua falada em seu uso de dados reais de fala e, de fato, não houve nenhuma consideração explícita sobre como se poderia tentar um sociolinguístico de uma língua escrita. [...] O fato de a sociolinguística ter sido considerada uma subdisciplina, ou disciplina híbrida, da linguística também teve um efeito limitador em sua aplicação à língua escrita, que parecia pertencer mais imediatamente ao domínio de outra subdisciplina, a linguística histórica. Se, no entanto, considera-se que a linguística é sociolinguística, então se a linguística tem alguma aplicação em testes escritos, deve-se concluir que a sociolinguística também tem (Romaine, 2009[1982], p. 15-16, tradução nossa).⁶

Essa relação da língua falada x língua escrita é explicada por Romaine, uma vez que é uma interessante discussão quando se trata de dados sociolinguísticos e também porque a língua escrita é uma forma indispensável para análise de variação linguística⁷,

Pode-se dizer que a linguagem falada e a escrita são instâncias da mesma linguagem incorporadas em diferentes meios, partindo do pressuposto de que um meio pode ter potencial para autonomia total como veículo para a linguagem. [...] A função da

⁶ “Sociolinguistics has always emphasized the primacy of the spoken language in its use of actual speech data, and indeed, there has been no explicit consideration of how one might attempt a sociolinguistic study of a written language. [...] The fact that sociolinguistics has been considered a subdiscipline, or hybrid discipline, of linguistics has also had a limiting effect on its application to the written language, which seemed to belong more immediately to the domain of another subdiscipline, historical linguistics. If, however, the view is taken that linguistics is sociolinguistics, then if linguistics has any application to written texts, it must follow that sociolinguistics does also” (Romaine, 2009[1982], p. 15-16).

⁷ “É inquestionável que uma teoria Sociolinguística Histórica deverá fundar-se numa perspectiva coerente sobre a relação entre língua falada e língua escrita” Carvalho (1998, p. 199).

escrita, portanto, não é meramente registrar a linguagem falada; a escrita tem uma existência independente (Romaine, 2009[1982], p. 14-15, tradução nossa)⁸.

Essa discussão levantada por Romaine evidencia a importante possibilidade do estudo de variação com base na língua escrita. Coadunando-se com essa autora, entende-se relevante a produção de pesquisas com textos escritos sobretudo porque elas contribuem para explicar problemas/fenômenos linguísticos em sincronia atual, a partir de um olhar diacrônico, já que textos escritos fornecem dados a respeito de um determinado estágio da língua, e pode ser uma ajuda para descrever os fenômenos linguísticos do passado.

Silvestre e Hernández-Campoy (2012) também dialogam em torno da importância e interesse da Sociolinguística Histórica nos estudos linguísticos. De acordo com esses autores, a Sociolinguística Histórica “é um subcampo híbrido que subsiste no caráter interdisciplinar da metodologia sociolinguística”. Os autores afirmam que nas últimas décadas o estudo sobre a história das línguas foi renovado, pois além de novas metodologias aplicadas aos estudos linguísticos, a aplicação sistemática dos seus princípios e instrumentos têm descoberto novos aspectos de analisar e interpretar.

A investigação Sociolinguística enriquece a compreensão de algumas das mudanças que constituem a história das línguas e uma das partes mais importante dessa disciplina tem sido a contribuição na discussão entre o passado e o presente (cf. Conde Silvestre e Hernández Campoy, 2012). Para os autores, a evolução dos sistemas linguísticos decorre em correlação com o contexto sócio-histórico dos seus falantes, no qual os avanços de estudos e explicações sincrônicas podem ajudar na compreensão de fenômenos diacrônicos e vice-versa, o que se relaciona com o princípio do uniformitarismo, proposto por Labov (2008[1972]).

O princípio do uniformitarismo laboviano, refere-se aos mesmos mecanismos que operaram para produzir mudanças no passado podem estar operando nas mudanças correntes (Labov, 2008). De outro modo, quando a língua transmite formas linguísticas através de diferentes momentos, entende-se que as formas variantes já apareciam, em alguma medida, em recortes linguísticos temporais passados. Nas palavras de Mattos e Silva (2006, p.16) “variações do presente, heranças do passado”. Nesse sentido, destaca-se o fato da importância de se reconstruir o percurso sociolinguístico histórico das línguas naturais, em especial o

⁸ “Thus it can be said that spoken and written language are instances of the same language embodied in different media, by assumption that a medium can have potential for full autonomy as a vehicle for language. The function of writing then is not merely to record the spoken language; writing has an independent existence” (Romaine, 2009[1982], p. 14-15).

português brasileiro, a fim de se obter um quadro mais completo dos processos formativos dessa variedade linguística (cf. Mattos e Silva, 2004). Neste trabalho, em uma perspectiva diacrônica do português maranhense.

Arelado a isso, a discussão levantada acima importa para o presente estudo porque são menos numerosos os trabalhos sociolinguísticos históricos no contexto maranhense. Destacam-se as pesquisas de Santos, Lopes e Fortes (2022), que propuseram uma análise de formas indicativas, em contextos em que o esperado pelas gramáticas normativas são as formas do subjuntivo, a partir de documentos do século XIX. Os autores verificaram que ambas as morfologias (morfologia de indicativo e morfologia de subjuntivo) podem funcionar como variantes linguísticas na expressão de modalidades típicas do subjuntivo nos documentos escritos no século XIX, e que o item lexical verbal da oração principal parece importar para explicar o uso de uma forma ou outra em contextos em que o esperado é o subjuntivo.

Além desse, destaca-se, ainda, o estudo desenvolvido por Santos, Lopes e Miranda (2022) e Santos e Fortes (2023). Os primeiros se ocuparam em analisar dados de posição de advérbios finalizados em *-mente*, observando a posição (pré-verbal e pós-verbal) desse tipo de advérbio em relação ao verbo, bem como o aspecto semântico a eles atribuído, qualitativo ou modalizador. Os autores obtiveram como resultado que ambas as estruturas adverbiais (posição pré e pós-verbal) funcionam como variantes na modificação dos verbos que são acompanhados por tais advérbios nos dados analisados, e que os advérbios modalizadores e os advérbios qualitativo parecem se correlacionar mais à posição pós-verbal. Os segundos autores, por sua vez, estudaram a variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em orações subordinadas substantivas, extraídas de documentos escritos no Maranhão, e como resultados, mostraram que as variáveis verbo da oração principal, tempo verbal da oração principal e a presença de elementos de negação explicam a variação indicativo/subjuntivo⁹.

1.3 Algumas considerações sobre o método sócio-histórico

Hernández Campoy e Schilling (2012), ao discutirem a validade empírica dos métodos da Sociolinguística Histórica, apontam os problemas que essa subárea pode apresentar e, por outro lado, mostram por que e como, muitas vezes, ela é considerada

⁹ Esses estudos são desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística – GEPeS/UFMA.

limitada pela falta de validade empírica: como a investigação precisa apoiar-se em registros linguísticos de épocas anteriores, a documentação disponível pode estar incompleta, carecer de representatividade e, no caso dos materiais escritos, nem sempre refletir a língua efetivamente usada no período estudado. Nessa linha, os autores enumeram os “principais problemas” com os quais o pesquisador deve lidar, a saber representatividade, validade empírica, invariância, autenticidade, autoria, validade social e histórica e ideologia padrão, ressaltando, contudo, que tais “problemas teóricos e processuais também estão presentes mesmo na metodologia aparentemente rigorosa da Sociolinguística Variacionista” (Hernández Campoy e Schilling, 2012, p. 63).

Quanto ao problema da representatividade, Hernández Campoy e Schilling (2012) ressaltam que pesquisas socio-históricas devem considerar cuidadosamente o perfil dos falantes, os segmentos populacionais contemplados e as formas de linguagem analisadas, uma vez que não é possível “reprojetar” dados preexistentes ou reconstituir integralmente documentos históricos. Representatividade designa, nesse contexto, o grau em que a amostra espelha a composição social e estilística do período; como se trata de documentação histórica, perdas de acervo e lacunas de conservação fazem com que muitos conjuntos recuperados sejam fragmentários e, portanto, parciais.

Quanto à *validade empírica*, ela depende da disponibilidade dos dados linguísticos, sobretudo quando o conjunto e o tamanho dos textos são reduzidos, o que, inclusive, explica por que a Sociolinguística Histórica costuma trabalhar com amostras limitadas. Além disso, a validade empírica envolve a definição adequada das variáveis dependentes e independentes que serão analisadas. Para ilustrar, tomam-se as peças teatrais inicialmente previstas como corpus desta pesquisa (metodologia, 2.2): a análise não pôde ser mantida porque o acervo reúne poucas peças com data e local explicitamente identificados, e a data (ano) constitui variável do estudo. Diante disso, impôs-se ampliar a prospecção documental e proceder à análise do material disponível, com critérios de inclusão e exclusão compatíveis com os requisitos de metadados.

A *invariância* remete ao tipo de material que é usado na pesquisa que pode afetar a investigação, portanto, deve-se ter cuidado em,

não exagerar na uniformidade aparente ou firmeza de nossas conclusões a respeito da padronização da variabilidade que observamos, uma vez que, com toda a probabilidade, provavelmente havia mais variabilidade, talvez com padrões

diferentes, na linguagem falada mais antiga do que nos registros escritos que permanecem (Hernandez Campoy e Schilling, 2012, p. 68, tradução nossa)¹⁰.

A *invariância* relaciona-se ao grau de formalidade dos textos. Na pesquisa socio-histórica, trabalha-se com materiais escritos de épocas anteriores e, como a modalidade escrita tende a aproximar-se da linguagem formal em comparação à oralidade, há maior controle normativo, o que pode reduzir a ocorrência de variação observável. Diante disso, estudos têm mostrado que o trabalho com cartas é particularmente relevante para a Sociolinguística Histórica, porque esse gênero transita entre registros, aproximando-se tanto do formal quanto do informal (cf. Berlinck, Barbosa e Marine, 2008).

A *autenticidade*, descrita por Hernández Campoy e Schilling (2012) como “pureza nos textos”, refere-se ao grau em que as formas linguísticas registradas em fontes escritas (dialeto, vernáculo) refletem de fato a variedade de quem produziu o texto. Como a documentação pode ter passado por cópia, edição ou mediação de terceiros, a variedade registrada nem sempre corresponde à do autor nominal.

A *autoria*, por sua vez, exige cautela na atribuição da assinatura, pois, em períodos pretéritos, era comum recorrer a escreventes para redigir; assim, nem sempre é possível identificar com segurança quem efetivamente escreveu. As *cartas* exemplificam ambos os problemas: não se pode assegurar que a variedade linguística nelas presente seja a do signatário, nem que a mão que as redigiu coincida com a pessoa indicada.

Para a *Validade social e histórica: contexto histórico e sociocultural*, os autores recorrem a Labov (1994), que aponta a dificuldade de determinar a posição social de quem escreve e a estrutura social da comunidade à qual pertencem os textos escritos. Ainda que não se possa confirmar que a assinatura de uma carta corresponda ao escrevente, o corpus de cartas abertas desta dissertação oferece pistas textuais úteis: quando o remetente é apresentado, costuma vir acompanhado de sua ocupação, como em “Carta aberta do Dr. Claudio Roland”; também o destinatário pode ser explicitado, como em “Carta aberta ao Exm. Sr. Governador do Estado”. Tais marcas permitem inferir, ainda que de forma indireta, a posição social dos participantes.

¹⁰ “Hence, we must be careful that we do not overstate the extent of apparent uniformity or the firmness of our conclusions regarding the patterning of the variability we do observe, since in all likelihood, there was probably more variability, perhaps with different patterns, in older spoken language than in the written records that remain” (Hernandez Campoy e Schilling, 2012, p. 68).

Por fim, a *ideologia padrão*, conforme apresentada pelos autores, está relacionada à padronização das línguas e às crenças que a sustentam, isto é, à suposta superioridade, correção e clareza das variedades tidas como “padrão”. Como registram Hernández Campoy e Schilling (2012, p. 70), com base em Britain (2005): “essa noção e as crenças subjacentes sobre a superioridade, correção, clareza das línguas ‘padrão’ tornaram-se, como aponta Britain (2005), tão arraigadas na forma como pensamos que se tornaram convencionadas e tidas como certas”¹¹.

Como a base empírica da Sociolinguística Histórica é, em grande medida, composta por textos escritos, “a produção de corpora legíveis por computador facilitou, sem dúvida, o desenvolvimento da pesquisa”. O avanço das tecnologias da informação vem ampliando a digitalização e a curadoria de acervos documentais, multiplicando corpora pesquisáveis e tornando as consultas mais amplas e replicáveis. Nessa direção, a Sociolinguística Histórica mostra-se “crucial nas áreas de estudo para as quais os registros orais não estão disponíveis, especialmente ao estudar desenvolvimentos de longo prazo na variação e mudança linguística” (Hernández Campoy e Schilling, 2012, p. 74).

Nesse panorama de discussão da análise de textos e documentos escritos pela via da Sociolinguística Histórica, Mattos e Silva (2004, p. 120) destaca que o trabalho com documentos históricos é necessário, pois eles são “base para a reconstrução do passado linguístico do português que aqui se formou, o português brasileiro, já hoje tão bem definido na sua diferença em relação ao português europeu”.

A autora ressalta a necessidade de reconstruir o percurso sociolinguístico e histórico das línguas naturais, com base em amostras do português brasileiro, a fim de compor um quadro mais completo dos processos de formação dessa variedade. Mostra que as fontes históricas são fundamentais para a história Sociolinguística do Brasil e, nesse movimento, revisita a história do país desde o século XVI, buscando indícios que expliquem a constituição e a difusão do português brasileiro.

Nesse sentido, Mattos e Silva (2004, p. 71) afirma que as “fotografias” do português brasileiro obtidas por pesquisas sociolinguísticas recentes comprovam sua heterogeneidade e que o diagnóstico da sincronia atual só se compreende à luz de um “filme diacrônico do passado linguístico”. À luz desse princípio, estudos históricos baseados em documentos

¹¹ “This notion and surrounding beliefs about the superiority, correctness, clarity, etc. of ‘standard’ languages have, as Britain (2005) points out, become so entrenched in the way we think that they have become conventionalized and taken for granted. In other words, they have become language ideologies” (Hernández Campoy e Schilling, 2012, p. 70).

escritos contribuem para explicar a variação em contextos e períodos distintos do presente, pois delineiam o percurso da língua ao longo do tempo em uma comunidade. Como assinala Carvalho (1998), a dimensão diacrônica constitui um dos eixos centrais da Sociolinguística e permite ao pesquisador identificar as circunstâncias históricas que motivam a diversidade atual e oferecer respostas para questões que, à primeira vista, parecem enigmáticas.

Tendo isso como informação, analisar a variação entre a morfologia do subjuntivo e do indicativo em cartas (pessoais e abertas), publicadas em jornais maranhenses, nos séculos XIX e XX, não apenas leva a uma melhor compreensão de como se dão os processos de variação que desenham o sistema linguístico do modo como é utilizado hoje, como também permitirão verificar se a variedade escrita do português falado no Maranhão se diferencia da variedade escrita de outras regiões do país.

Mais recentemente, essa variedade linguística tem sido mais analisada com as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão (GEPeS/UFMA), ainda que o recorte temporal tenha se limitado ao século XIX (cf. Santos; Lopes; Fortes, 2022; Santos e Fortes, 2023).

A pesquisa aqui proposta avança ao inserir dados do século XX e ao ampliar o gênero analisado, passando de documentos jornalísticos para cartas abertas e cartas pessoais publicadas na imprensa maranhense. Essa ampliação permite observar com maior precisão o comportamento variável indicativo/subjuntivo no português maranhense em perspectiva diacrônica, com foco em períodos pretéritos. A contribuição para a compreensão dos processos de formação e difusão do português brasileiro em sua variedade maranhense constitui, por si só, justificativa central para o escopo deste trabalho.

Antes de apresentar as análises dos dados históricos coletados nas cartas pessoais e abertas publicadas nos jornais maranhenses entre os séculos XIX e XX, procede-se a uma breve resenha de estudos sobre a variação entre as morfologias do indicativo e do subjuntivo no âmbito da Sociolinguística Histórica no Brasil.

2. ESTUDOS SOBRE A MORFOLOGIA DO SUBJUNTIVO NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

O estudo da produção e da percepção da morfologia do subjuntivo é amplo no Brasil (cf. Alves Neta, 2000; Carvalho, 2007; Fagundes, 2007 Santos, 2015, 2020; Pimpão, 2021) e nas línguas neolatinas (Barra Rocha, 1992; Poplack, Pousada 1981; Poplack, 1990, 1994; Grimm, 2012). Do ponto de vista histórico, destacam-se os trabalhos de Alves (2009), Pimpão (2012; 2020); Baiocato (2017) e Santos e Fortes (2023). Todas elas, em geral, mostram como a forma do subjuntivo é bastante produtiva em textos escritos em sincronias anteriores à atual, ainda que, de maneira sutil, a forma do indicativo tenha figurado no espaço dedicado ao subjuntivo.

O trabalho que aqui se desenha coaduna-se a este último conjunto de trabalhos ao incluir a discussão sobre subjuntivo e indicativo com base em textos escritos no Maranhão. Para tanto, esta seção tem o objetivo de descrever uma amostra de pesquisas que se interessaram sobre o uso variável de formas do subjuntivo e do indicativo a partir de dados do português do Brasil, em uma perspectiva diacrônica.

As pesquisas descritas, a seguir, permitem não apenas mapear essa variável, como também observar como ela se apresenta nos seus diferentes contextos de análise e que contribuirão para as discussões do trabalho aqui proposto. Na sequência, são apresentados os trabalhos de orientação sócio-histórica, a partir da descrição dos seus objetos de estudo, metodologia e os resultados encontrados.

Alves (2009)

Essa autora analisou o modo subjuntivo em duas sincronias do português brasileiro, século XVI e contemporaneidade (dados de fala), com base em dados de Muriaé-MG e Feira de Santana-BA. A pesquisa teve como foco a análise de amostras de tempo presente em orações completivas, adverbiais e relativas, como demonstra os exemplos apresentados pela autora,

- (1) Contexto de completiva expressando modalidade volição
 - a. Quero [que você **venha**].
 - b. Quero [que você **vem**]. [MU01SI]
 - c. Quero [a sua **vinda**].

(2) Contexto de adverbial, expressando ideia de finalidade

- a. O professor vai ter uma atitude [para que o aluno **melhore** o desempenho na disciplina] [MU03EM].
- b. O professor vai ter uma atitude [para que o aluno **melhora** na disciplina].
- c. O professor vai ter uma atitude [para o aluno **melhorar** na disciplina].

(3) Contexto de relativa expressando modalidade existência real

- a. O cliente quer um sofá [que **seja** bonito e confortável].
- b. O cliente procura um sofá que **é** bonito e confortável]. [MU09WA]
- c. O cliente procura um sofá [] bonito e confortável

O interesse do trabalho foi verificar a atuação de fatores estruturais e sociais na coocorrência indicativo/subjuntivo e no uso de estruturas alternativas (sentenças que se apresentam com a forma verbal nominalizada, no gerúndio, no infinitivo, elíptica ou no futuro condicional), bem como na identificação de aspectos sintáticos e semânticos apresentados por essas estruturas.

A autora partiu de algumas hipóteses defendidas em outros trabalhos, de que o subjuntivo não está relacionado somente à coocorrência do indicativo, mas também de sentenças que apresentam as formas nominais: infinitivo, gerúndio, elíptica. Como nos exemplos apresentados por Alves (2009, p. 32):

- a. Desejo que meu aluno passe em um bom concurso. (subjuntivo)
- b. Desejo que meu aluno passa em um bom concurso. (indicativo)
- c. Desejo meu aluno passar em um bom concurso. (estrutura alternativa) [FS11TS]

Para a análise, consideraram-se variáveis não estruturais e estruturais. Entre as não estruturais, incluíram-se nível de escolaridade, faixa etária e sexo/gênero. As estruturais foram delimitadas por tipo de construção: (i) em orações completivas, analisaram-se o tipo de oração (subjetiva, objetiva direta/indireta, completiva nominal, predicativa) e a modalidade do verbo da oração matriz; (ii) em orações adverbiais, o tipo de conjunção (final, temporal, condicional, concessiva, causal) e, no corpus do século XVI, a distância entre a conjunção e a forma

verbal; (iii) em orações relativas, a pessoa gramatical (1^a, 2^a, 3^a), o paradigma verbal, a distância entre o pronome relativo e a forma verbal e a animacidade do antecedente; e (iv) em estruturas alternativas, o tipo de estrutura; para completivas, a modalidade; para adverbiais, o tipo de conjunção e a distância conjunção–verbo; e, para relativas, o paradigma verbal, a conjugação e a animacidade do antecedente.

Os resultados são apresentados separadamente para as duas sincronias, século XVI e contemporaneidade, com cada tipo de oração codificada e analisada separadamente, o que possibilitou verificar, de modo geral, que as estruturas alternativas (gerúndio, infinitivo, elíptica ou futuro condicional) lideram nos contextos de orações completivas e adverbiais na expressão de modalidades típicas do subjuntivo em ambos os períodos, ao passo que, nos contextos de orações relativas, observa-se um avanço expressivo do presente do indicativo.

Nos dados do século XVI não foi registrada coocorrência indicativo/subjuntivo no conjunto de orações completivas. Foram encontrados apenas casos de presente do subjuntivo e estruturas alternativas. Nesse contexto, mostraram-se favorecedoras a *modalidade verbal* e o *tipo de oração*. No que diz respeito à modalidade, *possibilidade* favorece as estruturas alternativas “[g_008_s_98]..., é nem mais nem menos como um braço de mar, **até onde se pode navegar** por entre as linhas sem nenhum impedimento.”; e *volição* favorece a morfologia do subjuntivo “[g_008_s_456] algumas Índias há também entre eles que determinam **de ser castas**: as quais não conhecem”. Quanto ao tipo de oração, há maior favorecimento das formas do subjuntivo entre as objetivas diretas e de estruturas alternativas nas subjetivas.

Ainda no que diz respeito aos dados do século XVI, a comparação entre presente do indicativo e presente do subjuntivo mostra que as conjunções concessivas e temporais favorecem mais a forma do subjuntivo, comparativamente às formas do indicativo, enquanto as conjunções causais e consecutivas, finais e condicionais ocorreram apenas com a forma do subjuntivo. Nas orações relativas, houve maior predominância do presente do subjuntivo, na comparação com o indicativo, os traços *inanimado* e *mais humano* são os que mais favorecem o uso do presente do subjuntivo, além da variável *paradigma verbal*, em que a variante *verbos regulares* também favorecem o modo subjuntivo.

Para os dados do corpus *contemporaneidade*, as orações completivas indicam que a expressão de modalidades típicas subjuntivas se realiza por meio de estruturas alternativas, tanto na cidade mineira quanto na cidade baiana. Observou-se coocorrência de formas do

indicativo e do subjuntivo, enquanto na cidade baiana se registrou apenas a morfologia do subjuntivo.

Como não foram encontrados dados de presente do indicativo em orações completivas, em Feira de Santana, a comparação entre presente do indicativo e presente do subjuntivo foi apresentada apenas para os dados da cidade mineira, em cuja amostra, há a predominância da forma do subjuntivo, especialmente nos grupos de fatores modalidade (*necessidade, volição, possibilidade*) e tipo de oração (subjativa e objetiva direta).

Na análise entre estruturas alternativas e presente do subjuntivo, entre as orações completivas, Alves (2009) explica que as orações subjativas se correlacionam às estruturas alternativas nas duas cidades analisadas. Quanto à *modalidade*, as estruturas alternativas são menos frequentes em contextos de *volição* e mais frequentes em contextos de *necessidade* e *possibilidade*, como mostram os exemplos apresentados por Alves (2009, p. 140), a seguir:

(i) Modalidade necessidade/obrigação

a. Eu **tenho que ensinar** separado [MU01SI] (alternativa)

b.[Você **tem que ser** excelente], prá ser reconhecido no mercado...
[MU01SI] (alternativa)

c. Eu aconselho que esses pais **continuem** acompanhando o estudo
(subjuntivo)

(ii) Modalidade possibilidade/probabilidade

a. Você vai separar algumas, [porque não **pode por** certas na máquina]
[MU08JC] (alternativa)

b.Prá ser reconhecido na profissão, você não **pode ser** mais ou menos, ...
[MU01SI] (alternativa)

c. Pode ser que [eu **tenha** ido] no dia que o povo não tava (subjuntivo)

Quanto aos dados de adverbiais nos três contextos de análise, indicativo, subjuntivo e alternativas, observa-se que essas últimas são as mais recorrentes na amostra. Na análise da atuação dos fatores estruturais na oposição entre estruturas alternativas e presente do subjuntivo, observou-se que, para as duas localidades, os ambientes com conjunções condicionais e finais, a exemplo de “*Se você **tiver** fome, você vá comer*” e “*Provavelmente eu*

dê entrada na aposentadoria *para descansar um pouquinho*”, favoreceram o uso de estruturas alternativas.

Os resultados em contextos de orações relativas sinalizam que as estruturas alternativas são menos recorrentes nas duas localidades, ao passo que em Muriaé, o presente do indicativo apresenta maior avanço, e o traço animacidade do antecedente se mostra mais relevante, com o antecedente *animado* favorecendo o uso observado.

Em síntese, os dados analisados revelam que as orações alternativas apresentam maior recorrência nas duas sincronias, exceto nas orações relativas, e que há a coocorrência de indicativo e subjuntivo em contextos de orações adverbiais e relativas. A autora conclui que o fenômeno do não uso da forma do subjuntivo encontra-se em estágio mais avançado na amostra mineira, comparativamente à baiana.

Pimpão (2012)

Pimpão (2012) analisou a variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo em contextos de orações subordinadas substantivas, adverbiais e adjetivas, além de orações com o item *talvez* e orações parentéticas. O estudo abrangeu análises sincrônicas e diacrônicas. O corpus sincrônico foi constituído por dados de fala de Florianópolis e Lages, ambas em Santa Catarina organizados em duas amostras: uma que reúne 24 entrevistas das duas cidades, parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL¹², e a segunda, restrita a Florianópolis, amplia-se para 44 informantes distribuídos em faixa etárias (15 a 24 anos; 25 a 50 anos e acima de 50 anos) e níveis de escolaridade (ginásio/primário, colegial, universitário). A amostra diacrônica inclui sete cartas ao redator da cidade de Florianópolis, disponíveis no Banco de dados PHPB¹³/SC. As demais cartas referentes a Florianópolis e a Lages foram coletadas pela própria autora. Para a cidade de Florianópolis, o material foi obtido na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; em Lages, foram utilizados jornais disponibilizados no Museu Thiago de Castro.

A apresentação das variáveis foram organizadas em dois momentos, o que requer diferentes rodadas estatísticas: primeiramente, são descritas as variáveis em comum aos cinco contextos de análise (orações com o item *talvez*, orações substantivas, orações adjetivas, orações adverbiais e orações parentéticas), e, em um segundo momento, são descritas as

¹² Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil).

¹³ Projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina.

variáveis específicas a três desses contextos de análise: orações substantivas, adverbiais e adjetivas.

As variáveis controladas, comuns a todos os contextos, incluíram:

(i) submodo – deôntico, a exemplo de “E ela manda chamar os pais pra reunião, manda chamar pra entrega de boletim e os pais não comparecem na escola. Então, muitas vezes, os pais colocam o aluno lá, na escola, e **QUEREM QUE SAI** de lá formado, sem nem conhecer a professora, sem [nem] - nem ir lá saber como é que o aluno está, ne? Daí fica um trabalho difícil também, como a gente vê, que a gente fala com a professora, um trabalho difícil para elas daí também, né? (LGS 17FAC, L395) e epistêmico, como em “**TALVEZ ESTÁ** na hora de fechar a ponte ali, só sai, não entra. (FLP 40MBU).

(ii) valores de submodos – probabilidade/crença e certeza para o submodo epistêmico, como em ...e...; e desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação, intenção e desejo (esta última designada pela autora como volição) para o submodo deôntico.

(iii) Projeção temporal da situação codificada – passado, presente e futuro.

(iv) estrutura da assertividade da oração – negação na matriz e na subordinada; afirmação na matriz e na subordinada; afirmativa com negação na subordinada; não (é) (por) que (não); oração independente/coordenada sem negação; oração independente/coordenada com negação; que eu conheça, que eu lembro (lembre), que eu saiba; (não) que (não).

(v) Tipo de contexto sintático: oração substantiva, oração adverbial, oração adjetiva, oração com o item talvez e oração parentética.

(vi) Pessoa (1^a, 2^a e 3^a);

(vii) Morfologia verbal;

(viii) Saliência fônica;

(vix) Item verbal dado (*estar, ir, lembrar, poder, querer, saber, ser, ter e ir*).

Também foram consideradas variáveis linguísticas específicas para cada tipo de oração subordinada. Para as substantivas, a autora controlou: (i) natureza do item regente (verbal/nominal), (ii) traço semântico desse item e (iii) subtipo de oração. Para as adverbiais,

controlou: (i) o conector da oração e (ii) o subtipo (causal, concessiva, condicional, final, temporal etc.). Para as adjetivas, considerou a animacidade do referente do pronome relativo.

Quanto às variáveis extralinguísticas, Pimpão (2012) trabalhou com conjuntos distintos para sincronia e diacronia. Na sincronia, controlou sexo, idade, escolaridade, cidade e informante. Na diacronia, além de cidade, considerou a periodização histórica. As perguntas de pesquisa foram: (a) se é possível distribuir o uso variável do presente do subjuntivo em um continuum de modalidade e (b) se esse uso é sensível a condicionadores extralinguísticos.

A autora constata que, nas amostras de fala, o presente do subjuntivo foi categórico nas orações substantivas com verbos bicondicionais (*pode ser que*), implicativos (*fazer com que*) e bicondicionais negativos (*haver dúvida*). O verbo *querer* foi o mais recorrente e atua como favorecedor do uso do presente do subjuntivo. Por outro lado, os verbos “indiferentes de opinião” (*acreditar e imaginar*) desfavorecem essa forma. No grupo de fatores *pessoa*, a 3ª pessoa condiciona o uso do presente do subjuntivo. Quando a análise é restrita apenas à cidade de Lages, a 1ª pessoa favorece o uso dessa variante.

Nas amostras de fala de Florianópolis, foi observada alta recorrência de orações objetivas diretas, e contexto favorecedor do subjuntivo. Um padrão semelhante foi obtido para as completivas nominais. Ao contrário do que se esperava para as orações subjetivas (favorecimento do subjuntivo), esse efeito não se confirmou, mostrando-se neutro ou mesmo desfavorecido.

Como há alguma recorrência da construção *poder ser que* acompanhado do presente do subjuntivo, acreditávamos que a oração subjetiva fosse atingir um peso elevado, porém há outras orações subjetivas que tendem a ser usadas com o presente do indicativo. De qualquer forma, *poder ser que* é recorrente dentre as orações subjetivas, estando acompanhada de presente do subjuntivo em seis das sete ocorrências. (Pimpão, 2012, p. 279)

Ainda nas orações substantivas, a variável assertividade nas duas cidades evidencia que a presença da negação na oração matriz mostra certa importância no uso do presente do subjuntivo, quando rodadas por cidade, a afirmação na matriz e na subordinada, desfavorece a variante analisada. A projeção temporal mostra que o presente do subjuntivo é condicionado nessa variável.

Para as orações adverbiais, Pimpão (2012, p. 260) afirma que “o grupo de fatores ‘*tipo de conector*’ não foi selecionado, provavelmente pela interação com a variável ‘submodo’”, que foi considerada na análise para esse tipo de oração subordinada. Das

conjunções, a mais recorrente é *embora*, com 21% de dados, os quais 43% de uso do presente do subjuntivo. Para os subtipos de oração adverbial, as concessivas e causais foram as mais recorrentes. Nas orações concessivas introduzidas por *apesar (de) que* e *se bem* que são de uso categórico do presente do indicativo; e as orações adverbiais finais são de uso categórico do subjuntivo.

Para as orações adjetivas, a autora expõe que o fator estrutura da assertividade da oração e projeção temporal da situação codificada apresentam significância estatística nas rodadas das duas cidades em conjunto e separadas, e mostram que a presença de negação na oração matriz é um fator importante para no condicionamento do presente do subjuntivo para Florianópolis e Lages. Na projeção temporal, o futuro também favorece o presente do subjuntivo, assim como para a variável submodo no contexto deôntico.

Para os resultados das amostras de escrita de Florianópolis e Lages, a frequência geral revela que 427/499, ou 85% é para o uso do presente do subjuntivo. No contexto de oração subordinada substantiva, o grupo de fatores *valores do submodo* confirma a expectativa da autora para a associação entre o presente do subjuntivo e volição, e como uso categórico. Para o traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva os resultados indicam um uso categórico do presente do subjuntivo sob o contexto de verbos não factivos volitivos, verbos implicativos e verbos condicionais. A projeção futura e o submodo deôntico é favorecido para o presente do subjuntivo, enquanto o epistêmico parece estar mais propício para o presente do indicativo e desfavorecido pela projeção espreiada.

Os resultados de adverbiais em dados escritos expressam uso praticamente categórico do presente do subjuntivo nas duas cidades, mostrando-se significativos as variáveis valores do submodo, submodo e projeção futura; apenas a projeção espreiada como possível ambiente para o indicativo. No fator tipo de oração adverbial o presente do subjuntivo foi categórico em causal, condicional consecutiva, final, modal e temporal; somente dois casos de presente do indicativo em orações concessivas.

Após o detalhamento dos resultados, Pimpão (2012, p. 321) resume os resultados de sincronia e diacronia e aponta que as variáveis que pertencem à modalidade tiveram relevância estatística e indicam força tríade nos grupos de *submodo*, *valores do submodo* e *projeção temporal*. A autora constatou também que a entrada do presente do indicativo em contexto de subjuntivo parecer se apresentar pelo submodo epistêmico de certeza com

projeção espalhada. Além de que a diacronia evidencia a seleção mais recorrente das variáveis associadas à modalidade quando comparada à sincronia.

A partir dos resultados de Pimpão (2012), Pimpão (2020, 2021) apresenta decisões metodológicas para a constituição de uma amostra diacrônica composta por cartas ao redator publicadas em jornais catarinenses e busca identificar, na diacronia, indícios de uma possível perda das distinções de modo; e a variação no uso do presente do modo subjuntivo: integrando níveis de análise, para amostras de fala. A seguir será apresentado o estudo sobre a diacronia, uma vez que é o contexto que dialoga mais diretamente com os interesses do estudo que se desenvolve neste mestrado.

Pimpão (2020)

Mais recentemente, Pimpão (2020) discutiu questões metodológicas nas cartas ao redator publicadas em jornais catarinenses, além de buscar identificar uma possível perda das distinções do modo subjuntivo. A autora utilizou amostras diacrônicas e sincrônicas para fins de comparabilidade, em novas rodadas estatísticas.

Na pesquisa foram consideradas as orações subordinadas substantivas, orações adverbiais, orações adjetivas, orações com o item *talvez* e orações parentéticas, como mostra os exemplos expostos pela autora, a seguir, respectivamente:

- (1) “**Espero**, todavia, **que** depois a Prefeitura não **resolva** inverter as prioridades. (FLP, O Estado, 1980)”
- (2) “**Com quanto reconheça** minha falta de recursos intelectuaes e de instrução adquerida no seio da sociedade, porque vivo afastado della, tenho com tudo o arrojo de lhe pedir a inserção destas linhas no seu lido jornal. (LGS jornal O Lageano de 10/06/1883)”
- (3) “O brasileiro ainda tem que aprender muito, para alcançar um certo nível, **que** lhe **mostre** como proceder em determinadas horas como esta. (LGS, O Planalto, 1979)”
- (4) “Mas, sr. Dr. uma coisa esse conceituado jornal tem esquecido e **talvez** essa **seja** de maior alcance político e social. (FLP. Diário da Tarde, 1950)”

- (5) “Ah, mas, assim, o que mais me marcou, **que** eu me **lembro**, foi isso, que foi muito engraçado. Da árvore, né? da árvore que a gente se jogava de uma pra outra e de King Kong que era muito engraçado.”

Pimpão (2020) explica que a seleção dos contextos analisados decorre dos preceitos das gramáticas normativas, que associam o subjuntivo a valores de incerteza e não factualidade e o indicativo a valores de certeza e factualidade, além de especificarem contextos de uso para o subjuntivo.

Nesse trabalho, a autora discute o subjuntivo a partir de três variáveis: (i) projeção temporal da situação codificada, (ii) submodo e (iii) valores do submodo. A modalidade é entendida, na linha de Givón (2005) e Lyons (1977), como a manifestação da atitude do falante. Pimpão vincula a modalidade a dois eixos: o epistêmico (conhecimento) e o deôntico (conduta). No eixo deôntico, a presença de projeção futura sinaliza modalidade irrealis; quando essa projeção não ocorre, a autora adota a denominação de projeção espraiada (Pimpão, 2012).

Assim, a pesquisa controlou as variáveis projeção temporal da situação codificada com os fatores dessa variável (projeção futura, projeção espraiada), submodo (deôntico e epistêmico) e valores do submodo (desejo, manipulação, avaliação, probabilidade/crença e certeza). Os resultados das variáveis e seus respectivos fatores sobre o uso do presente do modo subjuntivo em dados escritos para Florianópolis e Lages revelam que, o presente do subjuntivo é favorecido pela projeção futura e desfavorecido pela projeção espraiada. O subjuntivo é favorecido também ao contexto de volição, e valores de avaliação e manipulação em Lages.

Para os dados de fala de Florianópolis e Lages o presente do subjuntivo também é favorecido no submodo deôntico. No que se refere à projeção futura e a projeção espraiada, o presente do subjuntivo é desfavorecido, indicando contexto propício de presente do indicativo. Portanto, a autora conclui que os resultados “indicam a forte atuação das variáveis concernentes à modalidade. [...] os resultados indicam uma preferência de valores temporais em detrimento de valores modais” (Pimpão, 2020, p.237).

Baiocato (2017)

Por sua vez, Baiocato (2017) analisa cartas pessoais do século XX e descreve a alternância entre subjuntivo e indicativo no português brasileiro, em contextos de orações

completivas. Em diversos exemplos apresentados pela autora, ocorre o indicativo justamente onde as gramáticas tradicionais prescrevem o uso do subjuntivo:

- (1) “**Espero** que **tiveste** êxito no curso... [SC - CP387]”
- (2) “Não **pensei** que **seria** lembrada tão facilmente...[SC - CP378]”
- (3) “...**imaginando** que você **poderia** ficar pensando muito naquela carta...[BA - CP232]”
- (4) “Você erra redondamente em **julgar** que você nada **significa** para mim. [BA - CP 142]”

O corpus de análise da pesquisa é composto por cartas pessoais de diferentes estados brasileiros: Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina. Para a análise a autora considerou os grupos de fatores linguísticos composto por:

- i) Identidade lexical do regente verbal
- ii) Tempo verbal da oração principal (presente do indicativo, pretérito perfeito, imperfeito, futuro do pretérito, futuro do presente, gerúndio, infinitivo, imperativo)
- iii) subjuntivo prescrito ou não (subjuntivo prescrito e não prescrito)
- iv) Tempo verbal da oração encaixada (presente do indicativo, pretérito perfeito, imperfeito, futuro do pretérito, futuro do presente)
- v) Identidade lexical do verbo da oração encaixada
- vi) Padrão morfológico do verbo da oração encaixada (regular, irregular)
- vii) Tipo de sentença da oração principal (afirmativa, negativa e interrogativa).

A análise mostrou que o conjunto de dados coletados desses estados, o maior índice de uso está na forma do subjuntivo quando comparado com o indicativo. A análise leva a autora a concluir que é possível identificar três padrões de uso do Subjuntivo: uso categórico, uso semi-categórico e o uso variável, e ter resultados significativos quanto às duas formas analisadas.

O resultado geral aponta que a Bahia e o Rio de Janeiro foram os locais que mais obtiveram dados, para o Rio de Janeiro, o emprego do subjuntivo (94,4%) foi maior que o do indicativo (5,6%), com índice quase categórico. A Bahia, ainda que o índice de frequência do

subjuntivo (58,6%) tenha sido a maior, a diferença é menor em comparação ao indicativo (41,4%), o que a autora considera como uma variação equilibrada. Os outros estados apresentam índices gerais menores em relação aos dois estados acima, e que analisados separadamente apresentam resultados significativos.

O Rio Grande do Norte, por exemplo, dividiu-se igualmente nas duas formas verbais, Minas Gerais obteve-se um número maior na forma do subjuntivo (57,1%) em relação ao indicativo (42,9%) do total de 7 orações, ainda que não apresente diferenças significativas. Para o estado de Pernambuco, os dados apresentaram-se categóricos sobre a forma do subjuntivo (22 sentenças). Dessa forma, com exceção de Pernambuco, os outros estados apresentaram índices de variação. Após essa análise geral, a autora buscou controlar os contextos de uso do subjuntivo, quais os contextos que dão entrada para o indicativo.

De forma geral, a autora apresenta os regentes verbais encontrados no corpus e conclui que *esperar, estimar, importar, desejar, bastar, deixar e fazer (com)* configuram uso categórico do subjuntivo. Já *querer, pedir e ser + Adj/N* apresentam uso semi-categórico. Por fim, *pensar, sentir, crer e julgar* mostram comportamento variável.

Para os resultados do padrão categórico, a autora considerou que os grupos de fatores padrão morfológico do verbo da oração encaixada e identidade lexical do verbo da oração encaixada não irão fazer parte das discussões na sua análise, pois não foram encontrados influências de variação entre os modos verbais. Os fatores que mais atuantes no contexto de oração completiva e que houve seleção categórica do subjuntivo foi: tempo verbal da oração encaixada, sendo o presente sendo o tempo mais frequente.

Para o padrão semi-categórico, na variável tempo verbal da oração principal, o presente se mostrou dominante nas orações principais, as quais aparecem com maior frequência o uso do subjuntivo. O tempo verbal da oração encaixada foi dividido em presente, imperfeito, pretérito perfeito e futuro, nesse grupo há maior frequência do presente, com maior ocorrência de subjuntivo (95%), exemplo de “...queres que eu **compre** a ancora para você... [RJ – CP324]” e indicativo (5%).

Ainda nesse grupo de fatores, o imperfeito foi categórico para o subjuntivo “...eu queria que você **foce** com migo a missa na Penha... [RJ – CP317]”; enquanto o pretérito perfeito e futuro foram de uso categórico do indicativo, ainda que em quantidade reduzida. Assim, “o imperfeito aparece como contexto de manutenção do subjuntivo, enquanto o presente, o pretérito perfeito e futuro constituem contextos de abertura à variante inovadora”

(Baiocato, 2017, p. 90). E o grupo de fatores tipo de sentença (afirmativa, negativa e interrogativa), ainda que a quantidade de dados seja pequena para dados com o elemento *não*, o subjuntivo é de uso categórico. Houve uma ocorrência das formas nominais infinitivo e gerúndio, ambas com forma do subjuntivo.

Para o padrão variável, Baiocato (2017) encontrou 75 sentenças que possuem regentes verbais que selecionam subjuntivo (13 ocorrências) e indicativo (62 ocorrências). O tempo verbal presente é o de maior ocorrência e para a forma do indicativo. Ainda que em poucos dados, o tempo imperfeito com maior índice para o subjuntivo, e o pretérito perfeito com maior índice para o indicativo. O futuro com apenas um dado, e na forma do subjuntivo. No tempo verbal da oração encaixada o presente ainda é a forma mais frequente, dessas ocorrências o uso do indicativo sobressai ao do subjuntivo. O imperfeito com maior frequência do subjuntivo e os demais tempos somente no indicativo. Com relação ao tipo de sentença, os resultados apresentam que as sentenças afirmativas lideram, com maior frequência no indicativo. Na forma negativa foram encontrados 6 dados, incluindo 5 ocorrências no subjuntivo e apenas 1 no indicativo. Em relação às formas nominais, o gerúndio foi categórico ao indicativo.

Portanto, os resultados relacionam-se com o tempo verbal, de modo que o tempo presente foi o mais frequente nas orações analisadas, além disso, os tempos pretérito perfeito e futuro aparentam ser abertos à variação. Também, ocorrências de subjuntivo em orações completivas, apresentam-se com mais repetição quando tem na encaixada o morfema imperfeito posto no verbo. Ainda, contextos em que o uso do subjuntivo era marcado, o indicativo ocorreu, portanto, ainda que de “forma sutil” como apresentado pela autora, o indicativo ocupou espaço do subjuntivo.

Santos e Fortes (2023)

O trabalho analisa a variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em orações subordinadas substantivas, extraídas de documentos escritos no Maranhão, no século XIX, documentos disponibilizados no site da Biblioteca Pública Benedito Leite. Santos e Fortes (2023) expõem que a hipótese é a de que a utilização da morfologia do indicativo, no lugar do subjuntivo, explica o caráter composicional desse modo verbal, em que a noção de subjuntividade (Santos, 2015) estaria mais atrelada a outros elementos da sentença do que necessariamente à forma verbal da oração subordinada. O estudo teve como questão central

ver o quanto a morfologia do indicativo avançou em direção ao espaço dedicado à morfologia do subjuntivo, como nestes exemplos apresentados pelos autores:

- (1) “Eu **espero que** me **faça** este obséquo, acreditando, que a não m’o fazer eu viverei sempre atormentado.”
- (2) “**Espero que** estes meus negocios **serão** tomados em consideração, e se me responda de algum modo, que me habilite para poder fazer os meus arranjos, para partir Quarta feira para a Europa.”

O resultado geral apresentou que a forma do indicativo foi a mais recorrente nas amostras analisadas do século XIX, do total de duzentos e cinquenta orações subordinadas substantivas, 164 estavam com morfologia de indicativo e 75 com morfologia de subjuntivo. Esse número analisado por décadas do século XIX, mostram que há uma evidente coocorrência da morfologia do subjuntivo e do indicativo na expressão do modo subjuntivo, ainda que o indicativo seja a forma mais recorrente.

Os resultados revelam que a morfologia do indicativo se correlaciona com verbos dos tipos cognitivos (*pensar*) ou factíveis (*saber*). É um resultado que se aproxima de outros estudos já realizados (Pimpão, 2012; Santos, 2015), pois apresenta que verbos volitivos (*querer*) tendem a se correlacionar a morfologia do subjuntivo. Para as variáveis tempo verbal da oração principal e tempo verbal da oração encaixada, os resultados mostram que o tempo pretérito tende a se correlacionar a forma do subjuntivo e as formas verbais no presente tende a se correlacionar a forma do indicativo, confirmando a hipótese do trabalho.

Para a variável grau de assertividade da oração, as amostras apresentam que contexto em que o elemento de negação está na principal e não na subordinada, parece se correlacionar a forma do indicativo em contextos de subjuntivo. Do mesmo modo, as estruturas afirmativas na principal e afirmativa na subordinada, ou afirmação na principal e elemento de negação na oração subordinada, parecem não se correlacionar a variante em destaque. Portanto, as amostras coletadas em documentos maranhenses do século XIX, afirma a hipótese de caráter composicional do subjuntivo, pois mostram que a morfologia dessa variante está correlacionada com certos tipos de itens lexicais verbais (verbos volitivos e de crença), e tem preferência para verbos no pretérito e no futuro.

Sendo assim, com o objetivo de somar às pesquisas já realizadas sobre esse objeto de estudo, os estudos citados contribuirão com o trabalho aqui proposto e ajudará a explicitar com mais exatidão os aspectos da heterogeneidade linguística na variedade maranhense. Para fechar, resume-se a partir dos resultados de (Alves, 2009; Pimpão, 2012, 2020; Baiocato, 2017; Fortes e Santos, 2023) alguns fatores condicionantes linguísticos que o subjuntivo parece ser favorecido: em contextos de orações subordinadas substantivas objetivas diretas, subjetivas, orações subordinadas adverbiais finais, concessivas; em contextos de submodo e valores de submodo, a exemplo, volição; regentes verbais (querer, esperar, desejar) e tempo verbal da oração principal e tempo verbal da oração encaixada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se propõe a analisar processos de variação na morfologia do subjuntivo e do indicativo a partir de cartas publicadas em jornais maranhenses entre os séculos XIX e XX, com base nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística de (Weinreich, Labov, Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]) e da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009[1982] Hernández-Campoy e Conde Silvestre, 2012).

A constituição de amostra para a realização deste trabalho envolve dados escritos, coletados, de acordo com sua grafia original, de cartas pessoais e abertas publicadas em jornais maranhenses, disponíveis na Biblioteca Pública Benedito Leite, localizada na capital maranhense - São Luís. Para isso, o estudo partiu de algumas etapas que são descritas a seguir:

3.1 Pesquisa bibliográfica e de campo

Primeiramente, realizaram-se leituras acerca dos estudos variacionistas (Weinreich, Labov, Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]), especialmente sobre a perspectiva da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009[1982]; Mattos e Silva, 2004, 2006, 2008; Hernández-Campoy e Conde Silvestre, 2012). Paralelamente a isso, realizou-se uma busca de estudos que tenham se ocupado em analisar dados de variação linguística à luz da Sociolinguística Histórica, com foco naqueles cujo objeto de estudo tenha sido a variação entre o subjuntivo e o indicativo (Pimpão, 1999, 2012, 2021; Fagundes, 2007; Vieira, 2007; Alves, 2009; Berlinck, 2017; Baiocato, 2017, Fortes e Santos, 2023), a fim de ampliar o referencial bibliográfico.

Para o estudo dos documentos históricos, a pesquisa foi realizada na Biblioteca Pública Benedito Leite (BPLB) que, conforme o Portal da Cultura do Estado do Maranhão, “é considerada uma das bibliotecas mais antigas do país e a maior do Estado do Maranhão, fundada no ano de 1831”. É um local que oferece um acervo que conta a história maranhense, com informações de diferentes regiões do Estado e fora dele. Hoje, a Biblioteca se encontra na Praça do Pantheon (figura 1), no Centro Histórico de São Luís, mas antes passou por outros locais, a exemplo, da Assembleia Legislativa, Liceu Maranhense e Igreja da Sé.

Figura 1 - Imagem da fachada da Biblioteca Benedito Leite



Fonte: De autoria própria, 2025.

A BPLB é um patrimônio cultural e de memória maranhense, com um enorme e diversificado acervo. Ela disponibiliza uma variedade de obras atuais e obras raras que datam dos séculos XVI ao século XIX, manuscritos, livros literários, livros em Braille e Libras, livros falados, fotografias e espaço com livros infantis. Conta, ainda, com jornais maranhenses que contemplam uma diversidade de temáticas, de várias regiões do Estado e diferentes décadas, a exemplo do mais antigo jornal do Estado - *O Conciliador do Maranhão* (1821).

Alguns documentos estão disponíveis tanto em forma física como também de forma online, a exemplo dos jornais, cartas e peças teatrais manuscritas. No local, a biblioteca disponibiliza um catálogo que apresenta todas as obras disponíveis no acervo, o que auxilia e ajuda os pesquisadores durante a coleta de dados, principalmente, para a seleção das obras a partir do ano e século.

Sobre a pesquisa de campo, a coleta de dados foi realizada de forma presencial na Biblioteca Benedito Leite. Para a seleção dos jornais, destacam-se as seguintes etapas praticadas em todas as visitas feitas à biblioteca: (i) consulta do catálogo de obras raras disponibilizado pela própria biblioteca; (ii) seleção dos jornais datados nos séculos XIX e

XX; (iii) seleção das cartas pessoais e abertas publicadas nesses jornais com origem designada; (iv) foram feitas fotografias das cartas; (v) os dados foram coletados e transcritos para uma planilha do excel (imagem 13, na subseção 3.6 do capítulo 3 – procedimentos metodológicos).

3.2 A seleção do corpus de análise e a coleta de dados

Inicialmente, o projeto tinha como objetivo analisar cartas manuscritas e peças teatrais maranhenses, no entanto, durante a execução da pesquisa de campo constatou-se que algumas peças teatrais disponíveis na biblioteca não apresentavam datas de publicação (conforme mostram as figuras 2 e 3), o que limitava a quantidade de dados disponíveis para a análise, uma vez que a data (ano) é uma variável a ser considerada no estudo.

Figura 2 - Exemplo de catálogo com textos de peças sem data

Documento	Texto teatral
Ementa	Folhas avulsas de drama incompleto.
Autor	Desconhecido
Local	Desconhecido
Data	Desconhecida
Localização	MAN 809-M1-G5-P34

Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Figura 3 - Exemplo de catálogo com textos de peças sem data

Documento	Texto de peça teatral
Ementa	A morte cível, Drama em 5 atos.
Autor	Paulo Giacometti, traduzido por José Antonio de Freitas.
Local	
Data	
Localização	MAN.615-M1-G4-P25

Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

A partir daí, buscou-se analisar cartas pessoais manuscritas. A etapa de análise desses documentos revelou desafios significativos, no sentido de que, embora fosse possível o contato com as cartas, sua antiguidade e fragilidade (rasuras e papel deteriorado) dificultaram a leitura dos textos. A fim de se mitigar esse problema, e seguindo as orientações dos

bibliotecários, identificou-se nos jornais da época uma potencial fonte alternativa de dados, visto que esses frequentemente dedicavam espaço à publicação de cartas.

Assim, para a delimitação do corpus da pesquisa, realizou-se uma busca inicial no acervo da biblioteca, por alguns jornais que contivessem cartas publicadas. Essa investigação resultou na descoberta de cartas pessoais publicadas, além de um número expressivo de publicações de cartas abertas, mais bem detalhada no item 3.4 deste capítulo, o que levou à decisão de que esses materiais comporiam o material de análise desta pesquisa. Assim, destaca-se que a amostra desta pesquisa foi constituída por sua autora. Os quadros 1, 2 e 3 (exibidos ainda nesta seção) apresentam os jornais analisados, o ano de publicação e os títulos das cartas encontradas nesses jornais.

A seleção e subsequente análise do material levaram em consideração a estrutura composicional do gênero textual discursivo em questão (saudação inicial, assunto, despedida) e informações ao longo do corpo da carta que permitissem a identificação do local de proveniência das cartas, bem como o destinatário a quem elas eram remetidas. Tal atenção dada a essas informações foi fundamental, pois algumas cartas publicadas nos jornais maranhenses eram originárias de outros estados e países, o que, obviamente, não interessa ao escopo deste estudo, que se interessa pela análise de cartas escritas por maranhenses. Essa informação foi adquirida por meio do título da carta, saudação inicial ou no corpo do texto, como mostra a imagem a seguir:

Figura 4 - Carta de Fortaleza



Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Entende-se, como Elspass (2012), para quem as cartas e diários se classificam como dois dos melhores tipos de textos para análise variacionista. Contudo, esse autor alerta para o cuidado que se deve ter ao atribuir-se uma autoria, uma vez que o texto escrito pode não pertencer ao autor indicado na assinatura do texto. Isso vale, principalmente, para cartas em cenários comunicativos assimétricos, como cartas de apelação, contextos em que era comum a contratação de escritores.

Um exemplo da importância desse cuidado está em Pimpão (2020, p. 225), que, ao analisar cartas ao redator publicadas em jornais, explica que, “no que diz respeito especificamente às cartas ao redator, não há como saber se o remetente é natural da cidade onde o jornal é publicado”. A autora propõe, então, para análises com base nesse tipo de amostra que o pesquisador não descarte a possibilidade de que possa “ter havido revisão das cartas pela redação do jornal ou mesmo outras pessoas”. De todo modo, ela informa que, mesmo tendo esse cenário, deve-se acessar tal material.

Tendo como base esses tipos de informações, e a cautela na escolha dos materiais foi possível encontrar cartas pessoais e cartas abertas nos seguintes jornais dos séculos XIX e XX:

Quadro 1: Jornais maranhenses dos séculos XIX e XX

Jornais do século XIX	Jornais do século XX
1. O Conciliador do Maranhão (1821)	1. A Imprensa (1906)
2. A Chronica maranhense (1839-40)	2. O condor (1908)
3. O Guajajara (1840)	3. A Avenida (1909)
4. O combate (1851)	4. Primavera (1909)
5. Marmotinha (1852)	5. O Estudante (1915)
6. Farol (1854)	6. A Rua (1915)
7. Diário do Maranhão (1856-57)	7. Revista Maranhense (1916)
8. Ordem e progresso (1860)	8. Litoral (1917)
9. Imprensa Caxiense (1864)	9. O Coroatá (1920)
10. A Flecha (1879)	10. O funcionário (1921)
11. A Civilização (1880)	11. O Sertão (1921)
12. Actualidade (1884)	12. Folha do Povo (1928)
13. O Liberal (1886)	13. Povinho (1929)
14. O Corisco (1890)	14. Cidade de Pinheiro (1930)
	15. O Combate (1948)
	16. Diário de São Luiz (1950)
	17. Jornal do Povo (1950 e 1960)
	18. Jornal do Maranhão (1962)
	19. Diário do Povo (1976)
	20. O Pioneiro (1981).

Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 – Exemplos dos jornais A Imprensa (1859), à esquerda, e Jornal Folha do Povo (1928), à direita



Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Destacam-se também as cartas encontradas em cada um dos jornais, nas quais estão descritas no quadro abaixo, organizadas de acordo com o ano, década e o título escrito de acordo com a grafia original.

Quadro 2: Cartas publicadas nos jornais - século XIX

Jornal	Cartas	Ano	Século
Conciliador	Carta a Elrey; Carta as corte	1821	XIX
Chronica maranhense	Carta escrita do Maranhão para a corte; Carta de V.S para o Sr. João Francisco Lisboa	1839	XIX
O Guajajara	Snr. Guajajara	1840	XIX
Chronica maranhense	Carta escrita do Maranhão para a corte	1840	XIX
O Combate	Carta escrita pelo professor Newton de Carvalho Neves	1851	XIX
Marmotinha	Carta de um marujo à sua amada	1852	XIX
O Farol	Carta de Luiz de Chisto a seu compadre Xisto procurador de causas na Thererina	1854	XIX
Diário do Maranhão	Carta do M. de Montalembert	1856	XIX
Diário do Maranhão	Carta do Sr. A. Herculano; Carta ao Sr. tenente Vicente Navarro; de Joaquim Baptista da Cunha;	1857	XIX
Ordem e progresso	Carta de Roberto Facundo do Codó, ao barbeiro Eupercio da Capital	1860	XIX
Imprensa Caxiense	Carta de Gregorio Pindahyba, cabo D'Esquadra da G. Nacional, ao ferreiro dos mattões	1864	XIX
A Flecha	Carta para o Illm. Sr. Commandante dos Urbanos; Carta ao Sr Inspector do Thesouro Publico Provincial; Carta ao Illustirissimo Senhor Publico Professor de Primeiras Letras do Sexo Masculino da Freguezia de S. João Baptista da Capital; Carta para Illm. sr. dr. Chefe de Policia.	1879	XIX
Civilização	Carta aos Maçons do Maranhão	1880	XIX
A Actualidade		1884	XIX
O Liberal	Carta a S.exc. o sr. dr. José Bento	1886	XIX
O corisco	Cartas ao governador do Estado; Carta ao compadre Maneco	1890	XIX

Fonte:Elaboração própria

Quadro 3: Cartas publicadas nos jornais - século XX

Jornal	Cartas	Ano	Século
A Imprensa	Carta aberta ao Exm. Sr Governador do Estado	1906	XX
O condor	Carta de um amigo ao Phinéas	1908	
A Avenida	Carta ao Chico do Prado, de Cazuza da Conceição	1909	XX
Primavera	Carta a uma noiva	1909	XX
O Estudante	Carta Sincera - para Vilela de Abreu de um amigo	1915	XX
A Rua	Carta aberta ao muito illustre, Exmo. Sr. Dr. José Vianna Vaz, digno, honrado e integro Juiz Federal da Capital do Maranhão	1915	XX
Revista maranhense	Carta íntima para "Querida Zunte", de Gaspar; Carta aberta para Meiga Gauchita	1916	XX
Litoral	Carta aberta ao dr, Achilles	1917	XX
O Coroatá	Carta aberta aos artistas e operarios do Centro A. Operario Rozariense	1920	XX
O Sertão	Carta ao amigo Souza Bispo	1921	XX
O Funcionário	Carta ao Moraes	1921	XX
Folha do Povo	Carta aberta ao Sr. Urano. Escrita por Padre Andrade; Carta aberta ao sr. tenente coronel Zenobio da costa	1928	XX
Povinho	Carta aberta ao cel. Raymundo Silva	1929	XX
Cidade de Pinheiro	Carta aberta ao Dr. Constancio Carvalho	1930	XX
O combate	Carta aberta ao Dr. Odilon Soares.	1948	XX
Diário de São Luiz	Carta aberta ao Exmo. Sr. Governador do Estado; Carta aberta ao Exmo. Sr. Saturnino Belo vice-governador do Maranhão	1950	XX
Jornal do Povo	Carta a um general de Campo; Carta aberta ao presidente do Tribunal Regional Eleitoral	1950	XX
Jornal do Povo	Carta aberta do Dr. Claudio Roland	1960	XX
Jornal do Maranhão	Illm. Sr.	1962	XX
O Pioneiro	Carta de Colinas	1981	XX

Fonte:Elaboração própria

O objetivo com esta etapa foi o de encontrar ao menos uma carta por década nos dois séculos analisados, visando à organização cronológica e à otimização da análise dos dados, sobretudo, para observar possíveis mudanças diacrônicas na expressão da morfologia do subjuntivo.

É válido mencionar que a pesquisa foi realizada de forma presencial. Contudo, o acesso ao material disponibilizado no site da Biblioteca (<http://apem.cultura.ma.gov.br/siapem/index.php#>), mostrou-se necessário em alguns momentos, dada a fragilidade dos documentos históricos. Assim, mantém-se a possibilidade da visualização e a coleta dos dados.

3.3 A constituição do corpus

A constituição do corpus que possibilita a análise da variação entre a morfologia do subjuntivo e do indicativo considera que os jornais apresentam diversas características, diferentes gêneros textuais (anúncios, entrevistas, poemas, contos, propagandas) e temáticas, a exemplo de questões políticas, colonização, religião, agricultura, gastos comerciais, editais, anúncios de mortes e homenagens a essas pessoas, anúncios de vendas de produtos/automóveis, discussões a respeito do que estava ocorrendo na câmara dos deputados à época da publicação, além de discursos de políticos, esporte, ocorrências policiais e da saúde pública do Estado, assuntos da literatura maranhense (de autores maranhenses), publicação de trechos de obras, bem como notícias de todas as regiões do país e fora dele.

A emergência dessa diversidade temática pode ser compreendida ao se considerar que os jornais maranhenses iniciaram suas atividades com jornalistas portugueses. Estes, responsáveis pela elaboração de uma linguagem mais incisiva que não poupavam críticas à oposição, empregavam expressões apelativas, como “pátria, liberdade, ordem, respeito”, e, naturalmente direcionavam os assuntos aos interesses de Portugal (cf. Castro e Fagundes, 2012), com forte ligação territorial.

Com o passar dos anos, a crescente participação de jornalistas brasileiros introduziu novas abordagens e configurações nas publicações. Essas novas configurações estão relacionadas aos efeitos que a modernidade apresenta, com novas técnicas e ideias que defendiam. Matos e Araújo (2021) informam que, por volta dos anos de 1880, os jornais apresentaram novas características em suas edições, a exemplo de ilustrações, fotografias, caricaturas, a presença forte de notícias, reportagens sensacionalistas e entrevistas.

Ainda nesse período, meados do século XIX e início do século XX, houve uma crescente atuação de editores/jornalistas maranhenses, de modo que jornais passaram a destacar questões relevantes para o próprio território maranhense, a de exemplo de questões e comentários a respeito do governo, da política do Estado, e denúncias sobre as situações daquela época.

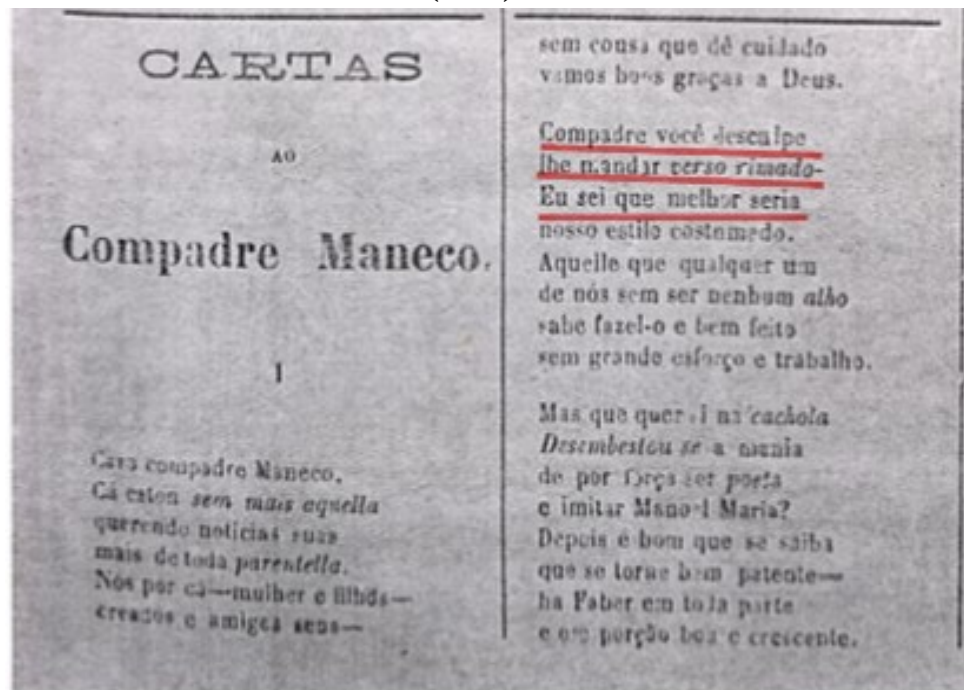
De acordo com Nascimento (2007), citado por Reis e Gadini (2017), os jornais do século XIX eram predominantemente marcados por conteúdos partidários. Contudo, já na década de 90 do século XIX, passou-se a observar um crescimento no número de jornais literários, um fenômeno associado à proximidade do século XX e ao contexto da modernização. Esse período também foi caracterizado por uma prosperidade econômica, impulsionada pelas favoráveis condições do mercado internacional, acarretando um aumento na imigração e a introdução de novos hábitos inspirados na cultura europeia, incluindo um maior incentivo às letras e às artes.

Dentre os jornais analisados, alguns tiveram pouca permanência no mercado e, por isso, publicaram poucas edições, como *A Conciliação* (1856), *28 de Julho* (1870 e 1892). Nesse conjunto, não foram registradas a publicação de cartas (abertas ou pessoais). A falta de publicação dessas cartas pode estar atrelada ao fato de que tais jornais se concentravam a publicar notícias mais alinhadas a interesses ideológicos e/ou governamentais, o que leva à compreensão de Reis e Gadini (2017), para quem os jornais são considerados uma construção simbólica e um processo discursivo que atuam na sociedade como objetos históricos e como referencial desta.

Ao descreverem a imprensa maranhense do século XIX, Reis e Gadini (2017) oferecem um panorama da cultura jornalística da época. Em sua análise, os autores mostram como o campo jornalístico, ao selecionar o conteúdo a ser divulgado, influencia a construção da percepção cultural dos leitores. Essa escolha editorial confere ao veículo de comunicação um poder de influência sobre o que e como apresentar certos assuntos em diferentes campos sociais. Essa constatação encontra reflexo no número de cartas localizadas nos jornais analisados neste trabalho (quadros 1, 2 e 3, acima) e pode, inclusive, explicar a escassez de dados em certas décadas. Dizendo isso de outro modo, a ausência de cartas publicadas em todos os periódicos disponíveis ao longo do tempo justifica a variação observada. A título de ilustração, o jornal *A Civilização*, embora apresente ampla variedade de números, nem sempre veiculou cartas em suas edições.

Com relação às cartas publicadas nesses jornais, constata-se que algumas se dirigiam a figuras políticas e a amigos. Verificaram-se, ainda, a presença de cartas provenientes de outros estados e países, além de correspondências enviadas à redação dos jornais, especificamente direcionadas aos próprios redatores, com interesse em discutir sobre alguma publicação do jornal. Identificaram-se, também, cartas escritas em forma de poema (intergênero), casos para os quais os remetentes pediam desculpas pela forma como escreviam.

Figura 6: Exemplo da carta em forma de poema publicada no jornal O corisco (1890)



Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

É importante ressaltar, ainda, que, com o interesse em não tornar o texto repetitivo, os remetentes podiam se referir às suas correspondências como “cartas”, “epistolar” e “correspondência”, especialmente, nas cartas pessoais e sem diferença estrutural. Essa informação importa, uma vez que essas denominações podem variar ao longo deste texto e também na própria indicação dessas cartas.

Figura 7 - Exemplo de epístola publicada no jornal *A Flecha* (1879).

1879 A FLECHA. 203

EPISTOLA

Illm. sr. Inspector do Thesouro Publico Provincial.
Antônio Emílio e Almeida Braga

Apraz-me, primeiro que tudo, declarar que sympathico muito com V. S. ha bastante tempo e mais ainda depois que retirou da boca dos meninos da provincia a mamadeira das preparatorias.

Isto dito, é mais que sufficiente para scientificar a V. S. de que as minhas intenções não podem ser mais puras nem mais despidas de prevenção ao dirigir-lhe respectosamente esta carta.

Vamos ao caso.

Pessoa digna de todo o credito me informa que a fiscalisação feita no Caminho Grande para garantia dos direitos provinciaes é exercida por guardas urbanos que, ignorantes da lei e excessivamente intolerantes, apprehendem como contrabando os mingoados productos que os pobres roceiros trazem a vender a cidade.

Ora, este systema, sobre ser abusivo, chega a ser até—deixe me V. S. dizer o que sinto—horrorosamente despidoso, porque, de duas uma: ou o pobre homem tem de arriar nas mãos da patrulha fiscalisadora a sua carga e vir á cidade pagar o imposto para voltar a buscar os productos e de novo regressar a vendel-os; ou então, em desespero de causa, abandona tudo e recuando diante da horrivel perspectiva de uma enorme massada e de um dispendio superior talvez aos modestos lucros que lhe deixariam os seus generos, regressa á sua choupana sem um vintem para alimentar-se!

E' para este lastimavel estado de cousas que chamo a delicada attenção de V. S.

Embora coagido, por força de seu cargo, a fazer executar leis iniquas, que arrancam das migalhas do pobre uns tostões para equilibrar orçamentos estupidamente organisados, V. S. bem pode empregar sua influencia a fim de minorar o rigor da lei.

Para isso basta pouco.

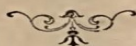
Em todos os paizes onde entram generos por terra ha, nas fronteiras ou nas barreiras das cidades, postos aduaneiros, que fiscalisam as entradas e cobram os direitos.

E', pois, de necessidade, para completa execução da lei sem prejuizo dos contribuintes, que se estabeleçam pontos fiscaes no Caminho grande—seja no Sulim, nos Rous Deões, na Estação, no Cemiterio dos Passos ou defronte da sr.ª Custodia, como julgarem melhor—com empregados aptos para conhecer a lei e receber a importancia das taxas, sem que os conductores de productos soffram demora ou—peior ainda—coacção na liberdade de commercio.

Alem do ponto fiscal seja então apprehendido como contrabando o genero que não tiver satisfeito o imposto.

Eis o que me cumpre reclamar de V. S., que, dedicado e prestimoso como é, sem duvida promoverá ante os poderes competentes as providencias que deixo apontadas, a fim de cessarem os desagradaveis abusos que se vão dando, creando assim incontestavel direito a augmentar a não pequena sympathia que lhe dedica o

De V. S.
Attencioso Venerador
Calucaba.



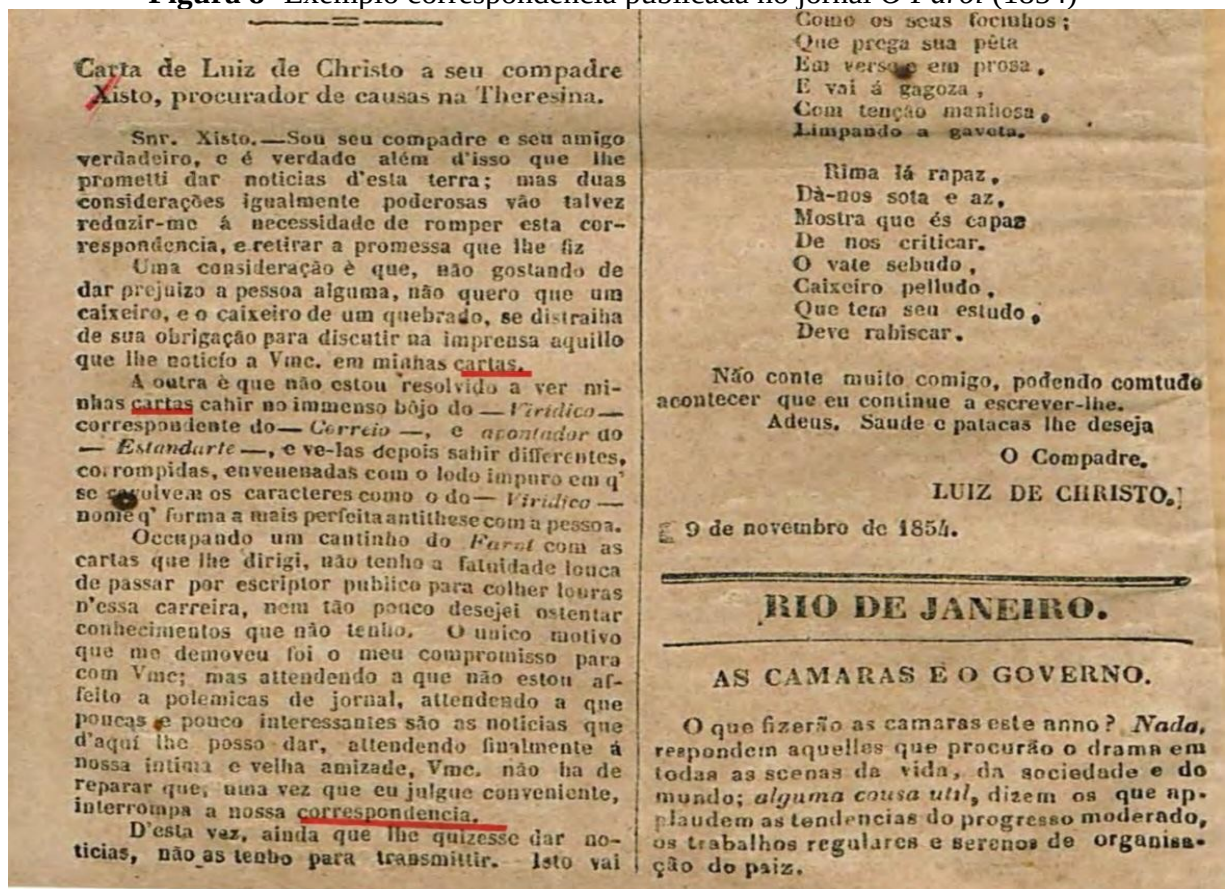
JURAMENTOS.

Noticiam os jornaes que alguns dos academicos ultimamente doutorados, despresando a velha formula de juramento, empenharam-se «sob sua honra» a cumprir os deveres do grão de que eram investidos.

Longe de acompanhar ao illustrado collega do *Paiz* que, com uns ares de cassoada, classifica esse acto de *uma moda como outra qualquer*, a *Flecha* felicita a esses distinctos moços por terem dado o exemplo

Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Figura 8- Exemplo correspondência publicada no jornal *O Farol* (1854)



Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Em outros jornais consultados, verificou-se baixa regularidade na publicação de cartas, e alguns sequer apresentavam seção dedicada ao gênero (jornal *A pátria*, 1915, *A época*, 1929, *O cruzeiro*, 1928 para citar alguns). Embora hoje a carta configure-se como um gênero de uso menos frequente, em séculos anteriores ela constituía como o principal veículo de comunicação pessoal. Trata-se de um gênero textual discursivo intrinsecamente dialógico, orientado para a presença do outro e para a mediação que procura transmitir mensagens entre o interlocutor e o locutor, “as cartas, correspondem, em sua essência, a um turno de uma conversação em ausência: é a “fala” registrada de um remetente que interpela seu destinatário” (Berlinck; Brandão, 2021, p. 236).

Conforme Berlinck e Brandão (2021), a carta caracteriza-se como uma importante fonte de dados para estudos diacrônicos no português brasileiro. Mais amplamente, os gêneros textuais discursivos têm se mostrado férteis para observação de processos de variação e mudança linguística. Biazolli e Berlinck (2021) apresentam diversas pesquisas realizadas por autores de diferentes regiões, com diferentes gêneros textuais, a exemplo da análise de preces,

cantigas, dublagens, legendagens, entrevistas televisionadas, cartas-perguntas, nos variados níveis da análise linguística, e que conforme explicam as autoras esses gêneros nem sempre foram explorados em estudos sociolinguísticos, mas que revelam um caminho promissor para os estudos linguísticos.

Baseando-se nessa concepção, infere-se que a carta, ainda que apresente alguns desafios, sobretudo pela variação, de menos para maior grau, dos níveis de formalidade (Berlinck, Barbosa, Marine, 2008), pode ser considerada como uma fonte profícua para o estabelecimento de padrões gerais de uso. Isso se associa ao fato de que, “nas cartas, a presença de um determinado destinatário condiciona o momento da sua produção. Quando aquele que escreve escolhe aquele para quem escreve, ele, conseqüentemente, modula o seu discurso com essa escolha” (Berlinck; Barbosa; Marine, 2008, p. 175). Nesse sentido, o nível de formalidade está ligado ao contexto em que a carta é produzida.

Outro desafio inerente a análises que têm como corpus esse tipo de documento, nas pesquisas de sociolinguísticas histórica, é o controle de perfis sociais (cf. Barbosa, 2008), uma vez que nem sempre se confirma a real identificação do remetente. Ainda que não seja possível atestar que as cartas tenham sido de fato redigidas pelas pessoas que as assinam, nesta pesquisa, as informações do tipo *nome do remetente e destinatário*, *ocupação do remetente e do destinatário* (algumas cartas especificam se o destinatário é empresário, médico, cargo político) e *grau de parentesco/amizade* foram as mais acessíveis, o que se justifica pelas próprias características do gênero.

Observou-se, ainda, a predominância de informantes do sexo masculino como remetentes e o endereçamento majoritário a homens. No atual estágio da pesquisa, foram registradas apenas duas cartas que tiveram mulheres como destinatárias, e cinco com mulheres como remetentes, essas cartas estão disponíveis no Anexo A.

3.4 Estrutura da carta pessoal e da carta aberta

No que diz respeito à sua estrutura, informa-se que as cartas publicadas nos jornais aqui analisados possuem características distintas, o que leva a agrupá-las no conjunto de dados reservado às cartas abertas e no conjunto de dados das cartas pessoais. Considera-se também, para este agrupamento, a própria denominação dada pelos jornais nos quais tais correspondências foram publicadas.

Tal informação é relevante porque, além dos dois gêneros aqui analisados, outras cartas, como a “carta do leitor” e a “carta do redator”, também ocupam espaços de publicações entre os jornais maranhenses. Em alguns casos, as cartas pessoais e abertas, como mencionado no tópico anterior, variam em sua denominação, podendo aparecer como *epistolar e correspondência*, mas preservando a mesma estrutura das cartas (cf. as figuras 7 e 8, acima). Diante disso, neste tópico detalha-se a estrutura composicional dos gêneros carta pessoal e carta aberta, com base em estudos desenvolvidos sobre essas modalidades textuais.

Ainda que no gênero discursivo carta se identifiquem variados subgêneros (carta pessoal, carta aberta, carta de solicitação, carta do leitor, carta ao redator), o gênero apresenta algumas características típicas, a exemplo do local, data, vocativo, destinatário, texto, assinatura, além da busca por comunicação entre os interlocutores (remetente e destinatário). O que as diferencia é, sobretudo, o propósito comunicativo. Como explica Adam (2008, p.257), apesar da diversidade do gênero discursivo carta “a forma epistolar apresenta algumas constantes composicionais” do gênero: abertura (termos de interpelação e indicações de lugar e de tempo), exórdio, corpo da carta, peroração, fechamento (cláusula, que é composta pelo fecho e pela assinatura)].

Com base nisso, as cartas pessoais são entendidas como um gênero que aborda assuntos particulares (familiares, amizade), e que são utilizadas para expressar sentimentos amorosos ou desejo de estabelecer amizade, descrever algum acontecimento com marcas de personalidade, pois, em geral, são escritas em estilo simples, cujo registro é, preferencialmente, coloquial, já que a interlocução é estabelecida entre as pessoas que se conhecem ou são parentes próximos (Costa, 2008). A carta pessoal pode, ainda, como propõe Marcuschi (2002), ser composta por uma sequência narrativa, ou história, a presença de uma argumentação (em função de um tópico) e uma descrição (de uma situação).

Quanto à estrutura, toma-se como referência a carta pessoal apresentada por Silva (2002, p. 140-147):

- I. Abertura do evento: etapa composta pelo *cabeçalho*, que se refere à origem (topológica/geográfica) e época em que a carta foi escrita; o *exórdio*, caracterizada, de um lado, pela saudação e vocativo como estratégias interativas entre os interlocutores, e, do outro, pelas solitudes e acusação do recebimento da carta, com interesse em

estabelecer a finalidade da carta enviada, além de ser o trecho em que são expressos votos (saúde, paz) ao destinatário.

- II. Corpo do texto (ou interação): etapa da carta em que o remetente pode apresentar os mais variados temas para a interlocução.
- III. Encerramento do evento: etapa composta pelo *pré-encerramento*, momento em que o interlocutor avisa que está chegando ao fim de sua interlocução, *despedida*, que se caracteriza pelo fechamento da interação, com uso de elementos linguísticos de saudação, e *assinatura*, que é a própria apresentação da autoria da carta.
- IV. Post scriptum: é uma etapa facultativa, que se refere a algo que não foi abordado e que o interlocutor julga relevante abordar.

As cartas pessoais publicadas nos jornais maranhenses, entre os séculos XIX e XX, de modo geral, versam em geral sobre política, negócios, relato acerca da cidade de residência e informações sobre acontecimentos do dia a dia. À luz da estrutura apresentada anteriormente, destacam-se as partes que compõem as cartas pessoais do corpus aqui proposto:

Figura 9 - exemplo de carta pessoal extraído do jornal O Farol, ano de 1854.

O FAROL.

3
1854
157

<p>ASSIGNATURAS.</p> <p>Por anno. . . . 8:000 Por semestre 4:500</p>	<p>ADVERTENCIA.</p> <p>Subscreve-se na Typ. — Independente — largo da Independencia n. 3. As assignaturas são — pagas adiantadas. — Linha de impressão 80 réis.</p>	<p>ASSIGNATURAS.</p> <p>Por trimestre. . 2:500 Numero avulso. . 200</p>
--	---	---

PUBLICAÇÃO Á PEDIDO.

Carta de Luiz de Christo a seu compadre Xisto, procurador de causas na Theresina.

Compadre. — Eis-me de novo com a mão na penha, cumprindo a minha palavra honrada, satisfazendo a tarefa, a que me impuz, de notificar-lhe as occorrencias d'esta boa Caxias.

Quinta-feira 26 do corrente foi Pedro José de Souza justicado, como um dos auctores dos assassinatos perpetrados em 1848, no parido Antonio Torres, e n'um escravo de Joaquim de Souza Castello-Branco.

Fez-se a execução no largo da Independencia, um dos mais publicos d'esta cidade, cujos quatro angulos estavam atulhados de povo. Era cousa curiosa de vêr-se uma multidão de perto de duas mil pessoas de todas as condições e sexos, queda, silenciosa, e triste, que confluira para o lugar do cadafalso, com o fim de presenciar aquelle novo genero de espectáculo n'esta terra. Também fiz parte meu charo, d'essa multidão, e, confesso-vos a verdade, que apesar de saber que o que tinha ali trasido aquelle homem, fóra vingar a humanidade, fóra dar um exemplo á sociedade, apesar de detestar o crime que elle commettera, vendo-o trepar palido, e tremulo os degrãos da machina fatal, cingindo-lhe o pescoço o lego infame, cujas pontas pendião das mãos do algeiz, soffri tamanho abalo, que quasi sou accommettido d'uma vertigem.

Não julgue porém isso impostura minha; não, não seu do numero d'aquelles *maricas*, que n'esse dia se esconderam, pretextando Imaginarios ataques de nervos, e nem tão pouco como outros, que choravam, mostrando taes carrancas, torcendo por tal modo a boca, que eram capazes de fazer calar a qualquer criança, por mais embezerrada que fosse.

Tivemos hontem a festa de N. S. dos Remedios. Foi pouco aparatosa, e a concorrência com quanto não fosse pequena, não correspondeu todavia a dos mais annos. Pouco deveria render o leilão; as bolsas dos devotos estavam emmagrecidas pelos leilões de Santa Filomena, e S. Benedicto.

A minha primeira carta deu lugar, a que apparecesse no «Cofreio Caxiense» uma cor-

respondencia, mettendo a bulha ao pobre Luiz de Christo; é mui pedante o tal quebrado, que se serve da tão sedicã, e enfadonha quadra — já vi melhor &c. — para redicularisar-me. Não sabe produzir, escreve o que apanha: pois arranje-se como puder, que eu cá não saio do meu proposito, e nem dou palha.

Adeus &c.

Seu compadre e amigo velho
LUIZ DE CHRISTO.
 Cachias, 30 de Outubro de 1854.

RIO DE JANEIRO.

. Conclusão.

. A REFORMA JUDICIARIA.

A policia é um dos ramos da administração, e uma emanação do poder executivo; seus agentes são creaturas do governo, empregados de confiança, amoviveis — *ad nutum* —; era pois uma offensa grave á constituição, era uma anomalia inexplicavel, que a taes empregados se permittisse administrar justiça, assim como o era, que aos agentes do poder judicial se encarregassem funcções de policia; mas até agora não se havia ainda comprehendido a impossibilidade politica dessa mixtão, e nem a lei fundamental havia descido a taes applicações. Ao projecto cabe a gloria de ter applicado a constituição nesta parte.

O nobre deputado pela provincia do Rio de Janeiro, a quem já nos referimos, reclamou que se deixasse á policia aquillo que é *seu predicado proprio*; mas se o projecto, firme nesta idéa, investe a policia na plenitude de todas as suas funcções, desviando inteiramente dellas a justiça, como é que se pôde fazer censura por este lado? O que se tira á policia, e se restitue á justiça, será por ventura esse *predicado proprio*, de que fallou o nobre deputado? Trata-se das sentenças de pronuncia, que foi só o que o projecto tirou á policia; e se houver alguem que se abalance a sustentar que taes sentenças são actos proprios da policia, nós só lhe poderemos responder que rasgue primeiro a constituição do imperio, inverta toda a verdade das theorias, e altere mesmo a natural significação dos termos.

Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Observa-se que a estrutura da carta da figura (9) é composta por: abertura do evento com saudação, expressa pelo vocativo *compadre*, que evidencia o grau de intimidade do remetente e destinatário. Nessa mesma, explicita-se a finalidade da carta, na qual o remetente informa que irá relatar ao seu amigo e compadre os acontecimentos ocorridos na cidade. Além

disso, fica evidente que não se trata da primeira carta encaminhada, uma vez que a passagem “*Eis-me de novo com a mão na penna, cumprindo minha palavra honrada*” remete ao compromisso previamente assumido e situa o destinatário no encadeamento da troca epistolar.

No corpo do texto, parte mais extensa da carta, o remetente noticia os fatos ocorridos na cidade de Caxias, empregando expressões que denotam uma relação respeitosa com o destinatário. Do ponto de vista do tratamento, há a predominância da primeira pessoa do singular.

No encerramento da carta, constata-se a presença de elementos de saudação, como despedida (*Adeus*) e assinatura, que confirma o grau de intimidade dos interlocutores (*Seu compadre e amigo velho*), seguidos da indicação de local e data. Percebe-se, diferentemente do descrito em estudos sobre a estrutura da carta pessoal (Silva, 2002; Adam, 2008), que a indicação do local e da data em que a carta foi escrita aparece ao final do texto, e não no início. Dessa forma, para explicitar a variação na estrutura das cartas nos jornais maranhenses, apresenta-se, a seguir (figura 10), outra carta extraída do corpus.

Figura 10 - exemplo de carta pessoal extraído do jornal O sertão, ano de 1921

O SERTÃO 85

Carta registrada

Ilustre amigo Souza Bispo

Acceptando o cargo, para mim honroso, de redactor correspondente do sympathico periodico «O Sertão» que sabiamente dirigis, em companhia de Isaac Ferreira, cumpre-me dizer-te que o laço munto de bom grado, não que me julgue habil para desempenhar a missão; mas, tocado pelo grande desejo de filiar-me a qualquer iniciativa que vise progresso para a esquecida zona que habito.

Afastado ha quatro annos da cidade, entregue de corpo e alma aos labores da vida, contudo não me falta tempo para mourejar por esta terra, onde a instrucção nada mais é que um lindo sonho.

De certo, Burity Bravo, povoação bastante desenvolvida, abriga centenas de crianças, entregues a toda sorte de vícios e maus costumes.

Fechada ha quatro annos, a Escola Mixta que o governo mantinha aqui, desde então ficou ás escuras a mocidade estudiosa.

O resultado desse descaso por parte dos poderes competentes, ahí está bem patente: roubos, assassínios e toda especie de perversidade, que a ignorância faz campear assustadoramente.

E, que, onde não ha instrucção não pode haver luses nem progresso.

Muitos outros assumptos devia aqui abordar, o que farei pelo proximo correio.

Do amigo grato
J. Ayres.

Burity Bravo, 1—9—1921.

A Saude do Homem

O mais energico dos reconstituintes modernos!
A Maravilha da VELHICE!

Illmos Srs. Mello, Cunha & Comp.—Brejo—Maranhão
Minhas saudações.

Cumpro o sagrado dever de vir, por meio desta communicar-lhes que com a idade de 71 annos usei A SAUDE DO HOMEM e lhes posso affirmar ser um tonico nutritivo e restaurador das forças genitæes perdidas pela idade avançada e por outros inconvenientes.

Só com o uso de 2 vidros desse milagroso preparado, casei-me e . . . a minha vida tem se tornado de verdadeiro contentamento, pois ha muitos annos eu me julgava inteiramente perdido.

Por ser a expressão da verdade, authoriso a VV. SS. a fazerem desta o uso que lhes convier.

De Vas. Sas.
Amº. mto. obrdo.
José Henrique da Costa Mendes.

Riacho do Meio, 12 de Outubro de 1912.
(Firma reconhecida pelo tabellião publico, José Joaquim de Souza Barbosa).

Preparado pelo Pharmaceutico **OTHON MELLO**
Laboratorio á RUA CANDIDO MENDES, 35
Drogaria PROGRESSO DE Antonio Guilherme & C.
Telegr.—SAUDOMEM Maranhão

Bibliographia

A VERDADE DOS FACTOS
—Padre Arias Cruz—1921.
Typ. Teixeira—Maranhão.

Jesuitas. O thema escolhido pelo talentoso prelado maranhense é fecundo, tem margem para trabalho de maior folego. A obra grandiosa de Ignacio de Loyola, que tanto beneficio causou ao Brasil colonial, principalmente na catechese dos incolos, ensinando-lhes uma vida nova sob os auspicios da

tros. A sua fé foi sempre inabalavel por isso mesmo muito conseguiram.

Aos estudiosos da historia recomendamos o livrinho do Padre Arias Cruz, convictos de que muito lucrarão com a sua intelligente e sã leitura.

O SABER—José Cursino
Imp. Official—Maranhão—1921.

E' mais um folheto lançado á curiosidade publica pela «Revista Maranhense». O seu autor, terceirania de Direito na nossa Facul-

Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

A carta ilustrada na figura (10) apresenta, basicamente, a mesma estrutura verificada na carta da figura (9). Na Abertura, registra-se o emprego do item *Ilustre* como forma de tratamento, seguido do vocativo *amigo*. O corpo do texto é composto pelo agradecimento do remetente pelo emprego oferecido e relato de problemas da cidade, redigido

predominantemente em primeira pessoa do singular. Apesar do teor público dos assuntos/problemas que ocorrem na cidade, a relação de proximidade entre os interlocutores é evidenciada, especialmente, pela saudação e despedida.

No encerramento da carta, observa-se que nesta carta há um pré-encerramento, no qual o remetente informa ter outros assuntos que deveriam ser tratados, mas os adia para a próxima carta. Em seguida, apresenta-se a despedida, com o uso de elementos linguísticos que evidenciam o vínculo entre os interlocutores (*do amigo grato*), seguida da assinatura, indicação da data e local.

Por sua vez, as cartas abertas caracterizam-se por tornar público um posicionamento, frequentemente com a finalidade de denunciar problemas que afetam um indivíduo e/ou uma comunidade. Em geral, são utilizadas para expor opiniões, abordar assuntos de interesse coletivo, mas também pode servir a outras finalidades, como a busca por interação e diálogo com um só indivíduo, sobre determinado assunto, como pode ser observado na imagem da figura 11, mais abaixo.

Leite (2014) argumenta que a carta aberta é um gênero textual discursivo que, em geral, se classifica como argumentativo, ainda que integre outras sequências discursivas. Esse tipo de carta costuma ser publicado na esfera jornalística e, mais recentemente, nas redes sociais (instagram, facebook). Tem interesse em sensibilizar o interlocutor, graças ao fato de que os recursos linguísticos utilizados nesse gênero situa o interlocutor a respeito do que se está tratando ao longo do texto.

Oliveira (2018), ao tratar do estilo e da construção composicional da carta aberta, aponta que a pessoa do discurso predominante, nesse gênero, é a primeira do plural (nós), recurso que representa o grupo remetente e reitera o efeito discursivo de proximidade em torno do assunto tratado. O destinatário é introduzido por meio de vocativo e pronome de tratamento. No primeiro parágrafo, apresenta-se a motivação da escrita da carta aberta, o que se segue com o desenvolvimento das discussões, de modo a reafirmar o objetivo da carta, que se encerra com uma expressão de despedida e assinatura.

De modo geral, Silva (2021) apresenta a estrutura composicional da carta aberta: título, introdução, desenvolvimento/corpo textual, conclusão, despedida, assinatura. De forma convergente, Ross, Arnemann, Albiero (2021, p. 349) sistematizam a estrutura da carta aberta do seguinte modo: título com gênero e destinatário(s), apresentação de um problema de interesse coletivo, utilização de argumentos para defender o ponto de vista por meio de

estratégias persuasivas, apresentação de conclusão voltada para a tentativa de convencer o destinatário, identificação do remetente; e explicitação do destinatário ao longo do texto.

Esses elementos podem ser mais bem visualizados nas cartas (figura 11 e figura 12) a seguir.

Figura 11 - exemplo de carta aberta extraído do Jornal O Combate, ano de 1948

Carta aberta ao dr. José Carvalho, Prefeito Municipal de Carolina

Meu caro Zeca,

Com muita tristeza, acabo de saber por intermédio de pessoas fiéis vindas dessa cidade, do seu desastroso ato, determinando abruptamente a interdição do local onde funciona a nossa Câmara Municipal. Esse seu ato violador do direito da maioria da Câmara, é um atentado inominável aos nossos foros, da seriedade civilizada, é um atentado triste da sua mentalidade de homem público e um índice agustioso dos dias incertos, porque está passando Carolina, desgraçadamente governada e orientada por um conjunto híbrido de desertores e translugas políticos que personalizam o desmoralizado P.S.T.

O meu presado amigo assim procedendo, ludibriou todos os seus conterrâneos, principalmente aqueles que votaram no seu nome, por isso que todos confiaram sinceramente no seu espírito de justiça, na brandura do seu temperamento e na independência das suas convicções político-administrativas.

É hoje esse seu ato, violento e ditatorial, veio evidentemente demonstrar os seus propósitos de prepotência a grandeza do seu ódio, a impetuosidade da sua vingança aos seus adversários políticos, e finalmente o incontinente desejo de transformar-se em ditador mirim, governando os seus conterrâneos, sem freios e sem aborrecimentos da Lei e portanto, sem o concurso do poder Legislativo Municipal.

Isso não é mais nem menos, do que, o desvario da ambição de mando político que, supunhamos e acreditávamos jamais se apossasse no coração do homem que mostra-se benfeitor do povo, tanto mais quando o seu passado, a sua polidez, a sua bondade e a grandeza do seu espírito caritativo, eram, naqueles tempos, antes de ingressar na vida política, a garantia do povo de sua terra, endeusado pelos seus amigos e admiradores, simbolizando assim, a fé que o eleitorado lhe deposita para dirigir os destinos de Carolina.

Mas, meu caro Zeca, eu vejo neste seu ato ditatorial, não a expressão da sua vontade livre e das determinações do seu eu, mas, sim, um ato ditado pelos urubus do carcomido PST, que procuram de negritar o seu passado, as suas tradições e o seu amor à terra berço, para, na sua sombra poderem covar-se dos proventos e das migalhas que lhes dá o negregado vitonismo, que tanto envergonha e degrada os maranhenses librados.

Não se iluda, meu caro Zeca, se assim continuar, servindo de loguete nas mãos desses seus maus amigos, desses heróis sem consciência, desses «rodedores» da economia do povo, certamente, em vão das bênçãos de Deus e dos seus conterrâneos fatalmente receberá a maldição dos carolinenses juntamente com os que hoje lhe açulam para a ruína.

O seu ato vai sendo um eco desolador por toda parte onde há homens livres, isto porque ele inaugura uma diadura hiputiana de «pig meus» doentes e tresvairados que querem implantar em Carolina o regime do desprezo e desrespeito

Por meio deste será, amanhã, a

Coluna Trabalhista

O 29 DE OUTUBRO

Como é do conhecimento geral, as comemorações de 29 do fluente têm sido um dos assuntos mais comentados em todo o território da União. Nas câmaras, as polemias tornaram-se enfadonhas enquanto os atuais «democratas» conseguiram que o próximo dia 29 fosse considerado um feriado nacional.

Agora uma pergunta: Porventura, essas comemorações são o fruto da iniciativa popular? Ainda não temos certeza. Essa resposta, só a teremos na hora H.

As classes laboriosas estão, porém, caladas por não possuírem um meio de difusão, tal como jornal ou rádio, onde expressem a sua opinião. O que importa dizer, porém, é somente que essas mesmas classes são a força, o futuro e a grandeza da nossa Pátria e elas, certamente, saberão a diretriz a ser tomada, no momento oportuno.

Se o governo atual fosse realmente, democrático e nele encontrássemos amparo para a realização dos nossos empreendimentos, com certeza, nós os trabalhadores, o apoiaríamos. Isso, todavia, não acontece. Tudo que ainda temos, conseguimos não no atual regime, mas naquele, cuja queda vão comemorar a 29 de outubro, e que, na verdade, apesar de ter sido ditatorial, fez muito mais pelo Brasil brasileiro e, principalmente, por nós, os menos protegidos pela fortuna.

Como cidadãos brasileiros, cónseios das nossas responsabilidades, sempre cooperamos com os responsáveis pelos nossos destinos, na esperança de um porvir mais risonho. Desse modo, já que Getúlio Vargas foi, na nossa opinião, o único que, realmente, pugnou pelo nosso engrandecimento, sob todos os prismas, de maneira alguma poderíamos nos associar àqueles que, somente agora, porque ele não está no poder, consideram o Estado novo como um regime prejudicial à terra de Sta. Cruz.

Com essas comemorações pretendem os democratas da fachada única e exclusivamente apagar o fulgor do ideal que empolgou as classes laboriosas brasileiras procuraram enfim emagrar as pétalas dessa rosa-bela e odorante que é a nossa ideologia expressa na frase: «Ele voltará? Isso porém nem eles nem ninguém conseguirá levar a cabo pois essa companhia que visa sobretudo abafar o movimento que remista movimento este que nasceu no peito de cada brasileiro e a cada dia mais se fortalece mais se arraiga na sensibilização nacional não conseguirá o seu intento.

Façam eles o que quiserem o nosso ideal é uns invacável: Ele voltará!

JOÃO CRUZ

erros, inclusive este seu velho amigo que tanto bem lhe deseja.

à equidade, porque assim, ganhará o conceito de mau.

Adeus.

Cordeal e atenciosamente

COSME COELHO

Balsas 29/9/48

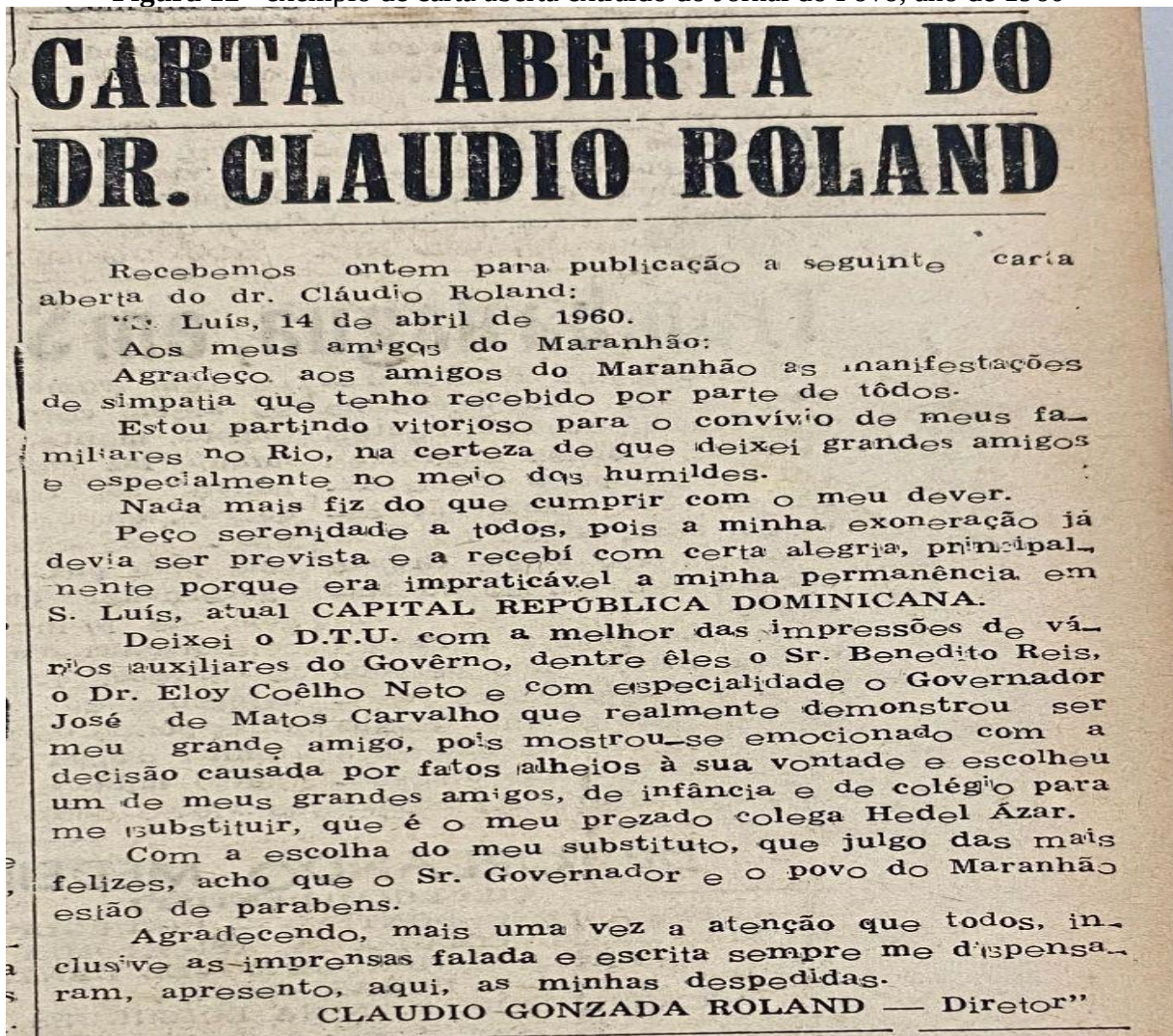
Ana Elvira Leite Machado

CONVITE

A carta aberta da figura 11 apresenta título com indicação do gênero textual discursivo, seguido do destinatário. Embora seja assinada por um único remetente e redigida predominantemente na primeira pessoa do singular, trata de um assunto de interesse coletivo, ao mesmo tempo em que a carta se dirige a apenas um interlocutor (o prefeito da cidade de Carolina). O uso dos vocativos evidencia a proximidade entre os interlocutores, pois, apesar da forma mais formal no título '*Carta aberta ao dr. José Carvalho*', essa proximidade é comprovada ao longo do texto, especialmente pelo uso do vocativo *meu caro Zeca*, no início da escrita.

Logo no início da carta o remetente apresenta o problema que pretende discutir, e, ainda que o assunto seja política, uma crítica sobre os problemas da sociedade, ao longo da escrita expressões como "*meu amigo, meu caro*" reforçam a proximidade entre os interlocutores. Identifica-se, ainda, o uso frequente de formas de tratamento com pronomes possessivos, como *seu, suas*. Em síntese, a escrita dessa carta em primeira pessoa do singular busca sensibilizar o prefeito, tratado ao longo da carta como um amigo, quanto aos seus atos políticos na cidade de Carolina. Por fim, a despedida registra a expressão *Adeus*, seguida de assinatura, data e local.

Figura 12 - exemplo de carta aberta extraído do Jornal do Povo, ano de 1960



Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

A carta (12), embora mais curta, exhibe a estrutura apresentada pelos autores citados anteriormente: o título da carta explicita o próprio gênero – carta aberta, e indica o remetente; diferentemente da carta aberta anterior (figura 11), local e data aparecem logo no início do texto, após o título; o conteúdo, redigido em primeira pessoa do singular, aproxima-se do que se denomina pronunciamento, em que o autor comunica sua exoneração e agrade pelo trabalho prestado. Para além dessa descrição, observa-se, ainda, que a carta se volta para mais de um interlocutor, o que se confirma por meio do uso do vocativo “Aos meus amigos do Maranhão”. A despedida ocorre por meio de um agradecimento, seguida da assinatura.

Com base nos exemplos apresentados acima, verifica-se que as cartas maranhenses diferem dos modelos apresentados na literatura descrita até aqui, sobretudo em dois pontos, a saber: (i) a posição da apresentação do local e da data, que ora aparecem no fechamento, ora

na abertura e; (ii) a pessoa do discurso nas cartas abertas, que, assim como nas cartas pessoais, recorre ao uso da primeira pessoa do singular (ainda que a bibliografia aponte a predominância do uso de *nós*). Em tempo, percebe-se que carta aberta, embora trate de interesses coletivos e comunitários, pode ser endereçada a um único interlocutor, como bem ilustra a figura 11, acima.

Como bem explica Marcuschi (2011), os gêneros textuais são formas culturais e sociais, essencialmente flexíveis e variáveis, que se adaptam ao propósito comunicativo, assim como a língua varia no contexto social. O autor explica também que os gêneros não preexistem como formas prontas e acabadas; ao contrário, funcionam como categorias com papel prático na situação comunicativa, isto é, “instrumentos globais de ação social e cognitiva”.

Diante disso, o corpus aqui trabalhado - carta pessoal e carta aberta publicadas nos jornais maranhenses dos séculos XIX e XX, parece não constituírem estruturas fixas, mas manifestações sujeitas à variação. No que se refere aos elementos aqui destacados, observou-se que as correspondências se articulam ao contexto social de circulação e que a variação, inclusive na própria denominação, decorre de usos temáticos e de escolhas composicionais.

3.5 Definição do envelope de variação

Toda pesquisa variacionista que se ocupa em estudar a variação na produção de uma variável linguística tem de garantir o estabelecimento do princípio da equivalência semântica, ou do valor de verdade, isto é, assegurar que as variantes comparadas preservem o mesmo sentido, a despeito da forma por meio da qual se expressem. No caso da pesquisa em tela, esse princípio deve garantir que, independentemente da morfologia empregada (seja a morfologia própria do subjuntivo, seja a do indicativo), a função semântica realizada seja correspondente à função do modo subjuntivo.

Essa compreensão parece não ser dificultada quando se analisam, por exemplo, variáveis que se encontram no nível fonético-fonológico da língua. Oushiro e Mendes (2011), por exemplo, ao estudar a realização /r/ em coda silábica, em palavras como *porta*, que pode ser expressa como retroflexo [ɽ] ou como tepe [r], mostram que a equivalência semântica se mantém, mesmo diante de diferentes variantes linguísticas.

Por outro lado, para variáveis morfossintáticas, como é o caso da expressão do modo subjuntivo, é necessário verificar se distintas morfologias projetam a mesma função prevista para esse modo verbal. Dizendo isso de outro modo, é necessário identificar em quais contextos de subordinação substantiva, adjetiva e adverbial as duas morfologias em questão podem coocorrer, sem prejuízo do valor modal do subjuntivo.

É essa verificação que permite que seja estabelecido o envelope de variação, isto é, o conjunto de contextos em que uma variação de formas pode ocorrer e, portanto, ser passível de análise.

Definir bem o envelope de variação é decisivo para que se empreenda a validade empírica dos dados linguísticos. O envelope de variação precisa incluir todos os ambientes relevantes em que as variantes são funcionalmente concorrentes e excluir os contextos categóricos.

Em pesquisas com acervos históricos, esse cuidado é redobrado, uma vez que a documentação é altamente heterogênea e, em alguns casos, incompleta. Assim, especificam-se claramente: (i) o fenômeno variável; (ii) os contextos incluídos e excluídos; e (iii) os preditores linguísticos e extralinguísticos a serem testados.

Para esta pesquisa, que busca analisar a variação no uso da morfologia do indicativo, no lugar da morfologia do subjuntivo, selecionam-se cartas (abertas e pessoais) porque foram nesses textos que se obtiveram dados de variação entre essas duas morfologias verbais.

Fortes e Santos (2023) analisaram dados de variação de indicativo e subjuntivo em periódicos maranhenses, com foco em contextos de subordinação substantiva. A pesquisa concluiu que o modo subjuntivo pode ser usado tanto por morfologia própria, quanto por morfologia do indicativo. Além disso, a distribuição dos dados mostrou que o modo subjuntivo é mais recorrente apenas na década de trinta, enquanto o modo indicativo, já no século XIX, avançava ao espaço dedicado ao subjuntivo. Buscando ampliar os contextos de subordinação, recorte temporal e o escopo de textos analisados, este estudo passa a observar orações substantivas, adjetivas e adverbiais em um corpus constituído por cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX, para que se tenha um olhar mais detalhado sobre os padrões de variação entre esses dois modos, já que outros gêneros textuais serão codificados.

Desse modo, o estudo que aqui é proposto é uma contribuição não apenas à compreensão para a pergunta que busca verificar se há correlação estatística entre o tipo de

carta analisado (aberta ou pessoal) e a morfologia do verbo da oração subordinada (subjuntivo ou indicativo), mas, também, descrever tal processo de variação na escrita de jornais publicados no estado do Maranhão, popularmente conhecido como “o lugar em que se utilizam regras de correção gramatical” (Freire, 2006; Honório do Couto, 1986).

Para isso, compõe-se um conjunto de dados com **orações subordinadas**:

- (i) **substantivas** — subjetiva, objetiva direta, predicativa, completiva nominal;
- (ii) **adjetivas** — explicativas e restritivas;
- (iii) **adverbiais** — concessivas, condicionais, finais, causais e temporais.

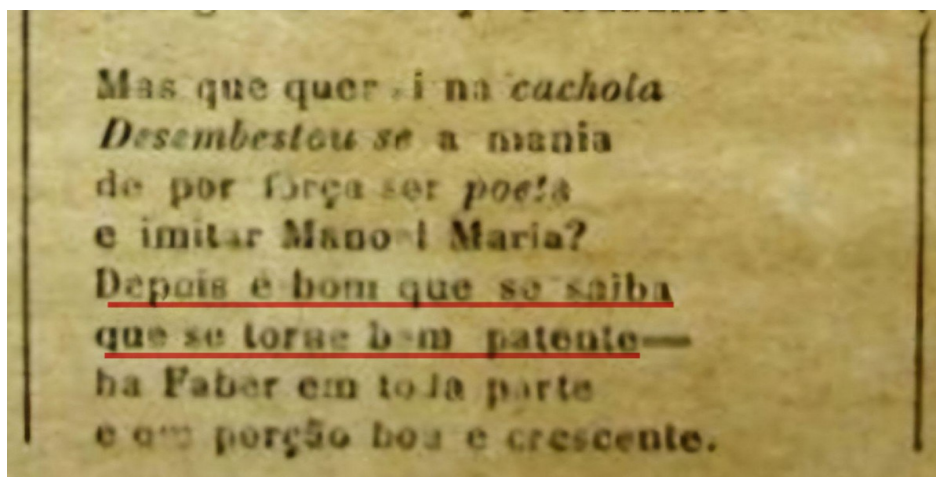
Nesta etapa do trabalho, o objetivo não é ainda testar correlações estatísticas, mas mostrar que foi feita uma ampla análise qualitativa de dados, com o intuito de delimitar quais contextos de subordinação *de fato* apresentam variação entre as morfologias verbais objeto deste mestrado. Os exemplos de cartas, exibidas nas figuras 7 a 23, a seguir, extraídas de jornais maranhenses dos séculos XIX e XX, levam ao estabelecimento do envelope de variação que subsidiará a análise estatística dos dados considerados.

Para o primeiro conjunto de dados, o das orações subordinadas substantivas, localizaram-se contextos de potencial variação nas seguintes subclassificações:

a) Oração subordinada substantiva subjetiva

Para esse conjunto de orações subordinadas, observou-se baixa frequência de ocorrências (22 no total). Desse total de dados, 14 apresentam morfologia de subjuntivo (exemplo 7), enquanto 8 ocorrências aparecem com morfologia de indicativo:

Exemplo 7 – Trecho de Carta Pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada substantiva subjetiva



Fonte: Carta Pessoal ao compadre Maneco, Jornal O Corisco (1890)

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (7) “Depois é bom que se *saiba* que se torne bem patente, ha Faber em toda parte e em porção boa e crescente”.

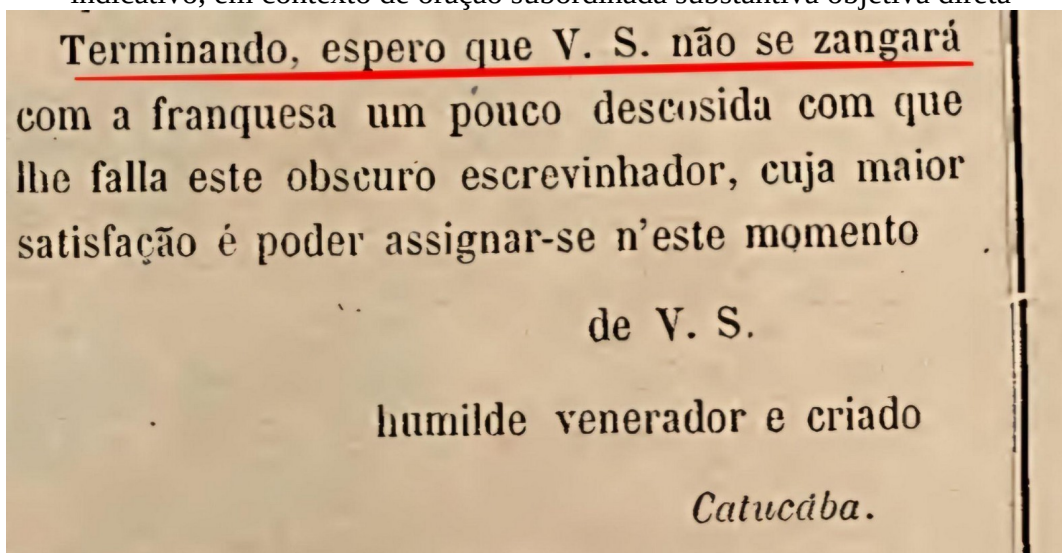
A escassez de dados, de certa forma, aproxima-se dos resultados alcançados por Pimpão (2012), quando mostra que, ao contrário do esperado, o uso da morfologia do subjuntivo não é favorecida nas orações subordinadas substantivas subjetivas analisadas, pois, como bem explica a autora, existem outros casos de orações subjetivas nas quais se tende a empregar o indicativo na subordinada. Nesse caso convém considerar o que a própria autora aponta sobre o controle do *tipo de verbo* empregado na sentença que tem mostrado interessantes resultados, assim como o tipo de conector para as orações adverbiais.

À vista disso, para o contexto de orações subordinadas substantivas foram codificados os verbos da oração principal, no entanto, para as rodadas estatísticas, os verbos foram organizados/agrupados segundo sua carga semântica, considerando-se o tipo de relação estabelecida com o conteúdo proposicional da oração subordinada. O agrupamento foi identificado em seis classes: volitiva, deôntica, epistêmica/cognitiva, discendi, avaliativa e factual. Essa classificação permite captar diferenças funcionais na seleção do modo verbal em orações subordinadas substantivas, conforme amplamente discutido na literatura funcionalista e variacionista (Givón, 1995, Pimpão, 2012).

b) Orações subordinadas substantivas objetivas diretas

Esse subtipo de subordinada é a que apresenta, até o momento, o maior número de ocorrências: foram codificadas 74 ocorrências dessa estrutura. São os casos nos quais, também, observa-se o maior número de dados com forma de indicativo (35), ao passo que 39 dados codificados se encontram na morfologia do subjuntivo. O exemplo 8, a seguir, traz uma sentença em que a oração subordinada está encaixada na posição de objeto direto do verbo *esperar*, e exibe um caso em que a forma do indicativo (*zangará*), no futuro do presente, é usada em contexto prevê a possibilidade de uso de forma de presente do subjuntivo (*zangue*).

Exemplo 8 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a de indicativo, em contexto de oração subordinada substantiva objetiva direta

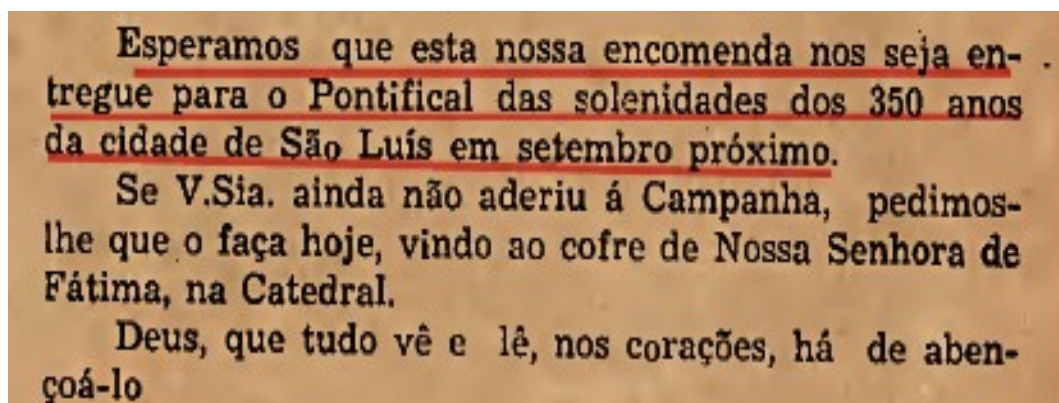


Fonte: Carta pessoal ao Illm. Sr. Comandante dos Urbanos, Jornal A Flecha (1879)
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (8) “Terminando, espero que V.S. não se **zangará** com a franquesa um pouco descosida com que lhe falla este obscuro escrevinhador, cuja maior satisfação é poder assignar-se n’este momento.”

Os exemplos 8 e 9 são dois casos de orações subordinadas substantivas objetivas diretas em que as formas verbais indicativo e subjuntivo variam. Nota-se que, diferentemente do que se observa no exemplo 8 em que forma do indicativo é expressa, o dado em 9 mostra o verbo *ser* no presente do subjuntivo (*seja*):

Exemplo 9 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta

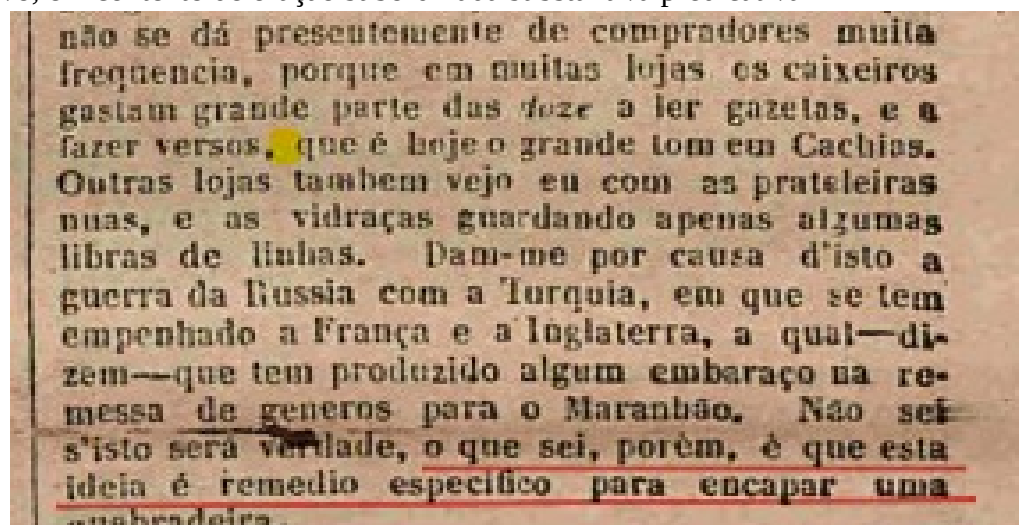


Fonte: Carta aberta ao Ilmo Sr., no Jornal do Maranhão (1962), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (9) “Esperamos que esta nossa encomenda nos seja entregue para o Pontifical das solenidades dos 350 anos da cidade de São Luís em setembro próximo”.

c) Não foram encontrados dados de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e apositivas. No caso da substantiva predicativa, registraram-se dois casos, um com morfologia do indicativo (exemplo 10, a seguir) e outro com morfologia do subjuntivo (exemplo 11):

Exemplo 10 - Trecho de pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a do indicativo, em contexto de oração subordinada substantiva predicativa

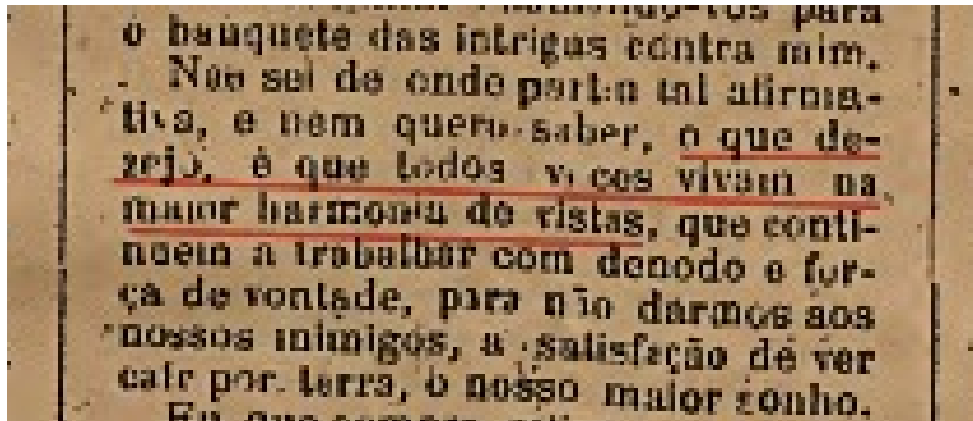


Fonte: Carta pessoal de Luiz de Chisto a seu compadre Xisto, no jornal O Farol (1854), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (10) “O que sei, porém, è que esta ideia é remedio especifico para encapar uma quebradeira.”

Exemplo 11 - Trecho de carta aberta com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada substantiva predicativa



Fonte: carta aberta aos artistas e operários do Centro A., Operário Rozariense, no Jornal O Coroadá (1920), século XX

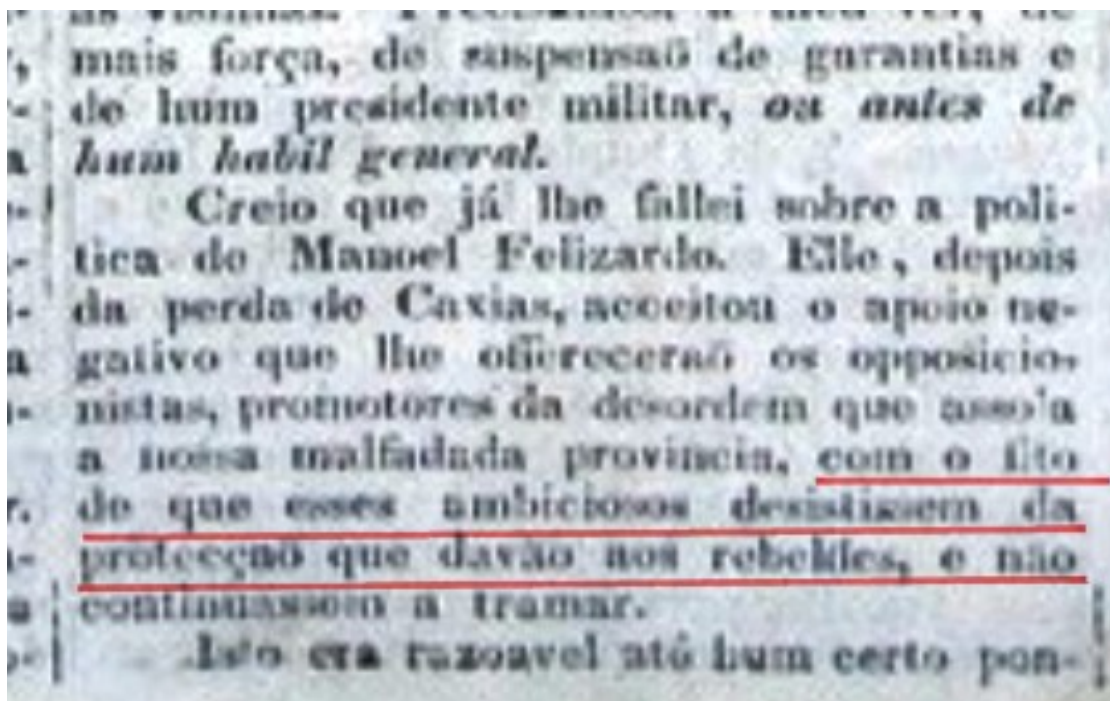
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (11) “O que desejo, è que todos vocês vivam na maior harmonia vistas.”

d) No caso de orações subordinadas substantivas completivas nominais, há pouca quantidade de dados encontrados (12), dos quais 8 estavam com morfologia do indicativo e 4 com morfologia do subjuntivo¹⁴.

¹⁴ Importa informar que pesquisas desenvolvidas por Pimpão (2012; 2021) mostram que esse tipo de oração tem favorecido o uso da morfologia do subjuntivo, na expressão desse modo verbal.

Exemplo 12 - Trecho de carta pessoal com excerto em que a forma verbal é do subjuntivo, em contexto de oração subordinada substantiva completiva nominal



Fonte: Carta do Maranhão para a Corte, no jornal Chronica maranhense (1839), século XIX

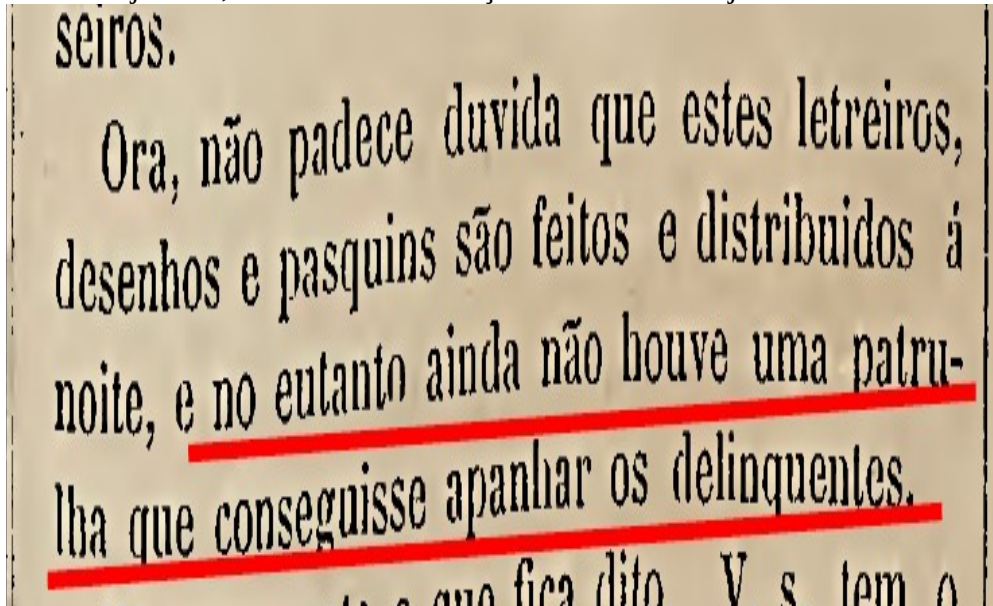
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (12) Ele, depois da perda de Caxias, aceitou o apoio negativo que lhe ofereceraõ os opposicionistas, promotores da desordem que assola a nossa malfadada provincia, com o fito de que esses ambiciosos **desistissem** da protecção que davão nos rebeldes, e não continuassem a tramar.

Uma vez apresentado o conjunto de dados de orações subordinadas substantivas, passa-se às orações subordinadas adjetivas, tipos de orações para os quais Bechara (2009; 2010) e Cunha e Cintra (2017) informam que o uso do subjuntivo exprime um fim que se pretende alcançar, uma consequência, uma conjectura, uma hipótese, um fato improvável.

a) Na construção da amostra desta pesquisa, observou-se maior frequência de formas do indicativo, tanto nas orações adjetivas restritivas (51 ocorrências no indicativo) quanto nas explicativas (29 dados no indicativo). Ainda que em menor número, também foram registrados casos com morfologia do subjuntivo (25 dados no total, dos quais 10 eram de adjetivas explicativas e 15 de restritivas), como no exemplo 13, de oração adjetiva restritiva:

Exemplo 13 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada adjetiva restritiva



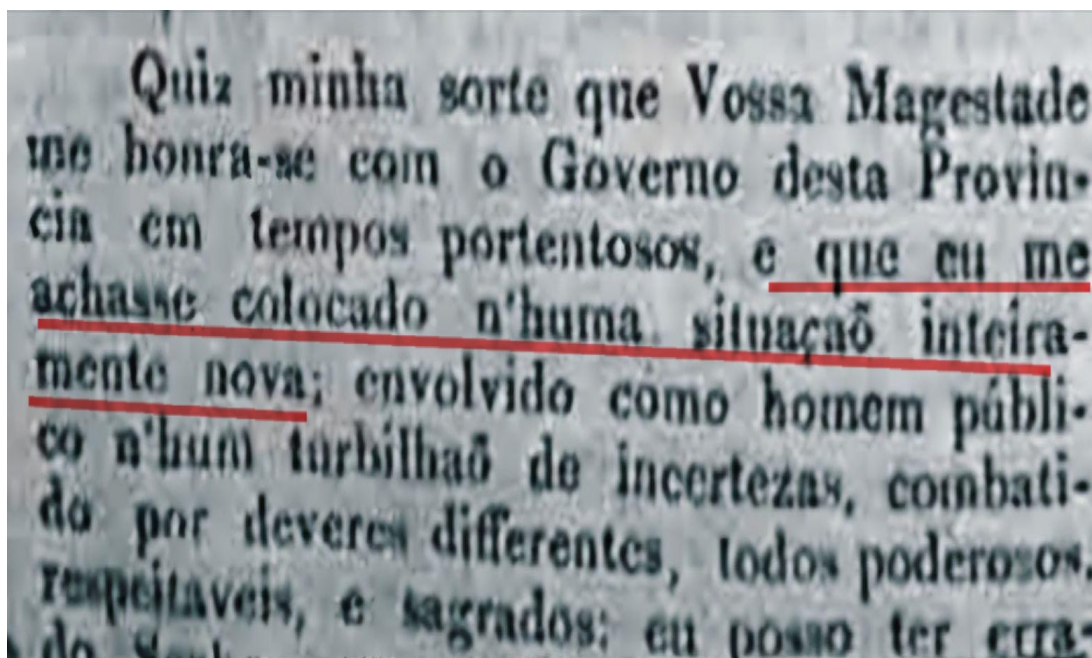
Fonte: Carta para Illm. Sr. dr. Chefe de Polícia, no jornal Flecha (1879), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (13) “Ora, não padece duvida que estes letreiros, desenhos e pasquins são feitos e distribuidos á noite, e no entanto ainda não houve uma patrulha que conseguisse apanhar os delinquentes”.

b) A figura 14, abaixo, também destaca uma oração subordinada adjetiva, mas em sua subclassificação explicativa, na qual a forma do subjuntivo é expressa com morfologia de subjuntivo:

Exemplo 14 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração adjetiva explicativa



Fonte: Carta a Elrey, no jornal O Conciliador do Maranhão (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

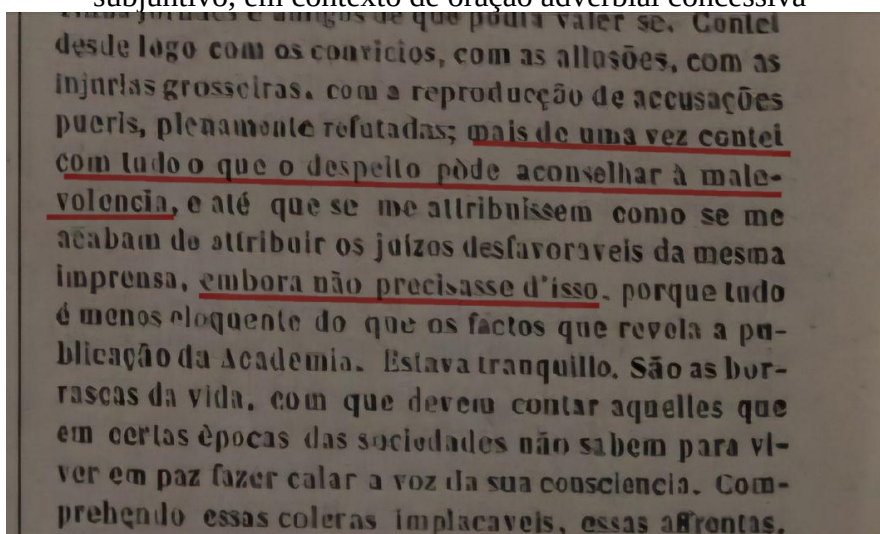
Transcrição: (14) “Quiz minha sorte que Vossa Magestade me honra-se com o Governo desta Provincia em tempos portentosos, e que eu me achasse colocado n'huma situação inteiramente nova; envolvido como homem público n'hum turbilhão de incertezas, combatido por deveres diferentes, todos poderosos, respeitaveis, e sagrados”.

Esses exemplos de explicativas se afastam do que Mira Mateus *et al* (2003) e Oliveira (2006, p. 115) explicam sobre as orações relativas, orações explicativas e o uso do subjuntivo “são de dois tipos as relativas com antecedente nominal: restritiva e explicativa e apenas as restritivas podem conter o subjuntivo”. Ou seja, de acordo a autora em orações explicativas são usadas apenas a forma do indicativo, no entanto, conforme se verifica no exemplo 14, apresentado anteriormente, extraído de uma carta publicada no jornal maranhense, a morfologia do subjuntivo é expressa em contexto de oração subordinada adjetiva explicativa.

Por fim, mas não menos importante, as orações subordinadas adverbiais também se adjungem a diferentes subtipos e conjunções subordinativas (Cunha e Cintra, 2017). Uma análise preliminar nas cartas pessoais e abertas publicadas em jornais maranhenses mostram os seguintes casos:

a) Oração subordinada adverbial concessiva: nesse tipo de subordinação, a forma do subjuntivo apareceu com maior recorrência (9 dos 12 casos) em orações introduzidas pela conjunção subordinativa *embora*, como demonstrado no exemplo 15, em que a sentença possui valor de advérbio,

Exemplo 15 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a morfologia verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração adverbial concessiva



Fonte: Carta do Sr. A. Herculano, no jornal Diário do Maranhão (1857), século XIX

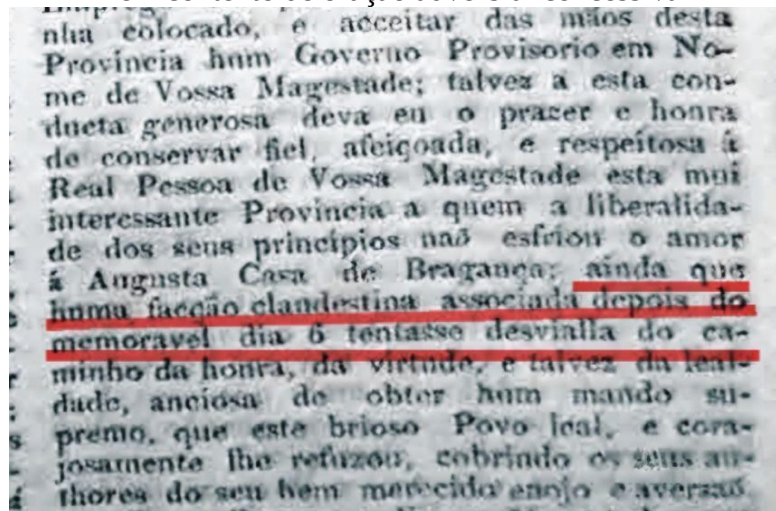
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (15) “mais de uma vez contei com tudo o que o despeito pode aconselhar à malevolência [...] embora não **precisasse** d'isso”.

Ainda no conjunto de orações adverbiais concessivas, destacam-se os dados introduzidos pela locução subordinativa *ainda que*. Nesses exemplares de subordinação foram encontrados dados com morfologia do subjuntivo (3 ocorrências) e com morfologia do indicativo (1 ocorrência).

O exemplo destacado nas figuras 16 e 17, a seguir, revela a variação entre as morfologias estudadas aqui, em contextos sintáticos introduzidos por *ainda que*:

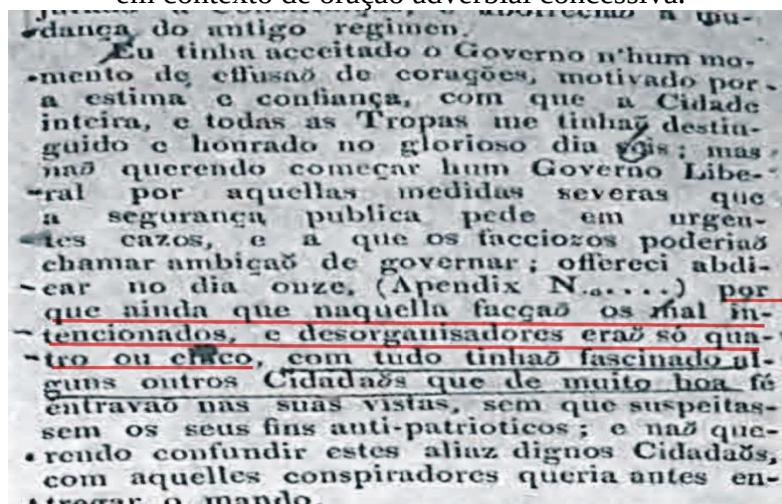
Exemplo 16 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a morfologia é a do subjuntivo, em contexto de oração adverbial concessiva



Fonte: Carta a Elrey, no jornal O Conciliador do Maranhão (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (16) “ [...] esta mui interessante Provincia a quem a liberalidade dos seus principios não esfriou o amor á Augusta Casa de Bragança, ainda que huma facção clandestina associada depois do memoravel dia 6 tentasse desvialla do caminho da honra, da virtude, e talvez da lealdade, anciosa de obter hum mando supremo”.

Exemplo 17 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contexto de oração adverbial concessiva.



Fonte: Carta As Cortes, no jornal O Conciliador (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

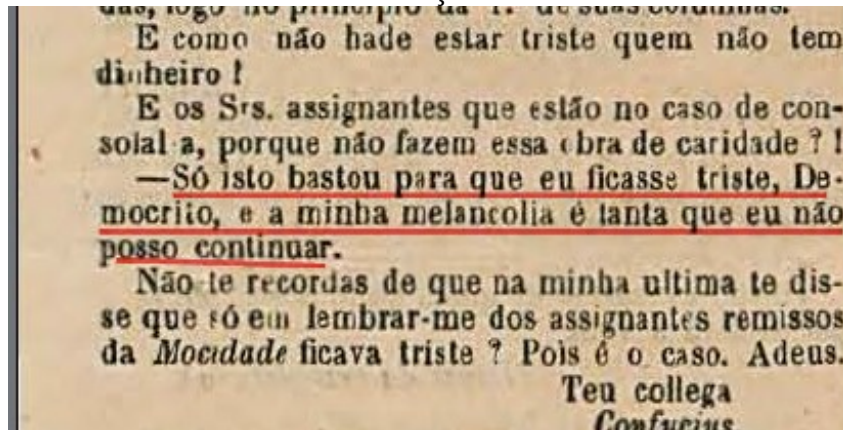
Transcrição: (17) “Offereci abdicar no dia onze, porque ainda que naquella facção os mal intencionados, e desorganizados erão só quatro ou cinco, com tudo

tinhão fascinado alguns outros Cidadãos que de muito boa fé entravão na suas vistas”.

b) Oração subordinada adverbial causal: os dados de orações adverbiais causais encontrados foram introduzidos pelas conjunções subordinativas *porque* e *já que*, não apresentando o uso da morfologia do subjuntivo nessa subclassificação.

c) Oração subordinada adverbial final: para esse contexto, diferentemente do que se observou para os exemplos anteriores, os dados de orações subordinadas adverbiais finais têm apontado para o uso categórico da forma do subjuntivo. Nesses contextos sintáticos, houve 27 ocorrências, todas com a morfologia do subjuntivo, com a locução subordinativa *afim de que* e *para que*:

Exemplo 18 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a forma verbal é do subjuntivo, em contexto de oração adverbial final

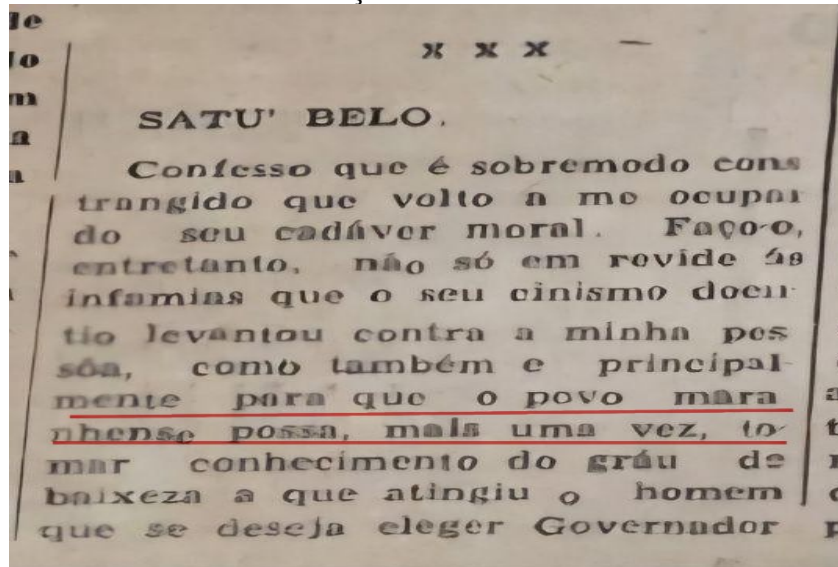


Fonte: Carta pessoal ao caro democrito, de um colega, no jornal A Mocidade (1876), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (18) “Só isto bastou para que eu ficasse triste, Democrito, e minha melancolia é tanta que eu não posso continuar”.

Exemplo 19 – Trecho de carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada adverbial final



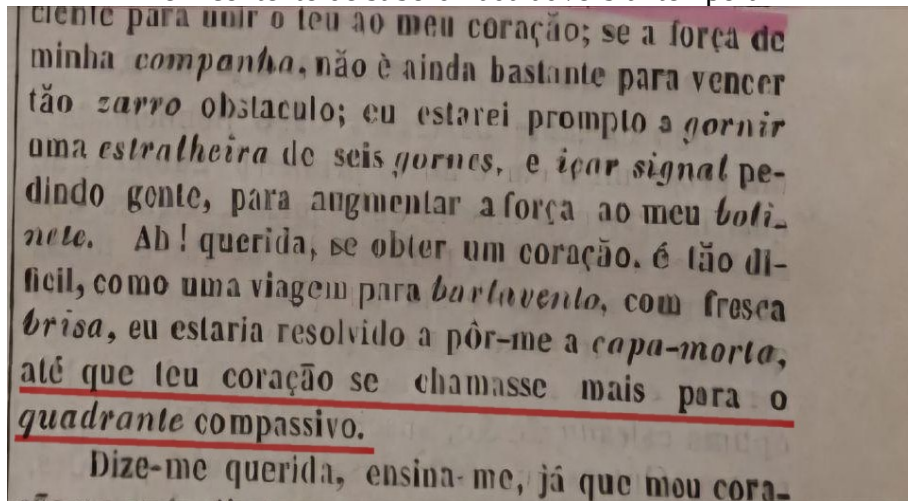
Fonte: Carta aberta ao Exmo. Sr. Saturnino Belo, vice-governador do Maranhão, no jornal Diário de S. Luiz (1950)

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (19) “Faço-o, entretanto, não só em revide ás infâmias que o seu cinismo doentio levantou contra a minha pessoa, como também e principalmente para que o povo maranhense **possa**, mais uma vez, tomar conhecimento do grau de baixeza a que atingiu o homem que se deseja eleger Governador do meu Estado”.

d) Oração subordinada adverbial temporal: os dados de orações subordinadas adverbiais temporais são introduzidos pelas conjunções subordinativas *até que*, *desde que* e *quando*. A forma do subjuntivo prevaleceu somente nos dois casos a seguir (figuras 20 e 21), introduzidos pela conjunção subordinativa *até que*:

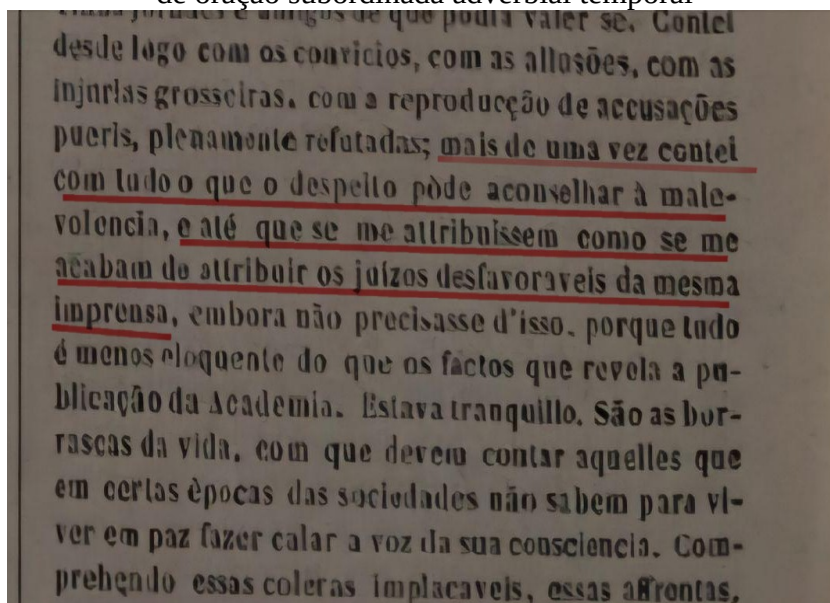
Exemplo 20 – Trecho de carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contexto de subordinada adverbial temporal



Fonte: Carta de um marujo à sua amada, no jornal A Marmotinha (1852), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (20) “Ah! querida, se obter um coração, é tão difícil, como uma viagem para barlavento, com fresca brisa, eu estaria resolvido a pôr-me a capa-morta, até que teu coração se **chamasse** mais para o quadrante compassivo”.

Exemplo 21 – Trecho de carta pessoal em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada adverbial temporal

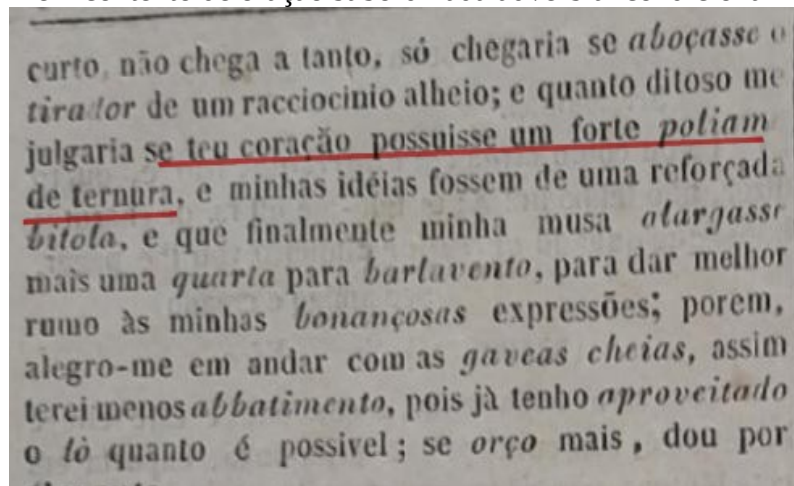


Fonte: Carta do Sr. A. Herculano, no jornal Diário do Maranhão (1857), século, XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (21) “Mais de uma vez contei com tudo o que o despeito pode aconselhar à malevolencia, e até que se me **atribuissem** como se me acabam de atribuir os juizos desfavoraveis da mesma imprensa, embora não precisasse d'isso”, e uso categórico do indicativo com *quando* e *desde que*”.

e) Oração subordinada condicional: as orações condicionais são os contextos mais recorrentes nas cartas analisadas. Nessa subclassificação, a forma do subjuntivo ultrapassa a do indicativo: enquanto foram obtidas 15 ocorrências de condicionais com morfologia de subjuntivo, foram coletados 12 dados do mesmo tipo de subordinação com morfologia do indicativo. Os exemplos, a seguir, mostram sentenças em que as duas formas são usadas em orações adverbiais condicionais, introduzidas pela conjunção subordinativa *se*:

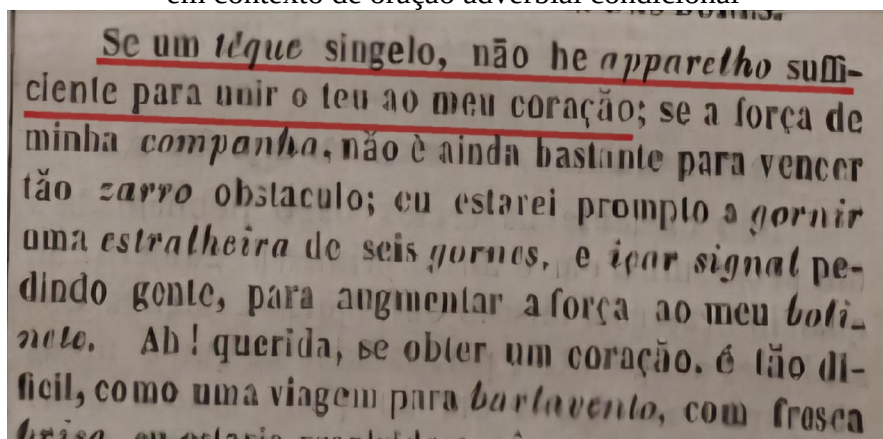
Exemplo 22 - Trecho de carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada adverbial condicional



Fonte: Carta de um marujo à sua amada, no jornal A Marmotinha (1852), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (22) “E quanto ditoso me julgaria se teu coração **possuísse** um forte poliam de ternura”.

Exemplo 23 - Trecho de carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contexto de oração adverbial condicional



Fonte: Carta de um marujo à sua amada, no jornal A Marmotinha (1852), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (23) “Se um tèque singelo, não he aparelho sufficiente para unir o teu ao meu coração”.

Informa-se que não foram encontrados dados de orações subordinadas adverbiais proporcionais, contrastivas e consecutivas.

Assim, considerando a apresentação qualitativa de dados de orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, o envelope de variação que permitirá a análise de variação entre a morfologia do indicativo e a morfologia do subjuntivo em cartas pessoais e abertas, publicadas em jornais maranhenses, nos séculos XIX e XX, é formado por: Orações subordinadas substantivas subjetivas, objetivas diretas, predicativas e completiva nominal; orações adjetivas restritivas e explicativas; orações subordinadas adverbiais concessivas, condicionais, causais, finais e temporais, em contextos que se configuram como próprios de morfologia do subjuntivo.

3.6. Envelope de Variação

O envelope de variação deste trabalho é composto por: orações subordinadas substantivas subjetivas, objetivas diretas, predicativa e completiva nominal; orações adjetivas restritivas e explicativas; orações subordinadas adverbiais concessivas, condicionais, causais, finais e temporais, em contextos que se configuram como próprios de morfologia do subjuntivo.

Os dados coletados foram extraídos e transcritos em planilhas do excel, conforme se verifica na figura a seguir:

entre as morfologias do indicativo e do subjuntivo, na expressão do modo subjuntivo, já apontam algumas variáveis linguísticas que funcionam como potenciais fatores que ajudam a explicar o uso de uma morfologia em lugar da outra. Aqui, busca-se verificar se esses fatores também contribuem para explicar a variação desse fenômeno sociolinguístico no recorte temporal aqui – séculos XIX e XX.

Dentre os possíveis grupos de fatores linguísticos, pretende-se analisar aqueles que já são controlados em pesquisas dessa natureza:

Quadro 4: Grupo de fatores linguísticos

Grupo	Fatores
<i>Orações substantivas</i>	Classificação da oração substantiva
	Tempo Verbal da Oração principalmente
	Tempo verbal da oração subordinada
	Carga semântica do verbo da oração principal
	Grau de assertividade (afirmação+afirmação; negação+afirmação; afirmação+negação; negação+negação)
<i>Orações adjetivas</i>	Classificação da oração adjetiva
	Animacidade do antecedente do pronome relativo (+ animado e -animado)
<i>Orações adverbiais</i>	Classificação da oração adverbial (concessiva, condicional, causal, final, temporal)
	Tipo de subordinador (se, embora, desde que, para que, até que)

Fonte: Elaboração própria

Quadro 5: Grupo de fatores extralinguísticos

Grupos
<i>Gênero textual discursivo (carta aberta ou carta pessoal)</i>
<i>Século</i>
<i>Ano</i>
<i>Década</i>

Fonte: Elaboração própria

O próximo capítulo apresenta os dados de formas de indicativo e de subjuntivo em orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais coletados e analisados estatisticamente no R (GRIES, 2009; R CORE TEAM, 2025). Informa-se que o R é uma linguagem de programação gratuita que trabalha com a coleta de dados e realiza computações estatísticas. Oushiro (2015), afirma que esse programa pode ser utilizado para análises estatísticas e gráficas, além da compilação e anotação de corpora; produção de listas de frequências, entre diversas outras tarefas. A autora acrescenta que o R é de grande utilidade, por ser possível que o usuário personalize as tarefas que deseja executar, pois ele pode criar suas linhas de comando de maneira que “instrua o programa sobre o que fazer”, e ainda tenha controle com os resultados. Vem contribuindo para a elaboração de análises estatísticas bastante sofisticadas, o que pode contribuir para uma melhor compreensão do comportamento sociolinguístico de variáveis linguísticas.

Acrescenta-se também que a análise foi realizada por meio do modelo de regressão logística glm (do inglês, “generalized linear model), que segundo Oushiro (2022, p.321) “trata-se efetivamente de uma generalização do modelo de regressão linear para as variáveis não numéricas.”, isto é, com variável binária.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

No presente capítulo apresentam-se os resultados da análise quantitativa das ocorrências do subjuntivo e indicativo nas cartas pessoais e cartas abertas veiculadas nos jornais maranhenses dos séculos XIX e XX.

O interesse é identificar os grupos de fatores relevantes para a expressão do subjuntivo no conjunto de dados extraídos das cartas publicadas nos jornais maranhenses. Assim, serão analisados contextos de orações subordinadas substantivas (subjativa, objetivas diretas, completiva nominal, predicativa), adjetivas (restritivas e explicativas) e adverbiais (concessivas, condicionais, finais, causais, temporais) presentes no corpus, e para os quais foram encontrados dados das duas morfologias, a fim de que se tenha um delineamento no comportamento sociolinguístico das duas morfologias em questão.

Para o estudo foram incluídos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, conforme apresentado no capítulo anterior, nos quadros 3 e 4. Diante disso, com as análises dos dados será possível verificar quais os contextos em que a forma do subjuntivo está sendo expressa e quais os resultados obtidos nesta pesquisa, em comparação aos estudos da forma do subjuntivo já existentes.

Os resultados abaixo mostram as distribuições nas diferentes estruturas de subordinação. Na primeira subseção são discutidos os resultados das orações substantivas e sua correlação com os grupos de fatores *classificação da oração subordinada substantiva, tempo verbal da oração principal, tempo verbal da oração subordinada, grau de assertividade, séculos/décadas, gêneros - carta pessoal e carta aberta*. Na subseção 4.2 são apresentados os resultados das orações adjetivas (explicativas e restritivas) com base nas variáveis controladas: *classificação da oração adjetiva, distância do pronome relativo e a forma verbal, animacidade, séculos/décadas e gêneros*. Em 4.3 destacam-se os resultados das orações adverbiais (concessiva, condicional, temporal, causal, final), com as variáveis linguísticas *classificação da oração, tipo de subordinador e as variáveis extralinguísticas séculos/décadas e os gêneros*. O capítulo se encerra com a análise geral dos três contextos de estrutura subordinada, a fim de que se verifique a correlação entre a expressão do subjuntivo e o grupo de fatores *séculos, décadas e gênero textual (carta pessoal e carta aberta)*. Antes de prosseguir para os resultados, informa-se que a análise foi realizada separadamente, porque além da diferença estrutural, as variáveis também são diferentes, como explicitado no capítulo

anterior. Além disso, informa-se que para esta análise todos os valores de aplicação são da morfologia do indicativo, em comparação à forma do subjuntivo, com interesse em observar a morfologia do subjuntivo.

4.1 Orações substantivas

Nesta subseção serão analisadas as orações subordinadas substantivas e suas subclassificações. Na tabela 1, abaixo, os resultados indicam que a morfologia do subjuntivo é a forma que mais se associa ao contexto de substantiva, com um índice geral mais alto para a expressão do subjuntivo 52,7%, e o indicativo com frequência de 47,3%, que corresponde a 52 ocorrências.

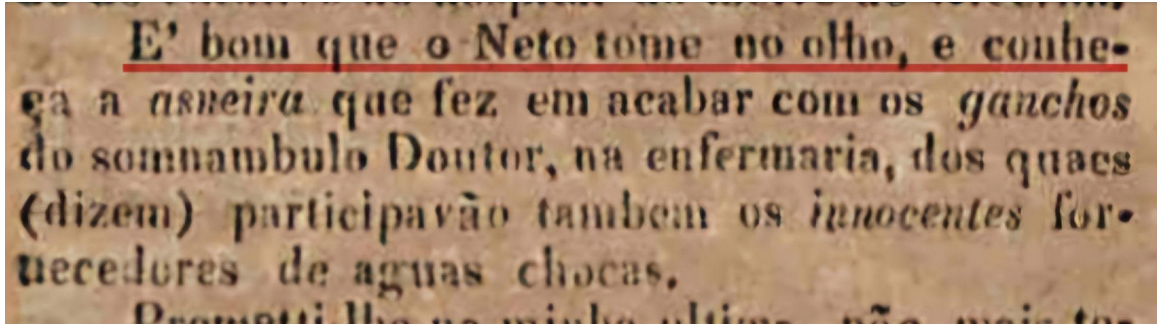
Tabela 1: Distribuição geral dos dados das *orações subordinadas substantivas*

Grupo	N Indicativo	%	N Subjuntivo	%
Substantiva	52	47,3	58	52,7
Total				110

Fonte: Elaboração própria

Nesse contexto de subordinação foram controladas as subclassificações da oração substantiva: subjetiva, objetiva direta, completiva nominal e predicativa. Entretanto, informa-se que a análise incluiu rodadas estatísticas diferentes, porque dentro da classificação substantiva há as orações subjetivas que apresentam estruturas distintas, nas quais há casos em que não é possível analisar a carga semântica da oração principal, como se observa no exemplo 24, ocorrências que foram analisadas apenas qualitativamente, devido à pouca quantidade de dados:

Exemplo 24- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contexto de oração subordinada substantiva subjetiva

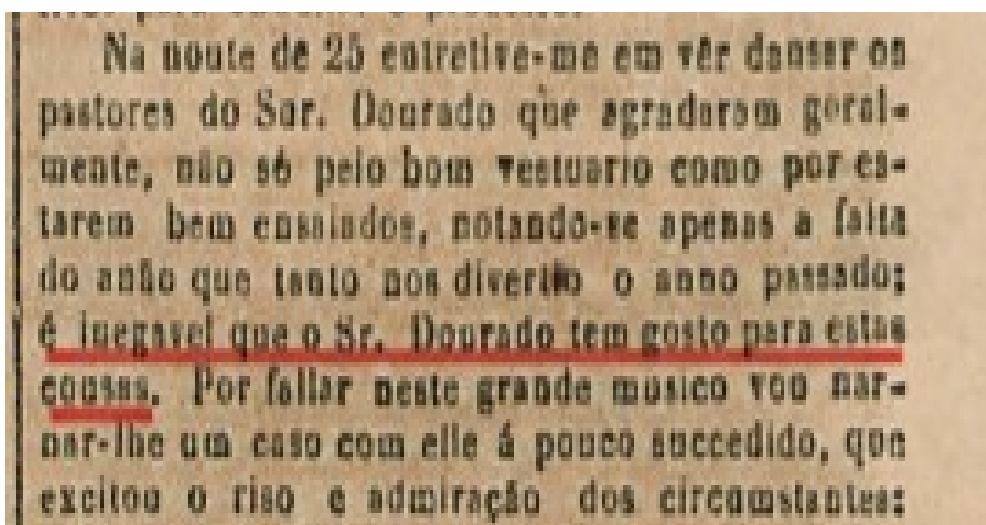


Fonte: Carta pessoal de André Gonzaga, a seu compadre Luiz Zunaga, no jornal Farol (1855), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (24) “E’ bom que o Neto tome no olho, e conheça a asneira que fez em acabar com os ganchos do somnambulo Doutor, na enfermaria, dos quaes (dizem) participavão também os innocentes fornecedores de aguas chocas”.

A sentença representada no exemplo 24 é uma estrutura de oração subordinada substantiva subjetiva, no qual há presença de um verbo de ligação seguido de predicativo e em cujo contexto o verbo da oração subordinada ‘tome’ aparece com morfologia própria de subjuntivo. No entanto, também há estruturas dessa mesma natureza, nas quais se verifica, a exemplo de 25, a possibilidade de ocorrência da morfologia do indicativo.

Exemplo 25- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada substantiva subjetiva



Fonte: Carta de Gregorio Pindahyba, cabo D'Esquadra da G. Nacional, ao ferreiro dos mattões, no jornal Imprensa Caxiense (1863), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (25) Na noute de 25 entretive-me em vêr dansar os pastores do Snr. Dourado que agradaram geralmente, não só pelo bom vestuario como por estarem bem ensaiados, notando-se apenas a falta do anão que tanto nos divertio o anno passado; é inegavel **que o Sr. Dourado tem gosto para estas cousas.**

Os dados de subjetivas, extraídos das cartas pessoais e cartas abertas com verbo de ligação e predicativo, apresentaram-se quase categóricos com a forma do subjuntivo. Do total de 10 ocorrências, apenas uma sentença é expressa com a forma do indicativo. Esse resultado se aproxima de estudos que apontam a importância de certas orações substantivas, a exemplo da classificação subjetiva, ao uso do subjuntivo (Alves, 2009; Pimpão, 2012).

Dito isso, a tabela 2, a seguir, apresenta os resultados dos testes de regressão logística binomial dos dados de substantivas e suas subclassificações objetivas direta, completiva nominal, predicativa e subjetiva (quando o verbo da oração principal se encontra na terceira pessoa do singular). No entanto, antes da leitura desta tabela, é necessário que sejam feitos alguns apontamentos sobre como as variáveis estão distribuídas. Foram consideradas para a análise os *verbos da oração principal, classificação da oração substantiva, tempo verbal da oração principal e tempo verbal da oração subordinada, grau de assertividade, século e gênero textual*. Após alguns testes com essas variáveis, o programa mostrou que era preciso algumas combinações com essas variáveis por se tratar de uma amostra menor. Os modelos e testes feitos no R studio estão no Anexo B.

Dessa forma, os verbos foram agrupados conforme sua carga semântica, considerando-se com o conteúdo proposicional da oração subordinada como explicado no capítulo de metodologia: volitivo, deôntico, epistêmico/cognitivo, discendi, avaliativo e factual. Também foi necessário o agrupamento da classificação da oração substantiva, tempo verbal da oração principal e grau de assertividade. A variável grau de assertividade variável subdividiu-se em duas categorias: *afirmação plena; presença de negação*.

Tabela 2: Análise de regressão logística do uso da morfologia do indicativo e subjuntivo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=100)

Variável	Estimativa	Erro padrão	valor-z	p	Apl./N Indicativo
<i>Intercept</i>	-5.456	1.032	-0.529	0.597	
Carga semântica do verbo da oração principal					
Epistêmico/cognitivo (v. de referência)					22/31 (71%)
Avaliativo/volitivo	4.845	1.269	3.818	<0.000 ***	1/21 (4,8 %)
Deôntico	1.978	1.596	0.012	0.990	0/14
Discendi	-2.059	1.119	-1.841	0.065.	14/16 (87,5%)
Factual	-5.139	8.546	-0.601	0.547	14/18 (77,8%)
Classificação da oração substantiva					
Objetiva direta (v. de referência)					35/74 (47,3%)
Completiva nominal/subjetiva/predicativa	-8.151	7.999	-0.010	0.991	16/26 (61,5%)
Tempo verbal da oração principal					
Presente (v. de referência)					46/83 (55,4%)
Pretérito/futuro/infinitivo	3.823	1.094	0.349	0.726	5/17 (29,4%)
Tempo verbal da oração subordinada					
Presente (v. de referência)					42/78 (53,8%)
Pretérito	1.847	9.636	1.916	0.055.	9/22 (40,9%)
Grau de assertividade					
Afirmação plena (v. de referência)					35/66 (53%)
Presença de negação	1.169	7.149	1.635	0.102	16/34 (47,1%)
Século					
XIX (v. de referência)					31/56 (55,4%)
XX	-5.240	8.891	-0.589	0.555	20/44 (45,5%)
Gênero					
Carta aberta (v. de referência)					17/39 (43,6%)
Carta pessoal	-1.866	9.145	-2.040	<0.05*	34/61 (55,7%)

Formula=glm(MORFOLOGIA~CARGA_SEM_VERBO_OP_M2+TEMPO_PRINCIPAL+CLASSIFICACAO.DA.ORACAO + TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.SUBORDINADA+ASSERTIVIDADE_AM+SECULO+GENERO, family = binomial(), data = Substantiva_)¹⁵

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 2 apresenta os resultados da análise de regressão logística realizada para observar a alternância entre a morfologia do indicativo e a morfologia do subjuntivo em orações subordinadas substantivas. A primeira coluna apresenta as variáveis independentes consideradas no modelo e suas respectivas variantes. As categorias indicadas como valor de referência correspondem aos níveis em relação aos quais as demais variantes foram comparadas. Assim, para a variável carga semântica do verbo da oração principal, tomou-se como referência o grupo dos verbos epistêmicos/cognitivos; para a classificação da oração substantiva, a oração objetiva direta; para os tempos verbais da oração principal e da oração subordinada, o presente; para o grau de assertividade, os contextos de afirmação plena; para o século, o século XIX; e, para o gênero/tipo de carta, as cartas abertas.

As estimativas do modelo devem ser lidas em relação a essas categorias de referência, considerando-se também o erro padrão, o valor-z e o valor de p. Convencionalmente, valores de p inferiores a 0,05 indicam associação estatisticamente significativa entre a variante analisada e a variável dependente. A última coluna apresenta os valores brutos e percentuais de ocorrência da morfologia do indicativo, funcionando como informação descritiva complementar à análise estatística.

Entre as variáveis controladas, destacam-se dois resultados estatisticamente significativos: a carga semântica avaliativo/volitiva do verbo da oração principal e o gênero/tipo de carta pessoal. No primeiro caso, observa-se que os contextos avaliativo/volitivos apresentam baixa ocorrência de indicativo, com apenas 1 ocorrência em 21 dados, correspondente a 4,8%. Esse resultado sugere forte associação entre verbos de valor avaliativo/volitivo e a seleção da morfologia do subjuntivo em orações substantivas. Trata-se de um resultado coerente com a natureza semântico-pragmática desse grupo verbal, uma vez que verbos avaliativos e volitivos tendem a introduzir conteúdos não factuais, desejados, avaliados ou projetados, favorecendo, portanto, contextos tradicionalmente associados ao subjuntivo.

Quanto ao gênero/tipo de carta, as cartas pessoais apresentam resultado estatisticamente significativo em comparação com as cartas abertas. Do ponto de vista

¹⁵ Fórmula aplicada ao conjunto de dados no R studio.

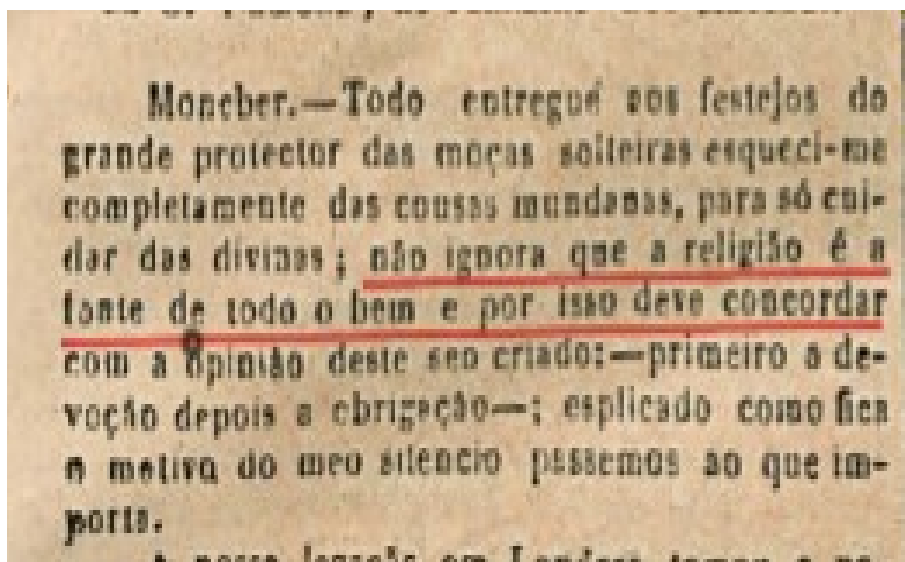
descritivo, as cartas pessoais registram 34 ocorrências de indicativo em 61 dados, correspondendo a 55,7%, enquanto as cartas abertas apresentam 17 ocorrências de indicativo em 39 dados, correspondendo a 43,6%. Esse resultado aponta para uma diferença relevante entre os dois gêneros analisados, sugerindo que a configuração discursiva das cartas pessoais pode favorecer de modo distinto a alternância entre indicativo e subjuntivo. Essa diferença deve ser interpretada com cautela, uma vez que o comportamento do gênero textual pode estar articulado a outros fatores linguísticos e discursivos, como o tipo de verbo da oração principal, o grau de assertividade e a natureza da relação intersubjetiva estabelecida entre remetente e destinatário.

Em relação à classificação da oração substantiva, os resultados descritivos mostram que as orações objetivas diretas são as mais recorrentes no conjunto de dados, com 74 ocorrências. Nelas, o indicativo aparece em 35 casos, correspondendo a 47,3%, enquanto o subjuntivo aparece em 52,7% dos dados. Já o grupo formado por completivas nominais, subjetivas e predicativas apresenta menor número de ocorrências, com 26 dados, dos quais 16 correspondem ao indicativo, isto é, 61,5%. Embora esse percentual sugira maior presença relativa do indicativo nesse grupo, a baixa frequência de dados recomenda cautela na interpretação, sobretudo porque a amalgamação de tipos oracionais distintos pode ocultar comportamentos específicos de cada subtipo de oração substantiva.

De modo geral, os resultados da Tabela 2 indicam que a alternância entre indicativo e subjuntivo nas orações substantivas não se distribui aleatoriamente, mas parece ser sensível tanto a fatores linguísticos, especialmente a carga semântica do verbo da oração principal, quanto a fatores discursivo-textuais, como o gênero/tipo de carta. Ainda assim, considerando o tamanho relativamente reduzido da amostra e a distribuição desigual de algumas variantes, os resultados devem ser entendidos como tendências relevantes, a serem aprofundadas em análises posteriores.

A seguir, os exemplos de (26) a (33) ilustram contextos de orações subordinadas substantivas subjetivas, objetivas diretas, completivas nominais e predicativas, que são realizadas com morfologia do subjuntivo.

Exemplo 26- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada substantiva subjetiva

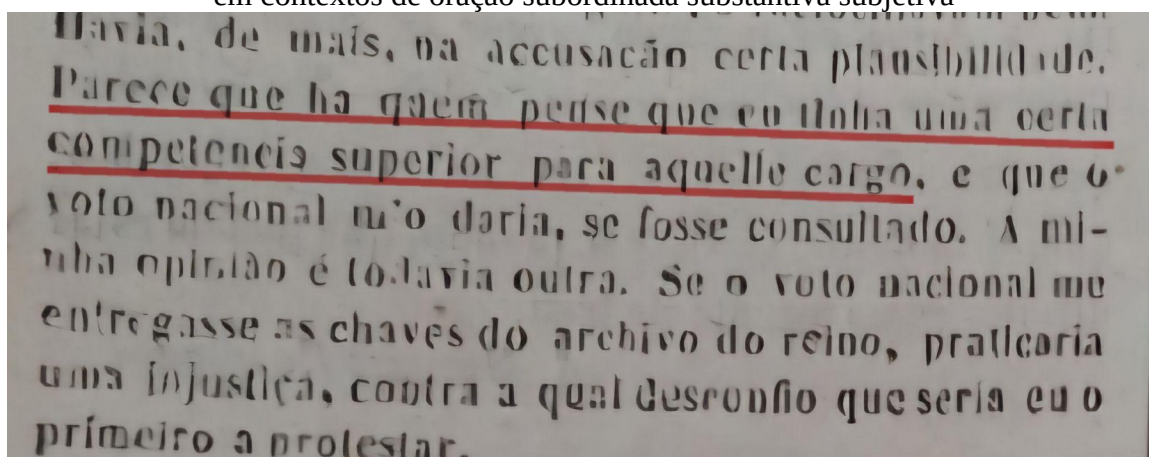


Fonte: Carta de Gregorio Pindahyba, cabo D'Esquadra da G. Nacional, ao ferreiro dos mattões, no jornal Imprensa Caxiense (1863), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (26) “Não ignora que a religião é a fonte de todo o bem e por isso deve concordar com opinião deste seo cridado: -primeiro a devoção depois a obrigação”.

Exemplo 27- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva subjetiva

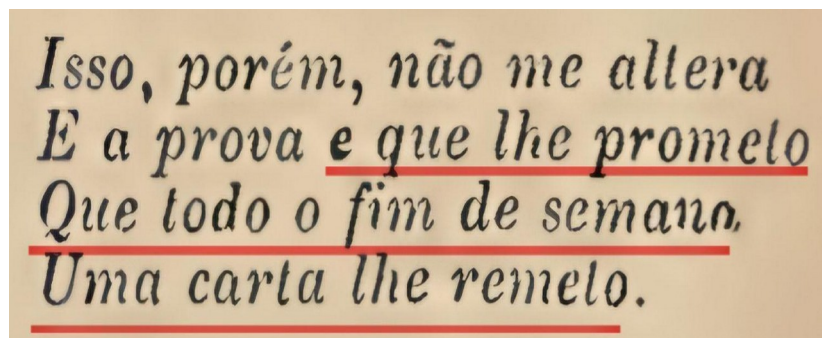


Fonte: Carta do Sr. A. Herculano, no jornal Diário do Maranhão(1857), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (27) “Parece que ha quem pense que eu tinha uma certa competencia superior para aquele cargo, e que o voto nacional não daria, se fosse consultado”.

Exemplo 28 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta

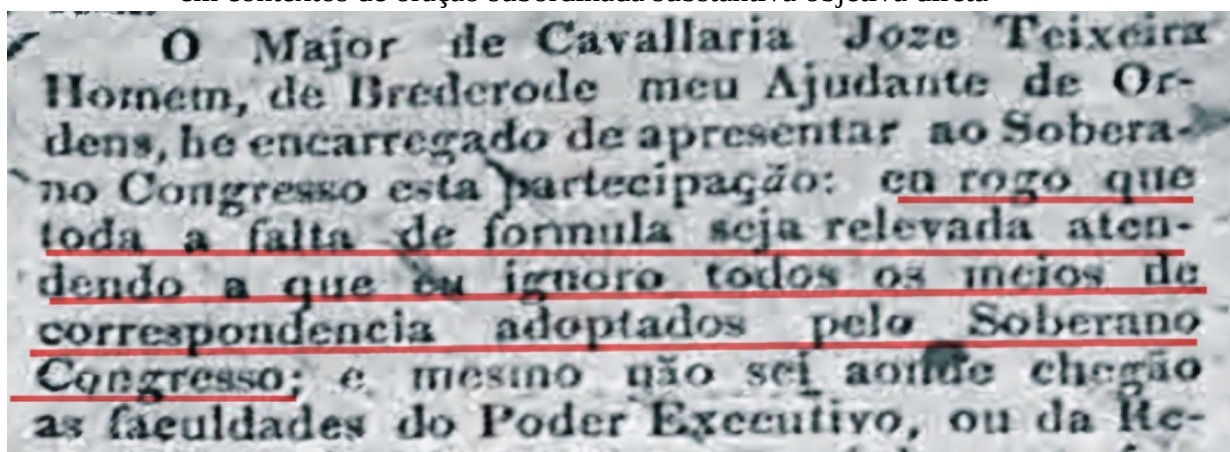


Isso, porém, não me altera
E a prova e que lhe prometo
Que todo o fim de semana,
Uma carta lhe remeto.

Fonte: Carta pessoal ao Chico do Prado, de Cazuzza da Conceição, no jornal Avenida (1909), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (28) “Isso, porém, não me altera e a prova e que lhe prometo que todo o fim de semana uma carta lhe remeto”.

Exemplo 29- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta

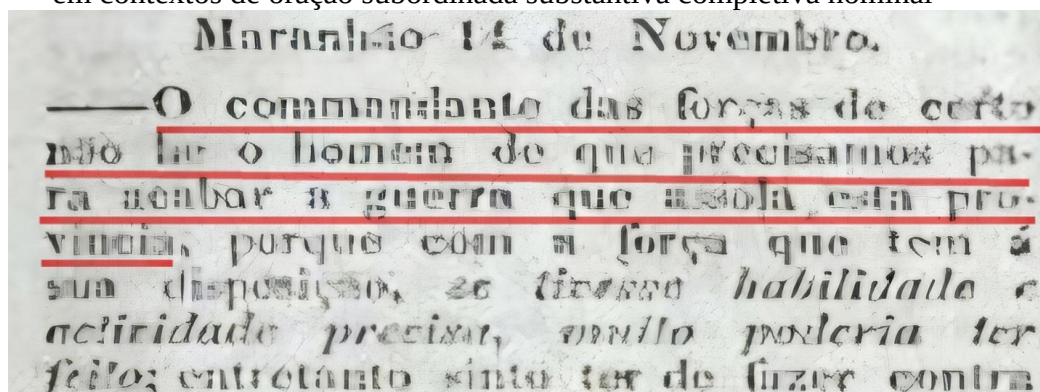


O Major de Cavallaria Joze Teixeira
Homem, de Brederode meu Ajudante de Ordens,
he encarregado de apresentar ao Soberano
Congresso esta participação: eu rogo que
toda a falta de formula seja relevada aten-
dendo a que eu ignoro todos os meios de
correspondencia adoptados pelo Soberano
Congresso; e mesino não sei aonde chegam
as faculdades do Poder Executivo, ou da Re-

Fonte: Carta pessoal as corte, senhor, no jornal Conciliador (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (29) “Eu rogo que toda a falta de formula seja revelada atendendo a que eu ignoro todos os meios de correspondencia adaptados pelo Soberano Congresso”.

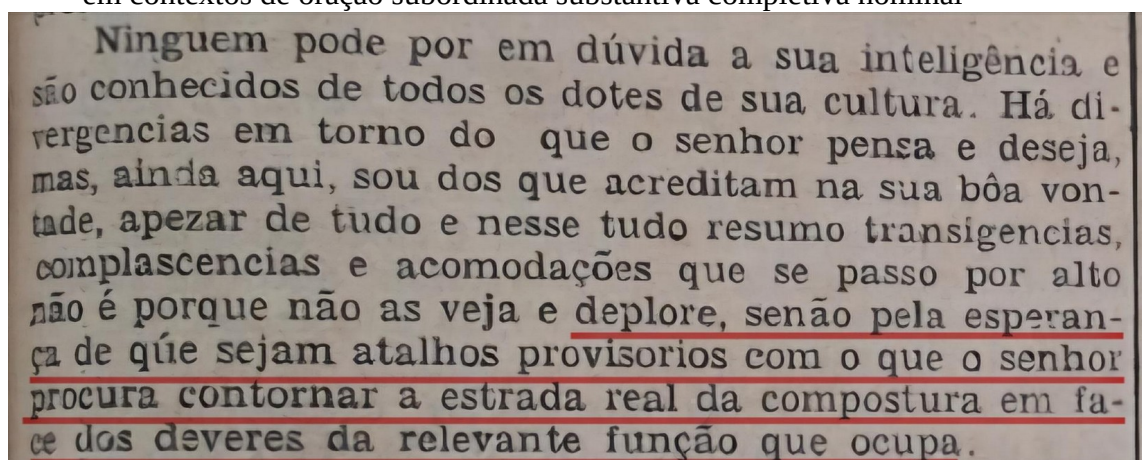
Exemplo 30 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada substantiva completiva nominal



Fonte: Carta escrita do Maranhão e publicadas na corte, no jornal Chronica maranhense (1840), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (30) “O commandante das forças de certo não he o homem de que precisamos para acabar a guerra que assola esta provincia”.

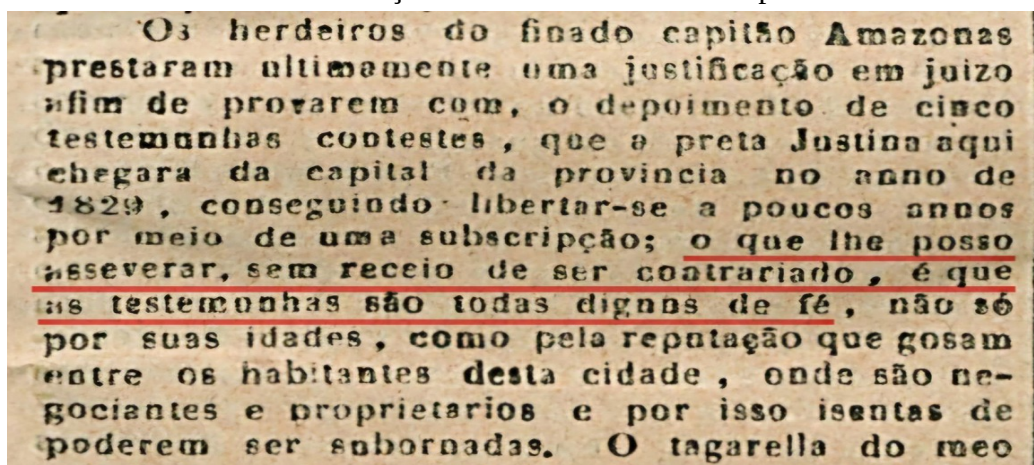
Exemplo 31 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva completiva nominal



Fonte: Carta aberta ao presidente do Tribunal Regional Eleitoral, no Jornal do Povo(1950), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (31) “Há divergencias em torno do que o senhor pensa e deseja, mas, ainda aqui, sou dos que acreditam na sua bôa vontade, apesar de tudo e nesse tudo resumo transigencias, complascencias e acomodações que se passo por alto não é porque não as veja e deplore, senão pela esperança de que sejam atalhos provisórios com o que o senhor procura contornar a estrada real da compostura em face dos deveres da relevante função que ocupa”.

Exemplo 32 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada substantiva predicativa

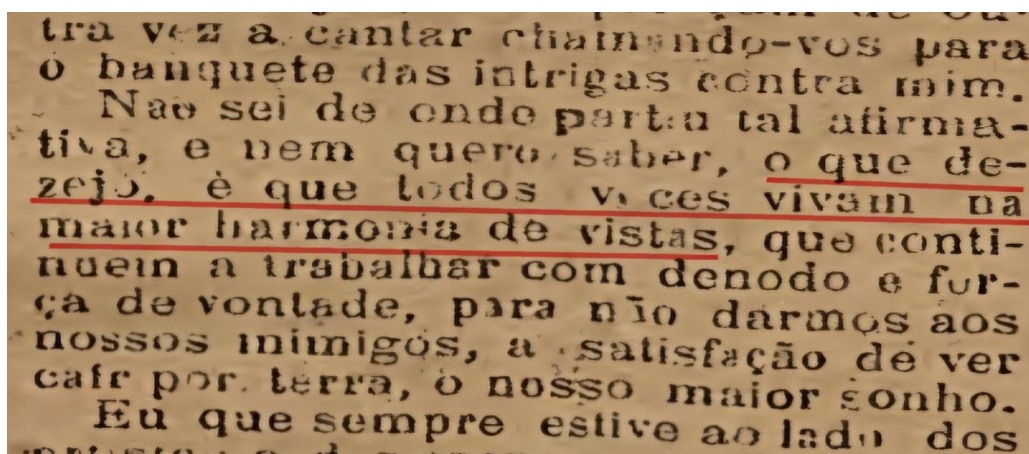


Fonte: Carta de Gregório Pindahyba, cabo D'Esquadra da G. Nacional, ao ferreiro dos mattões, no jornal Imprensa Caxiense (1863), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (32) “O que lhe posso asseverar, sem receio de ser contrariado, **é que as testemunhas são todas dignas de fé**, não só por suas idades, como pela reputação que gosam entre os habitantes desta cidade, onde são negociantes e proprietários e por isso isentas de poderem ser subornadas”.

Exemplo 33- Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva predicativa



Fonte: Carta aberta aos artistas e operários do Centro A. Operário Rozariense, no jornal Coroadá (1920), século XX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (33) “O que dezojo, **é que todos vocês vivam na maior harmonia de vistas**”.

A Tabela 2 indica, ainda, que verbos avaliativos/volitivos e deônticos tendem a favorecer a realização morfológica do subjuntivo. Aqui, esses grupos são operacionalizados a partir de verbos como *querer, desejar, esperar e rogar* (volitivos); *admirar, deplorar, temer, estimar e recear* (avaliativos); e *pedir, solicitar, exigir, intimar, aconselhar, e permitir* (deônticos). A distribuição dos verbos segundo as morfologias do indicativo e do subjuntivo encontra-se no Anexo C. Entre os itens listados, destacam-se *desejar, esperar, pedir, permitir e querer*, para os quais a realização morfológica do subjuntivo se mostrou mais recorrente.

A morfologia do indicativo, por outro lado, tende a ser favorecida por contextos associados às modalidades epistêmica/cognitiva (*crer, acreditar, supor, achar, imaginar, presumir, julgar, entender, ignorar*), discendi (*dizer, dar, declarar, comunicar, informar, confessar*) e factual (*ser, estar, haver, restar, chegar, negar, assolar*).

Uma informação importante sobre o verbo *crer* é a de que, nos contextos em que não aparece algum elemento de negação, há o favorecimento da morfologia de indicativo. Por outro lado, a morfologia do subjuntivo é favorecida quando há a presença de um elemento de negação na oração matriz, como se pode observar nos exemplares 34 e 35, a seguir. Esses resultados evidenciam que são contextos em que a própria gramática tradicional prevê quanto ao uso do subjuntivo (Bechara, 2009, 2010; Cunha e Cintra, 2017).

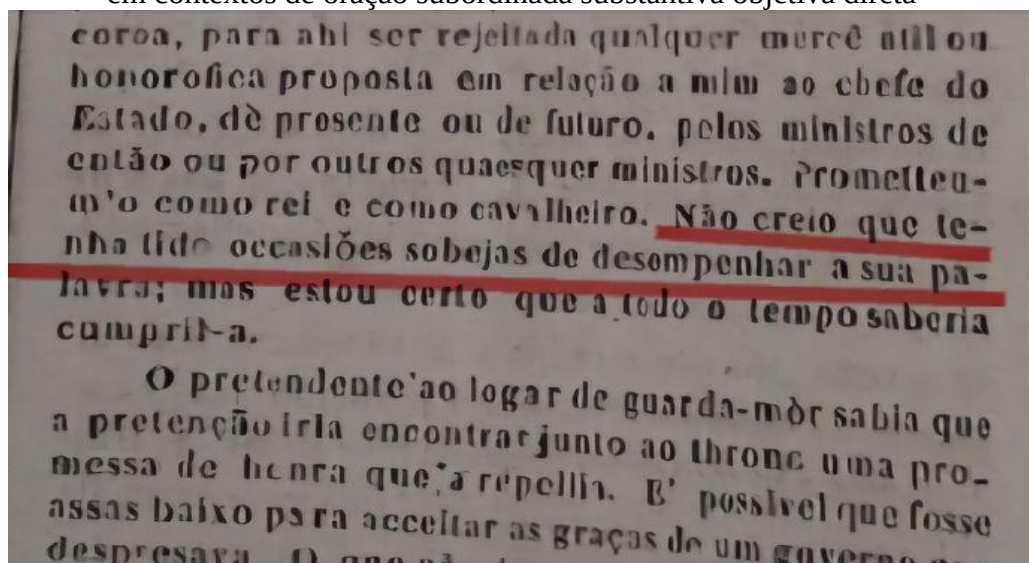
Exemplo 34- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta

V. S. deve concordar comigo em que isto é intoleravel n'uma capital civilisada e que a maior prudencia deve ser posta em pratica n'estas occasiões, assim como eu creio que V. S. não só não ordena semelhante selvageria, como também ainda não teve conhecimento dos abusos praticados por seus subordinados.

Fonte: Carta pessoal ao Illm. Sr. Commandante dos Urbanos, no jornal Flecha (1879), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (34) “assim como eu creio que V.S. não só não ordena semelhante selvageria, como também ainda não teve conhecimento dos abusos praticados por seus subordinados”.

Exemplo 35- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta

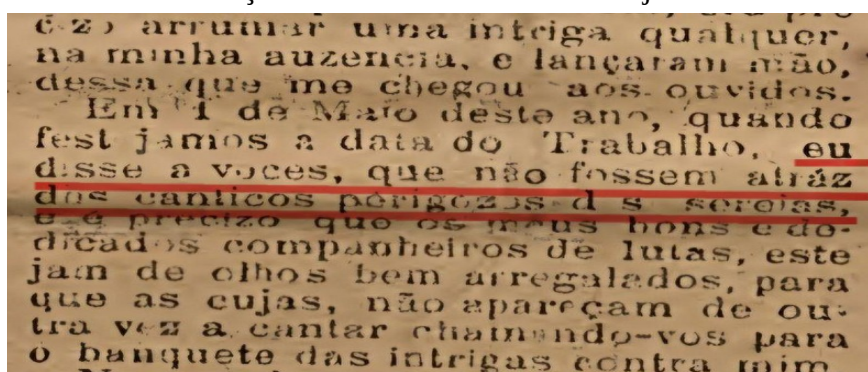


Fonte: Carta pessoal do Sr. A. Herculano, no jornal Diário do Maranhão (1857), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (35) “Não creio que tenha tido occasiões sobejas de desempenhar a sua palavra”.

Na mesma esteira dessa discussão, destaca-se que o verbo *dizer* (categorizado como *discendi*), mostra-se quase categórico para o indicativo, com apenas um caso com morfologia do subjuntivo (exemplo 36), contra 7 casos com morfologia do indicativo.

Exemplo 36- Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta



Fonte: Carta aberta aos artistas e operarios do Centro A., Operario Rozariense, no jornal O Coroaá(1920), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

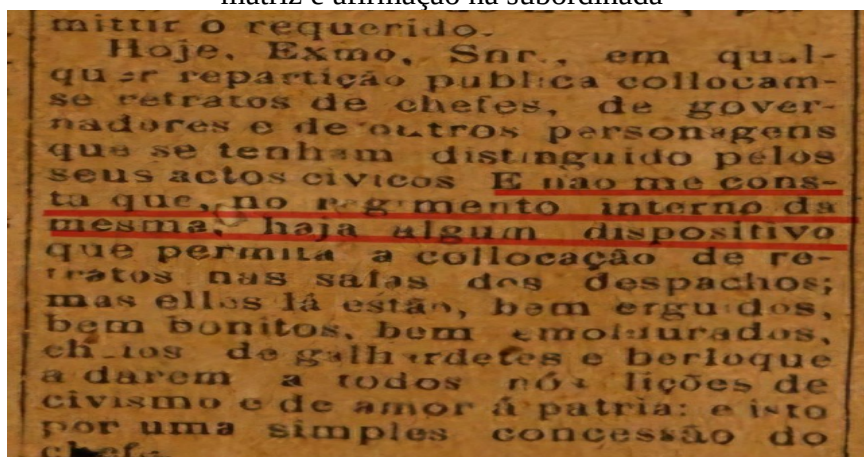
Transcrição: (36) “Eu disse a voces, que não fossem atrás dos canticos perigozos das sereias, e é precizo que os meus bons e dedicados companheiros de lutas, estejam de olhos bem arregalados, para que as cujas, não

apareçam de outra vez a cantar chamando vos para o banquete das intrigas contra mim”.

A variável *grau de assertividade* da oração tem sido controlada e se mostrado significativa em diversos estudos sobre a variação entre o subjuntivo e o indicativo, no português brasileiro (Carvalho, 2007; Pimpão, 2012; Santos, 2015; Baiocato, 2017). A hipótese igualmente compartilhada por esse conjunto de estudos é o de que a presença de um elemento de negação na oração matriz e na subordinada, favorece o uso do subjuntivo na subordinada.

Em vista disso, os resultados do conjunto de dados deste trabalho parecem confirmar tal hipótese ao apresentar um índice de 52,9 % para a morfologia do subjuntivo, em comparação com a morfologia do indicativo (47,1%) quando se trata de presença de negação (cf. o exemplo 37, a seguir).

Exemplo 37- Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta, com elemento de negação na matriz e afirmação na subordinada



Fonte: Carta aberta ao exm. snr Presidente do Superior Tribunal da Justiça do Estado do Maranhão, no jornal Lanterna(1914), século XX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (37) “E não me consta que, no segmento interno da mesma, haja algum dispositivo que permita a collocação de retratos nas salas dos despachos”.

Tabela 3: Distribuição dos dados por gênero - pessoal/aberta

Gênero	N		%	
	Indicativo		Subjuntivo	
Carta pessoal	35	50,7	34	49,3
Carta aberta	17	41,5	24	58,5
Total				110

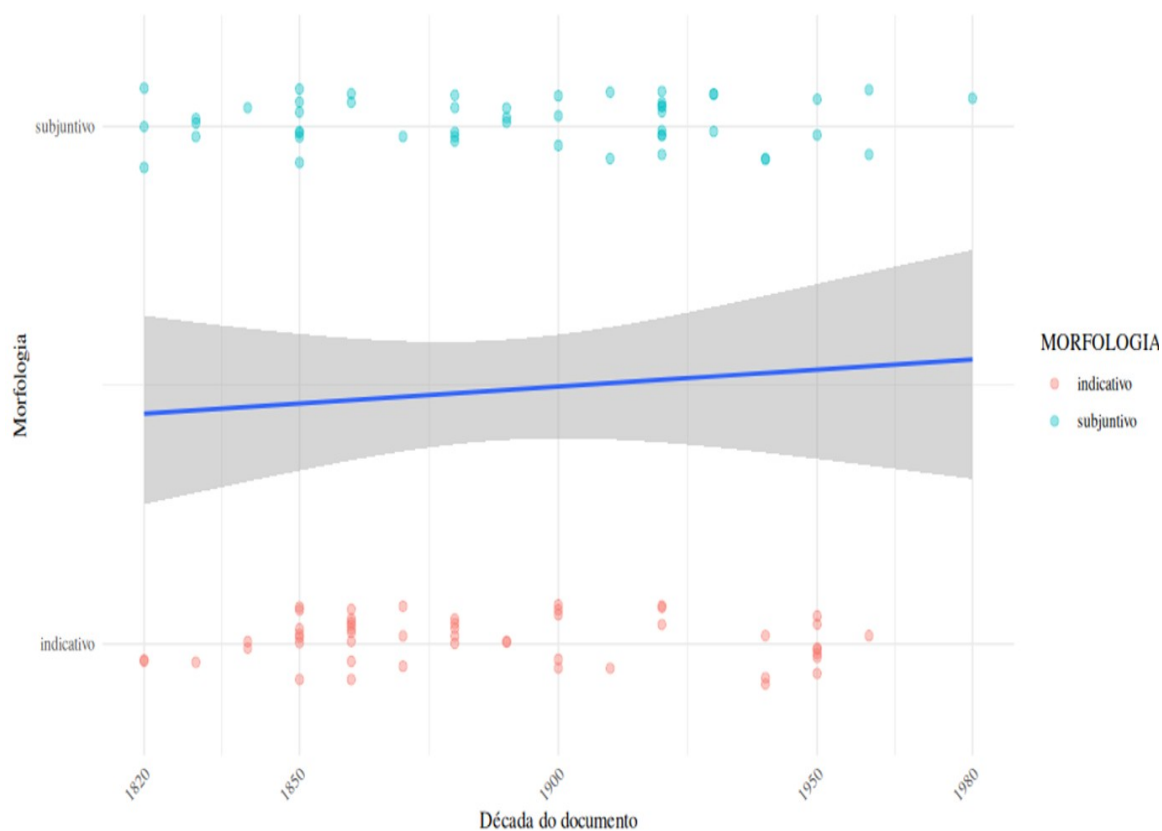
Fonte: Elaboração própria

Considerando que as cartas podem variar do nível mais formal para o mais informal (cf. Berlinck, Barbosa e Marine, 2008), analisou-se o grau de formalidade das cartas publicadas. Considerando-se que as cartas pessoais se caracterizam como um gênero que tem o objetivo de evidenciar uma interação particular, e, assim, de maior intimidade entre os interlocutores, enquanto a carta aberta se caracteriza por ser um gênero mais discursivo, que trata de temas de interesses coletivos, pergunta-se se tais características poderiam se correlacionar ao uso de uma ou de outra morfologia.

Os resultados não apenas não mostraram relevância estatística, como também indicam taxas de uso bastante próximas entre si, com o indicativo representando 50,7% dos dados, e o subjuntivo 49,3%. No que diz respeito às cartas abertas, percebe-se que há uma diferença de taxas de uso um pouco maior, quando se verifica que a morfologia do subjuntivo é mais recorrente nesse tipo de carta, com 58,5% do total de dados.

Ainda, com interesse em verificar a expressão da morfologia do subjuntivo nas cartas pessoais e cartas abertas, publicadas nos jornais maranhenses ao longo dos séculos XIX e XX, observa-se o gráfico a seguir, que trata da distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX.

Gráfico 1: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - orações substantivas



Fonte: Elaboração própria

Para o grupo de fatores *século*, visualiza-se de maneira mais didática o porquê de não haver diferenças entre os recortes temporais aqui considerados: verifica-se que as taxas de uso de formas subjuntivas e indicativas seguem o mesmo padrão, com uma leve tendência de favorecimento da morfologia do subjuntivo no lugar do indicativo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX.

Em resumo, os dados de substantivas mostram que a morfologia do subjuntivo parece se especializar neste tipo de subordinação. Indicam também que a carga semântica do verbo – avaliativo e discendi como variáveis significativas; além do gênero textual carta pessoal. Feita a análise das orações substantivas, a seguir, apresentam-se os resultados para as análises das orações adjetivas.

4.2 Orações adjetivas

Das 105 ocorrências em adjetivas, 80 (76,2%) se realizaram com a forma do indicativo, e 25 ocorrências, que equivale a 23,8 % com morfologia do subjuntivo. Diferente das orações substantivas, em que a expressão do subjuntivo parece ser favorecida, nas orações adjetivas evidencia-se maior ocorrência de dados com morfologia do indicativo.

Tabela 4: Distribuição geral dos dados das orações subordinadas adjetivas

Grupo	N Indicativo	%	N Subjuntivo	%
Adjetivas	80	76,2	25	23,8
Total				105

Fonte: Elaboração própria.

Nesse conjunto de dados também foi realizada a análise de regressão logística, conforme mostra a tabela 5. Foram analisadas as variáveis *classificação da oração*, *distância da forma verbal e o pronome relativo*, uma vez que esse grupo de fator também tem sido controlado em diversas pesquisas (Santos, 2015; Alves, 2009). A hipótese é a de que quanto mais distante for a forma verbal e o pronome relativo, maior a probabilidade do indicativo. Ainda, foram incluídas na análise as variáveis *animacidade*, *século* e o *gênero textual discursivo*.

Tabela 5: Análise de regressão logística do uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=105)

Variável	Estimativa	Erro padrão	valor-z	p	Apl./N Indicativo
<i>Intercept</i>	-0.728	0.783	-0.929	0.353	
Classificação da oração adjetiva					
Explicativa (v. de referência)					29/39 (74,4%)
Restritiva	-0.129	0.503	-0.257	0.797	51/66 (77,3%)
Distância da forma verbal e o pronome relativo					
Ausência (v. de referência)					34/46 (73,9%)
Um elemento	-0.035	0.575	-0.061	0.951	21/28 (75%)
Dois elementos	-0.000	0.681	0.000	1.000	11/15 (73,3%)
Três ou + elementos	-0.947	0.844	-1.121	0.262	14/16 (87,5)
Animacidade					
Mais animado (v. de referência)					27/38 (71,1%)
Menos animado	-0.465	0.490	-0.949	0.343	53/67 (79,1%)
Séculos					
XIX (v. de referência)					51/66 (77,3%)
XX	0.126	0.627	0.201	0.841	29/39 (74,4%)
Gênero					
Carta aberta (v. de referência)					22/30 (73,3)
Carta pessoal	0.010	0.669	0.015	0.988	58/75 (77,3%)

Formula=glm(MORFOLOGIA~CLASSIFICACAO.DA.ORACAO+NIVEL.DE.DISTANCIA.ENTRE.O.PRONOME.RELATIVO.E.A.FORMA.VERBAL + ANIMACIDADE + SECULO + GENERO, family = binomial(), data = adjetiva)

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 5 apresenta os resultados da análise de regressão logística para a alternância entre a morfologia do indicativo e a morfologia do subjuntivo em orações subordinadas adjetivas. As variantes indicadas como valor de referência correspondem às categorias tomadas como base pelo modelo estatístico. Assim, para a classificação da oração adjetiva, a variante de referência é a *oração explicativa*. Para a variável *distância entre o pronome relativo e a forma verbal*, a referência é a *ausência de elementos intervenientes*. Para a

animacidade, o valor de referência é a variante *mais animado*. Para a variável *século*, o valor de referência é o *século XIX*, e, para o *gênero/tipo de carta*, a referência é a *carta aberta*.

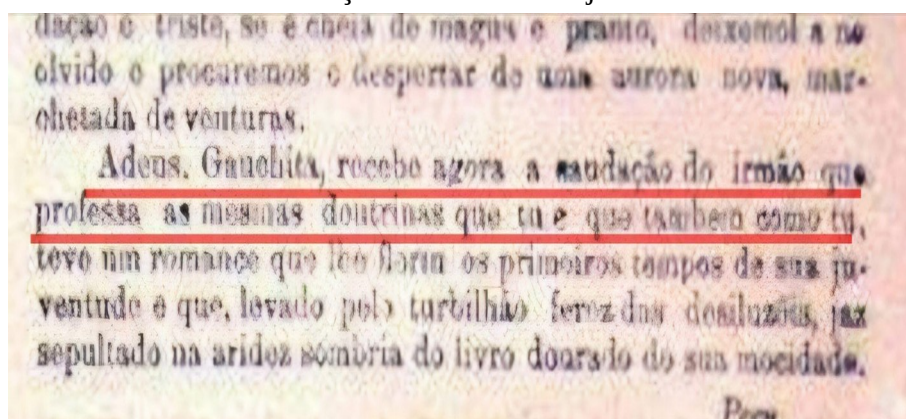
Do ponto de vista inferencial, os resultados da Tabela 5 não apontam efeitos estatisticamente significativos para as variáveis controladas, uma vez que todos os valores de *p* se encontram acima do limite convencional de 0,05. Desse modo, as diferenças observadas devem ser interpretadas com cautela, como tendências descritivas da amostra, e não como efeitos estatisticamente confirmados.

Em termos gerais, observa-se alta produtividade da morfologia do indicativo nos contextos de oração subordinada adjetiva. Do total de 105 dados codificados, 80 apresentam morfologia indicativa, o que corresponde a 76,2% da amostra, enquanto 25 apresentam morfologia subjuntiva, correspondendo a 23,8%. Esse resultado indica que, diferentemente do que se observa em parte dos contextos de oração substantiva, as orações adjetivas analisadas apresentam forte predominância do indicativo.

Quanto à classificação da oração adjetiva, as restritivas apresentam 51 ocorrências de indicativo em 66 dados, correspondendo a 77,3%, ao passo que as explicativas apresentam 29 ocorrências de indicativo em 39 dados, correspondendo a 74,4%. A diferença entre esses dois grupos é, portanto, pequena e não se mostra estatisticamente significativa. Assim, embora pesquisas, como a de Oliveira (2006) apontem para o fato de que as orações adjetivas restritivas se caracterizam como um contexto relevante para a ocorrência do subjuntivo, os dados desta amostra não evidenciam uma especialização clara das restritivas em favor dessa morfologia. Ao contrário, tanto restritivas quanto explicativas apresentam predomínio do indicativo.

Os exemplos de (38) a (41) ilustram ocorrências de orações adjetivas restritivas e explicativas realizadas tanto com morfologia do indicativo quanto com morfologia do subjuntivo.

Exemplo 38 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adjetiva restritiva

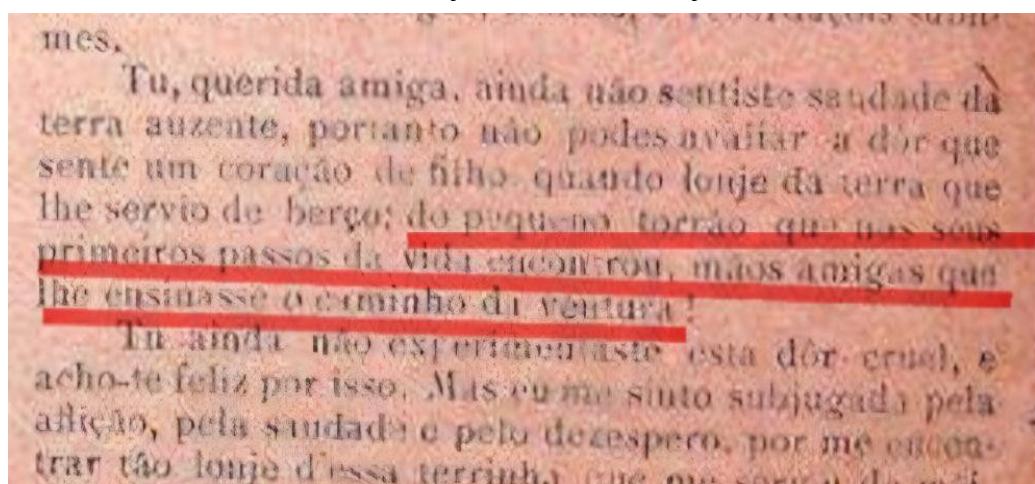


Fonte: Carta aberta para Meiga Gauchita, no jornal Revista Maranhense (1916), século XX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (38) “Adeus gauchita , recebe agora a saudação do irmão que professa as mesmas doutrinas que tu”.

Exemplo 39- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva restritiva

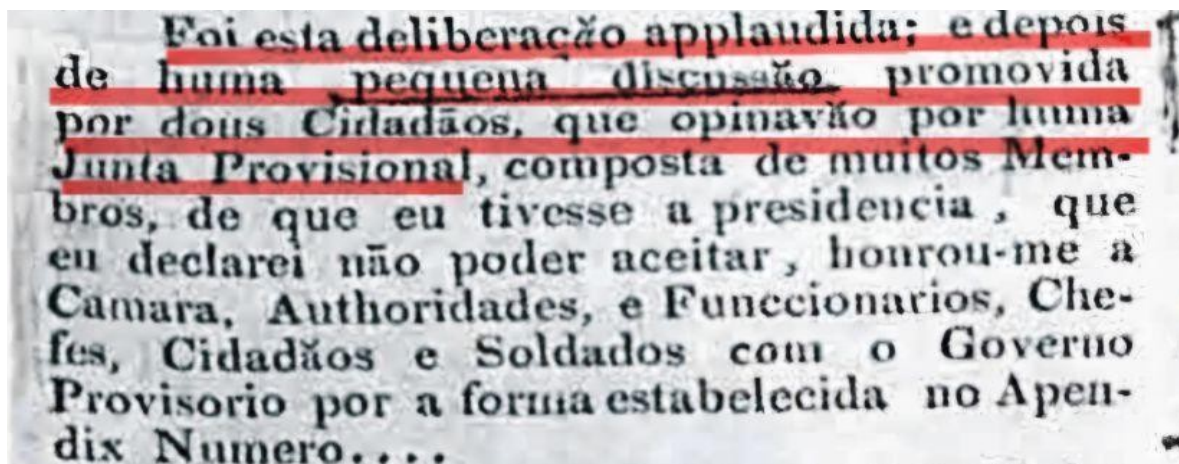


Fonte: Carta pessoal para Querida Zunte, de Gaspar, no jornal Revista Maranhense (1916), século XX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (39) “Tu, querida amiga, ainda não sentiste saudade da terra auzente, portanto não podes avaliar a dor que sente um coração de filho quando longe da terra que lhe servio de berço: do pequeno torrão que nos seus primeiros passos da vida encontrou, mãos amigas que lhe ensinasse o caminho de ventura”.

Exemplo 40 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adjetiva explicativa

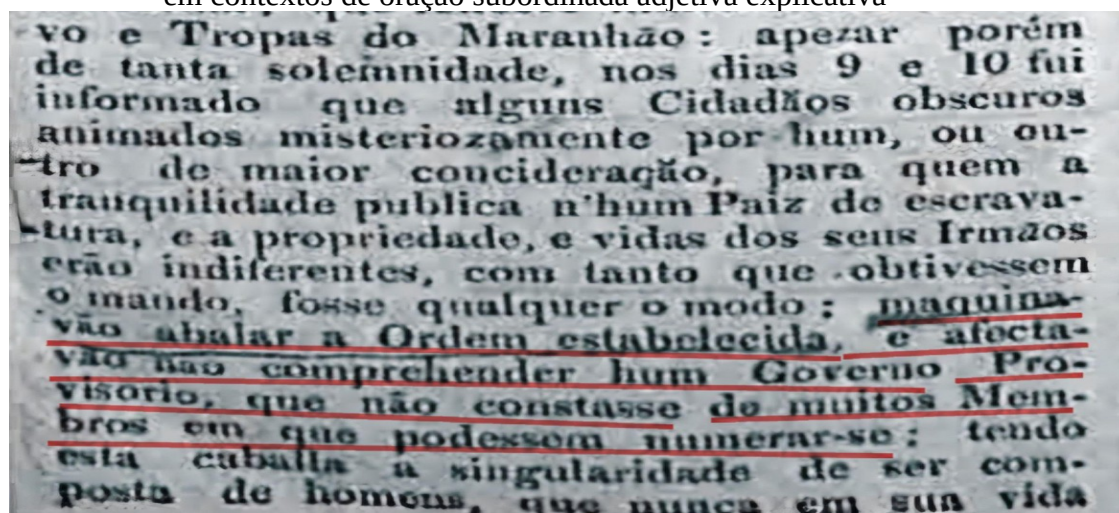


Fonte: Carta as corte, senhor, no jornal Conciliador (1821), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (40) “Foi esta deliberação applaudida; e depois de huma pequena discussão promovida por dous Cidadãos, que opinavão por huma Junta Provisional, composta de muitos membros, de que eu tivesse a presidencia, que eu declarei não poder aceitar”.

Exemplo 41 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva explicativa



Fonte: Carta as corte, senhor, no jornal Conciliador (1821), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

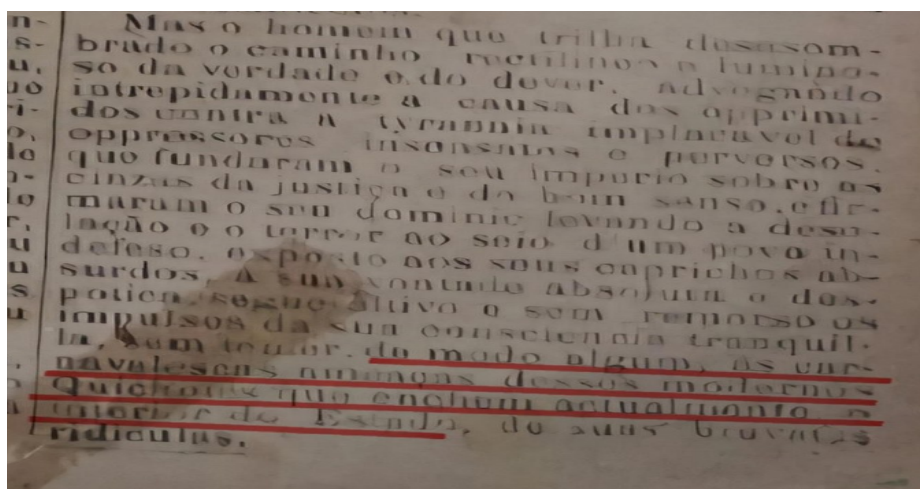
Transcrição: (41) “maquinavão abalar a Ordem estabelecida, e affectavão não comprehender hum Governo Provisorio, que não constasse de muitos Membros em que podessem numerar-se; tendo esta caballa a singularidade de ser composta de homens, que nunca em sua vida conceberão huma ideia Liberal”.

No que se refere à distância entre o pronome relativo e a forma verbal, observa-se maior número de dados nos contextos em que não há elemento interveniente entre o pronome e o verbo. Nesses casos, o indicativo aparece em 34 de 46 ocorrências, correspondendo a 73,9%. Nos contextos com um elemento interveniente, o indicativo ocorre em 21 de 28 dados, correspondendo a 75%. Nos casos com dois elementos, aparece em 11 de 15 dados, correspondendo a 73,3%. Por fim, nos contextos com três ou mais elementos, registram-se 14 ocorrências em 16 dados, correspondendo a 87,5%.

Embora o grupo com três ou mais elementos apresente percentual mais elevado de indicativo, os resultados não permitem afirmar uma gradação regular entre aumento da distância e maior uso do indicativo, uma vez que os percentuais dos demais grupos são bastante próximos. Além disso, a variável não apresentou significância estatística no modelo. Assim, para esta amostra, a distância entre o pronome relativo e a forma verbal parece não atuar de modo sistemático na seleção entre indicativo e subjuntivo, ainda que os dados apontem para predominância geral do indicativo em todos os níveis dessa variável.

Os exemplos de (42) a (51) ilustram ocorrências com diferentes níveis de distância entre o pronome relativo e a forma verbal, contemplando tanto formas indicativas quanto formas subjuntivas.

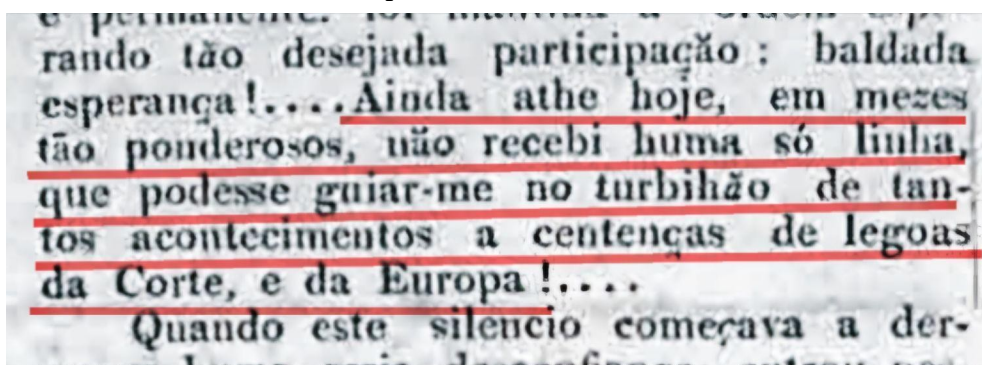
Exemplo 42 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adjetiva com ausência de elementos entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta aberta ao Exm. Sr Governador do Estado, no jornal A Imprensa(1906), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (42) “segue ativo e sem remorsos os impulsos da sua consciencia tranquila, sem temer, de modo algum, ás carnavalescas ameaças desses modernos quichotes que enchem actualmente o interior do Estado, de suas bravuras ridiculas”.

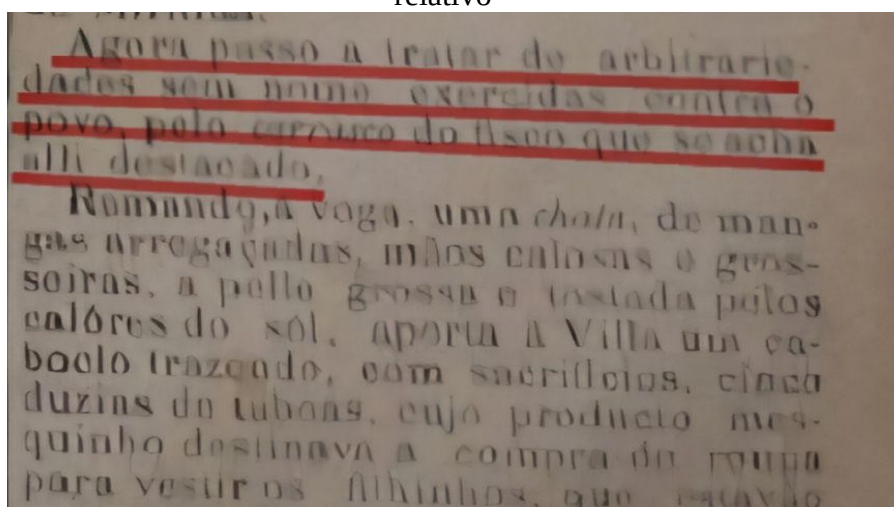
Exemplo 43 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva com ausência de elementos entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta as corte, senhor, no jornal Conciliador (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (43) “Ainda athe hoje, em mezes tão ponderosos, não recebi huma só linha, que podesse guiar-me no turbilhão de tantos acontecimentos a centenas de legoas da Corte, e da Europa!”

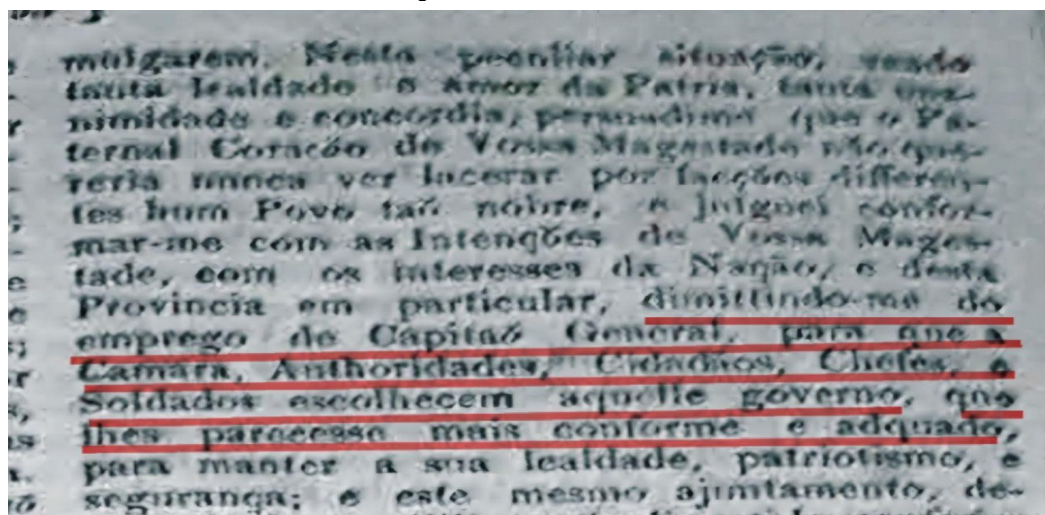
Exemplo 44 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adjetiva com um elemento entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta aberta ao Exm. Sr Governador do Estado, no jornal A Imprensa(1906), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (44) “Agora passo a tratar de arbitrariedades sem nome exercidas contra o povo, pelo carrasco do fisco que se acha alli destacado”.

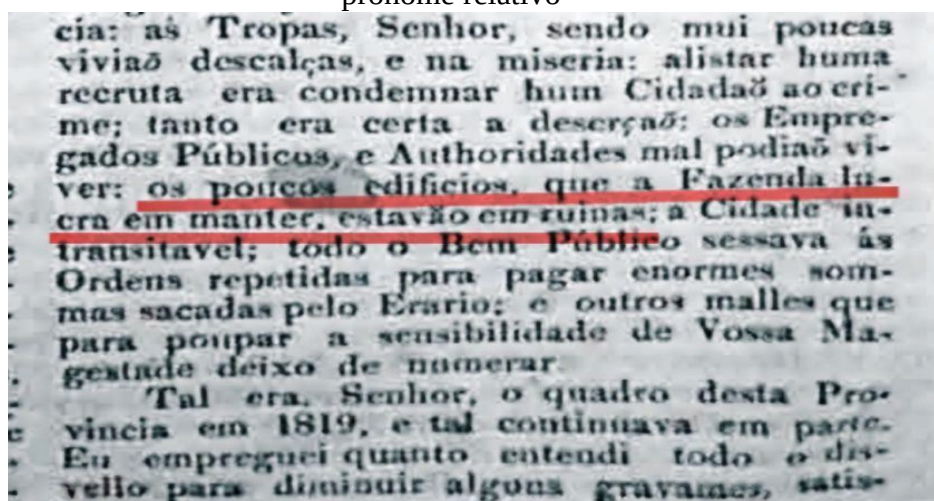
Exemplo 45 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva com um elemento entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta a Elrey, no jornal Conciliador (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (45) “e julguei conformar-me com as Intenções de Vossa Magestade, com os intenções da Nação, e desta Provincia em particular, demintindo-me do emprego de Capitao General, para que a Camara, Authoridades, Cidadãos, Chefes, e soldados escolhem aquelle governo, que lhes parecesse mais conforme e adequado, para manter a sua lealdade, patriotismo, e segurança”.

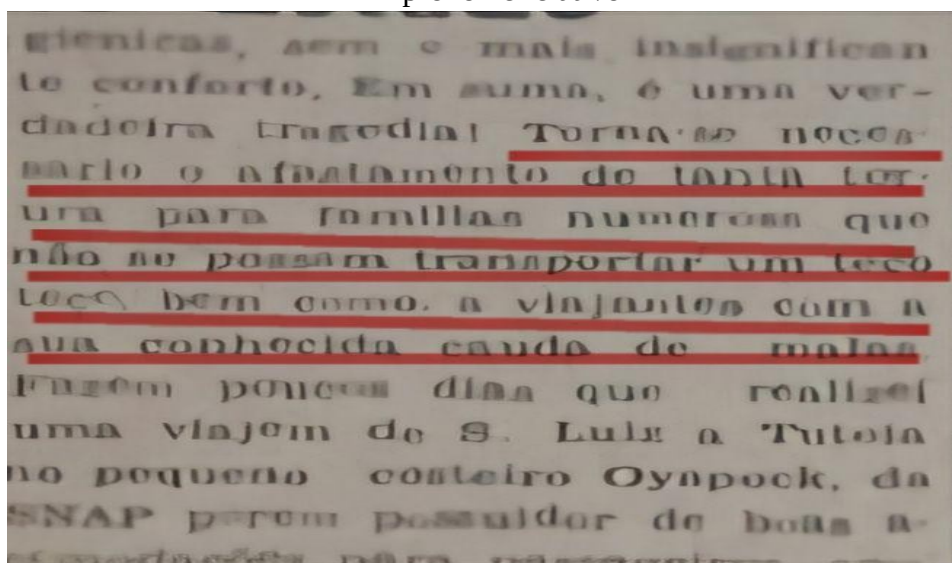
Exemplo 46 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adjetiva com dois elementos entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta a Elrey, no jornal Conciliador (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (46) “Os poucos edificios, que a Fazenda lucra em manter, estão em ruínas”.

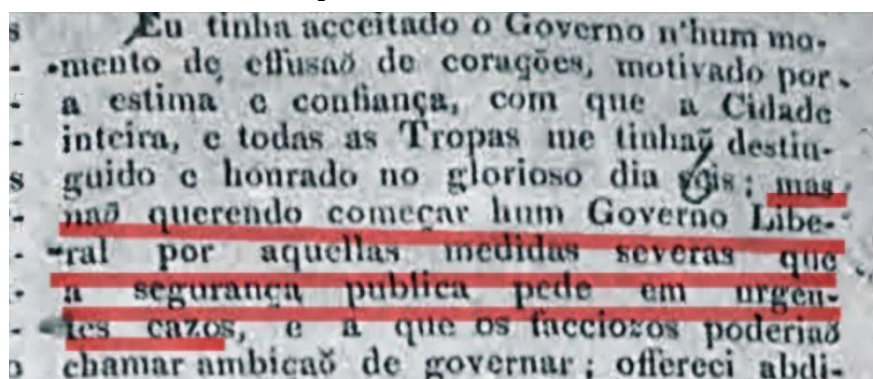
Exemplo 47 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva com dois elementos entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta aberta ao Exm. Sr Governador do Estado, no jornal Diário de S. Luiz (1950), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (47) “Torna-se necessario para o afastamento de tanta tortura para familias numerosas que não se possam transportar um teco teco, bem como a viajantes com a sua conhecida cauda de malas”.

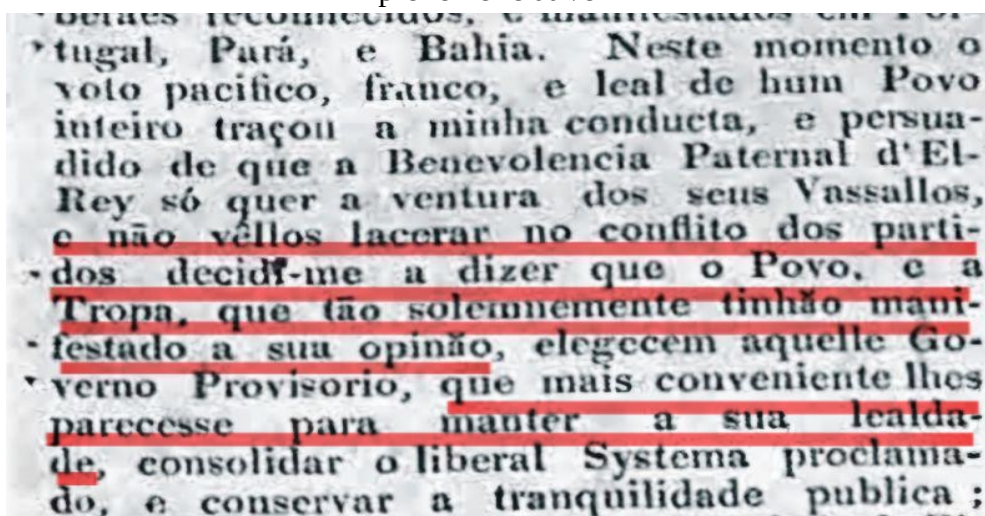
Exemplo 48- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adjetiva com três elementos entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta as corte, senhor, no jornal Conciliador (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (48) “mas não querendo começar hum Governo Liberal por aquellas medidas severas que a segurança publica pede em urgentes cazos”.

Exemplo 49 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva com três elementos entre a forma verbal e o pronome relativo



Fonte: Carta as corte, senhor, no jornal Conciliador (1821), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (49) “decidi-me a dizer que o Povo, e a Tropa, que tão solemnemente tinham manifestado a sua opinião, elegcem aquelle Governo Provisorio, que mais conveniente lhes parecesse para manter a sua lealdade, consolidar o liberal Systema proclamado, e conservar a tranquillidade publica”.

Exemplo 50 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do indicativo em contextos de oração subordinada adjetiva com três ou mais elementos entre a forma verbal e o pronome relativo

V. S. já deve saber que as chuvas no interior teem sido regulares, que os negocios politicos vão de mal a peor, o cambio anda pela hora da morte e e os republicanos espalham muito a surdina que Sua Magestade o Imperador tem sentido calafrios no meio dos colxões da sua cama de S. Christovão.

Fonte: Carta pessoal ao Illm. Sr. Commandante dos Urbanos, no jornal Flecha (1879), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (50) “V.S ja deve saber que as chuvas no interior teem sido regulares, que os negocios politicos vão de mal a peor, o cambio anda pela hora da morte e os republicanos espalham muito surdina que Sua Magestade o Imperador **tem** sentido calafrios no meio dos colxões da sua cama de S.Chistovão.”.

Exemplo 51 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva com três ou mais elementos entre a forma verbal e o pronome relativo

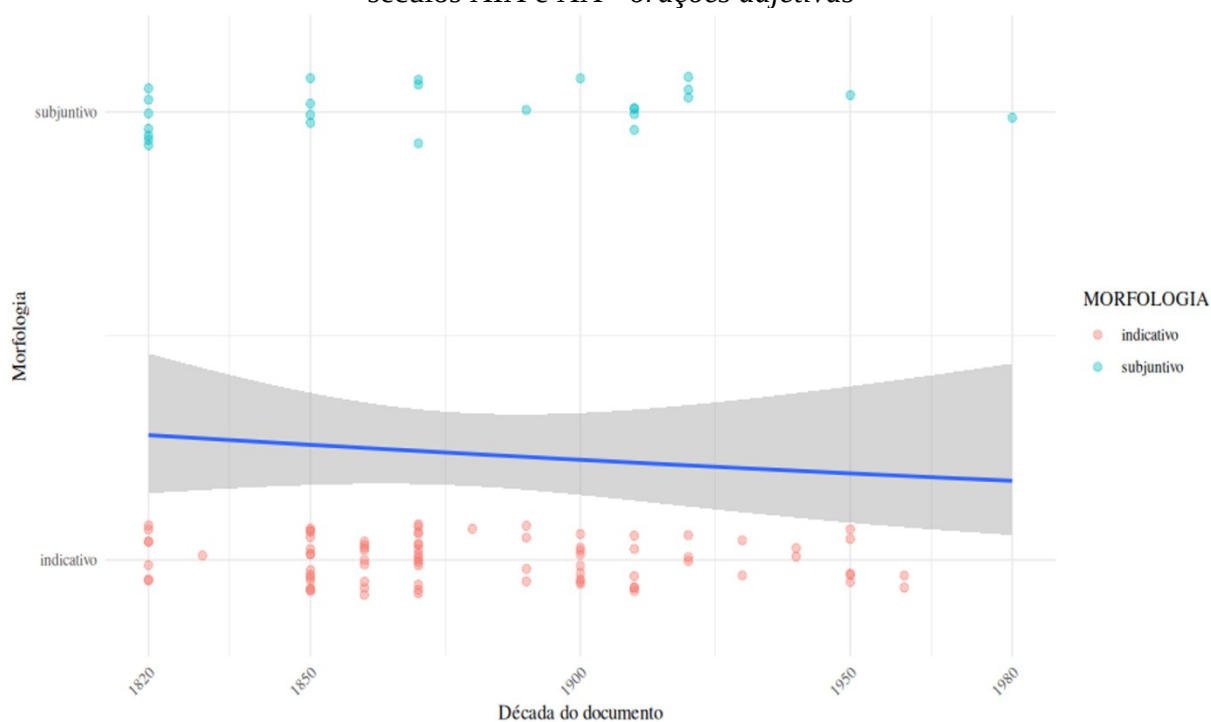
Acolheremos, de braços a
bertos, a despeito de todos os
insultos, aquelles que, foragi-
dos e escorraçados, nos batam
às portas implorando favores e
protecção!
 O que não podemos fazer,

Fonte: Carta aberta ao Sr. Clodoaldo Cardoso, no jornal Folha do Povo (1928), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (51) “Acolheremos, de braços abertos, a despeito de todos os insultos, aquelles que, foragidos e escorraçados, nos **batam** às portas implorando favores e protecção”.

Assim como nas orações substantivas, foi controlada a variável *século* para o conjunto de dados das orações adjetivas. Nesse grupo, percebe-se uma tendência de uso da forma do indicativo, em comparação à forma subjuntivo, nos dois séculos analisados.

Gráfico 2: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - *orações adjetivas*



Fonte: Elaboração própria

Assim como nas orações substantivas, a variável século também foi controlada no conjunto das orações adjetivas. Os resultados indicam predomínio do indicativo nos dois séculos analisados, no sentido de que, enquanto no século XIX, a morfologia indicativa ocorre em 51 de 66 dados, o que corresponde a 77,3% do total de dados, no século XX tal morfologia ocorre em 29 dos 39 dados coletados, correspondendo a 74,4% da amostra.

A proximidade entre esses percentuais, associada ao resultado não significativo da regressão logística, sugere que não há, na amostra analisada nesta dissertação, uma evidência robusta de mudança temporal na distribuição entre indicativo e subjuntivo em orações adjetivas.

O Gráfico 2 acima permite visualizar a distribuição das morfologias indicativa e subjuntiva ao longo das décadas. A partir dele, é possível observar que o indicativo se mantém como a morfologia mais recorrente durante todo o período analisado, embora haja concentração desigual de dados entre as décadas.

Tabela 6: Distribuição dos dados por *gênero* - pessoal/aberta

Gênero	N Indicativo	%	N Subjuntivo	%
Carta pessoal	58	77,3	17	22,7
Carta aberta	22	73,3	8	26,7
Total				105

Fonte: Elaboração própria

Para as orações adjetivas, a tabela de distribuição por *tipos de cartas* e a expressão do subjuntivo revela que foram encontrados mais dados em cartas pessoais, e que o subjuntivo parece não se especializar nesse gênero discursivo. Em geral, quando se refere às orações adjetivas, quais sejam restritivas ou explicativas, a morfologia do indicativo é a mais recorrente nas cartas pessoais e cartas abertas publicadas nos jornais maranhenses dos séculos XIX e XX, diferentemente do que se observa nas orações substantivas, em que as cartas pessoais não apresentaram uma diferença numerosa, e as cartas abertas se especializam com o subjuntivo.

Em síntese, para os dados de orações subordinadas adjetivas os resultados apresentam maior recorrência para a morfologia do indicativo em todas as variáveis controladas, diferente do que se observa para as orações substantivas. Em seguida, na subseção 4.3 apresentam-se os resultados encontrados para o contexto de oração subordinada adverbial.

4.3 Orações adverbiais

A tabela abaixo mostra o resultado geral das ocorrências indicativo e subjuntivo no contexto de orações adverbiais e como se distribuem as duas formas.

Tabela 7: Distribuição geral dos dados *orações adverbiais*

Grupo	N Indicativo	%	N Subjuntivo	%
Adverbiais	40	41,7	56	58,3
Total				96

Fonte: Elaboração própria

Ao observar os percentuais da tabela 7, percebe-se que a forma do subjuntivo é a forma mais recorrente no contexto adverbial, nos dois gêneros de cartas analisados. Das 96 ocorrências, 41,7% foram realizadas com forma de indicativo, enquanto 58,3% foi produzida com forma de subjuntivo, em termos de proporção esse resultado não mostra uma diferença tão robusta, o que leva à apresentação do resumo das análises de regressão logística, detalhadas na tabela 8, a seguir, para que se tenha uma verificação mais precisa da variação entre as duas morfologias aqui estudadas.

Tabela 8: Análise de regressão logística do uso da morfologia do indicativo e subjuntivo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=96)

Variável	Estimativa	Erro padrão	valor-z	p	Apl./N Indicativo
<i>Intercept</i>	-3.770	1.123	-3.36	0.997	
Classificação da oração adverbial					
Causal (v. de referência)					10/10 (100%)
Concessiva	2.096	3.230	0.065	0.994	3/12 (25%)
Condicional	3.883	1.123	3.46	< 0,001*	12/27 (44,4%)
Final	3.921	3.781	1.04	0.991	0/27
Temporal	1.821	3.230	0.56	0.995	15/20 (75%)
Tipo de subordinador					
Condicional (v. de referência)					13/28 (46,4%)
Final/causal/ temporal/ concessiva	1.915	1.78	0.002	0.998	27/68 (39,7%)
Século					
XIX (v. de referência)					14/46 (30,4%)
XX	-1.705	1.025	-1.663	0.096.	26/50 (52%)
Gênero					
Carta aberta (v. de referência)					18/34 (52,9%)
Carta pessoal	-0,083	1.041	-0.08	0.936	22/62 (35,5%)

Fórmula= glm(formula = MORFOLOGIA ~ CLASSIFICACAO.DA.ORACAO + subordinador + SECULO, GENERO, family = binomial(), data = adverbais)

Fonte: Elaborada pelo autor

Para o conjunto das orações subordinadas adverbiais, foram realizados testes com o objetivo de obter um modelo estatístico mais adequado à distribuição dos dados. Considerando o número reduzido de ocorrências em alguns grupos, foi necessário agrupar os subordinadores “*se, embora, ainda que, já que, até que, logo que, quando, a fim de que, para que, desde que, uma vez que, porque*”, segundo aproximações semântico-funcionais, contemplando os domínios *causal, concessivo, condicional, final e temporal* que classificam as orações subordinadas estruturalmente. Essa decisão buscou reduzir a dispersão dos dados e tornar a análise mais estável, ainda que se reconheça que a relação entre tipo de subordinador e classificação semântica da oração adverbial é bastante estreita.

A Tabela 8 apresenta os resultados da análise de regressão logística para a alternância entre a morfologia do indicativo e a morfologia do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais. As variáveis indicadas como valor de referência correspondem às variantes tomadas como base de comparação no modelo. Assim, para a classificação da oração adverbial, a variável de referência é a *causal*, para o *tipo de subordinador*, o valor de referência corresponde aos dados de *condicionais*, para *século*, o valor de referência é o *século XIX*; e, para *gênero/tipo de carta*, a referência é a *carta aberta*.

Acrescente-se a informação de que, em razão da distribuição desigual dos dados e da ocorrência de distribuições categóricas em algumas variáveis, como o caso das orações finais, os resultados inferenciais devem ser interpretados com cautela. Por isso, nesta etapa, privilegia-se a leitura descritiva das frequências e percentuais, a fim de se observar os contextos em que a morfologia do indicativo e a morfologia do subjuntivo se mostram mais produtivas.

A Tabela 9, a seguir, por sua vez, apresenta a distribuição dos subordinadores encontrados no corpus analisado, segundo a morfologia verbal realizada, o que permite visualizar o comportamento descritivo de cada item lexical subordinativo antes da interpretação por grupos semântico-funcionais.

Tabela 9: Tipo de subordinador e a distribuição por morfologia

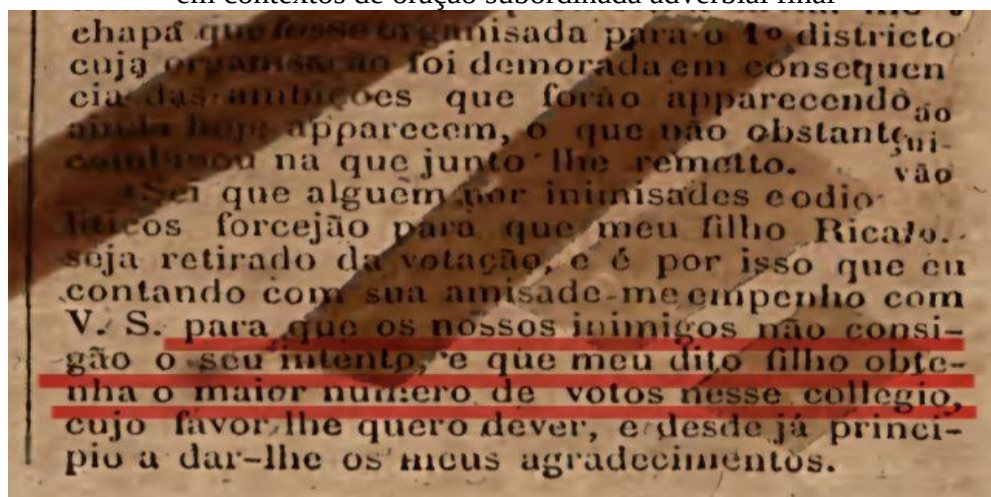
Tipo de subordinador	Indicativo		Subjuntivo	
	N	%	N	%
Ainda que	1	25	3	75
Embora	2	25	6	75
Já que	3	100	0	0
Porque	6	100	0	0
Uma vez que	1	100	0	0
Se	12	46,2	14	53,8
Desde que	1	50	1	50
Quando	14	93,3	1	6,7
Até que	0	0	3	100
Logo que	0	0	1	100
Para que	0	0	24	100
A fim de que	0	0	3	100
Total				96

Fonte: Elaboração própria

A distribuição dos dados mostra diferenças relevantes entre os tipos de oração adverbial. As orações causais apresentam uso categórico da morfologia do indicativo, com 10 ocorrências codificadas. Em direção oposta, as orações finais apresentam uso categórico da morfologia do subjuntivo, com 27 ocorrências do total de dados. Esse comportamento também é coerente com a natureza semântica das finais, que expressam finalidade, projeção ou objetivo, isto é, conteúdos não realizados no momento de referência da oração principal. Nesse sentido, os dados se aproximam do que apontam estudos como Alves (2009) e Pimpão (2012, 2021), bem como das descrições gramaticais que associam as orações finais, especialmente aquelas introduzidas por *para que* e *a fim de que*, ao emprego do subjuntivo.

As concessivas também apresentam predominância da morfologia do subjuntivo, com 9 ocorrências correspondendo a 75% dos dados codificados para esse tipo de subordinação. Para as orações condicionais observou-se uma distribuição mais equilibrada, com 12 ocorrências de indicativo em 27 dados, isto é, 44,4%, e 15 ocorrências de subjuntivo, correspondendo a 55,6%. Por fim, as orações temporais apresentam maior produtividade do indicativo, com 15 ocorrências em 20 dados, correspondendo a 75%.

Exemplo 52- Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adverbial final

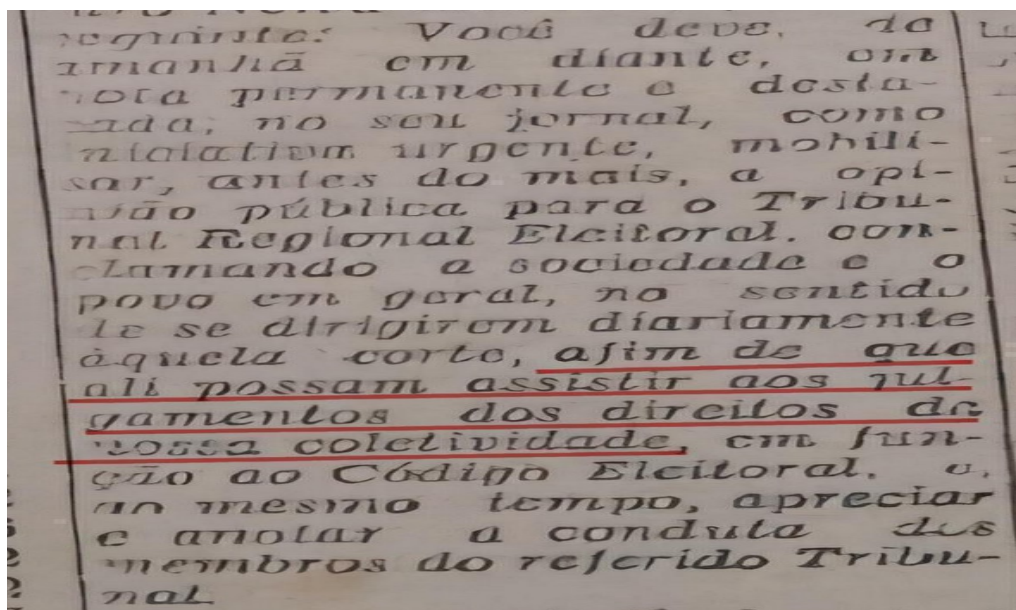


Fonte: Carta de Dionysio Alves de Carvalho, ao ilustrissimo amigo, no jornal Ordem e Progresso (1860), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (52) “Sei que alguém por inimizades e odio forcejão para que meu filho Ricardo seja retirado da votação e é por isso que eu contando com sua amisade me empenho com V.S. para que os nossos inimigos não consigão o seu intento e que meu dito filho obtenha o maior numero de votos nesse collegio, cujo favor quero dever, e desde já principio a dar-lhe os meus agradecimentos”.

Exemplo 53 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adverbial final



Fonte: Carta aberta ao presidente do Tribunal Regional Eleitoral, no Jornal do Povo(1950), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

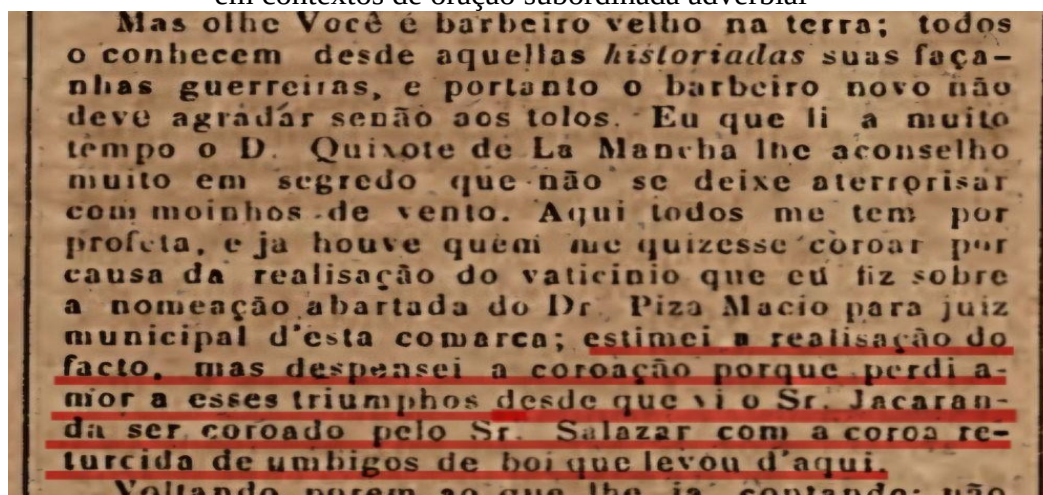
Transcrição: (53) “Você deve de amanhã em diante, em nota permanente e destacada, no seu jornal, como iniciativa urgente, mobilizar, antes do mais, a opinião pública para o Tribunal Regional Eleitoral, conclamando a sociedade e o povo em geral, no sentido de se dirigirem diariamente àquela corte, afim de que ali possam assistir aos julgamentos dos direitos da vossa coletividade, em função ao Código Eleitoral, e, ao mesmo tempo, apreciar e anotar a conduta dos membros do referido Tribunal”.

A classificação *causal* foi categórica para o indicativo, com subordinadores *porque* e *já que*. Entretanto, com relação a classificação *temporal*, os resultados mostram maior recorrência na forma do indicativo, com índice de 75%, e para o subjuntivo 25%. Os tipos de subordinadores nesta subclassificação foram *até que*, *desde que*, *quando*. O subordinador *até que* apresenta uso categórico para a morfologia do subjuntivo, enquanto os subordinadores *desde que* e *quando* se correlacionam categoricamente à morfologia do indicativo.

É importante mencionar que a conjunção subordinativa *desde que* é classificada nas gramáticas normativas como *temporal* e também como *condicional*, o que leva à necessidade de compreensão de que, para que seja categorizada como uma variante de um tipo ou outro de adverbial, importa considerar algumas características: *desde que* é temporal quando “refere-se ao tempo posterior imediato”, e é condicional quando vem com o verbo no subjuntivo (Bechara, 2009).

No conjunto de dados dessa dissertação foram encontradas as duas classificações, que podem ser verificadas, respectivamente, nos exemplos abaixo, extraídos das cartas analisadas.

Exemplo 54 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adverbial

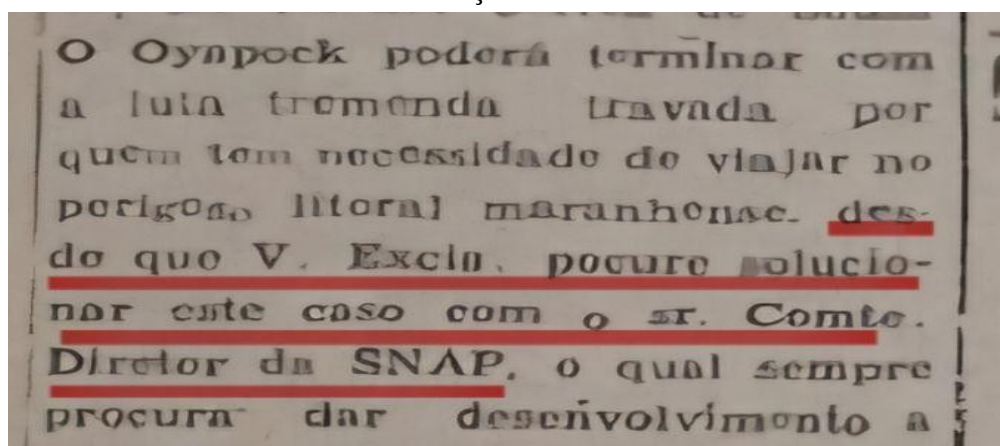


Fonte: Carta pessoal de Roberto Facundo do Codó, ao barbeiro Eupercio da Capital, no jornal Ordem e Progresso (1860), século XIX

Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (54) “Aqui todos me tem por profeta, e ja houve quem me quizesse coroar por causa da realização do vaticinio que eu fiz sobre a nomeação abartada do Dr. Piza Macio para juiz municipal d'esta comarca; estimei a realização do facto, mas despensei a coroação porque perdi amor a esses triumphos desde que vi o Sr. Jacaranda ser coroado pelo Sr. Salazar com a coroa returcida de umbigos de boi que levou d'aqui”.

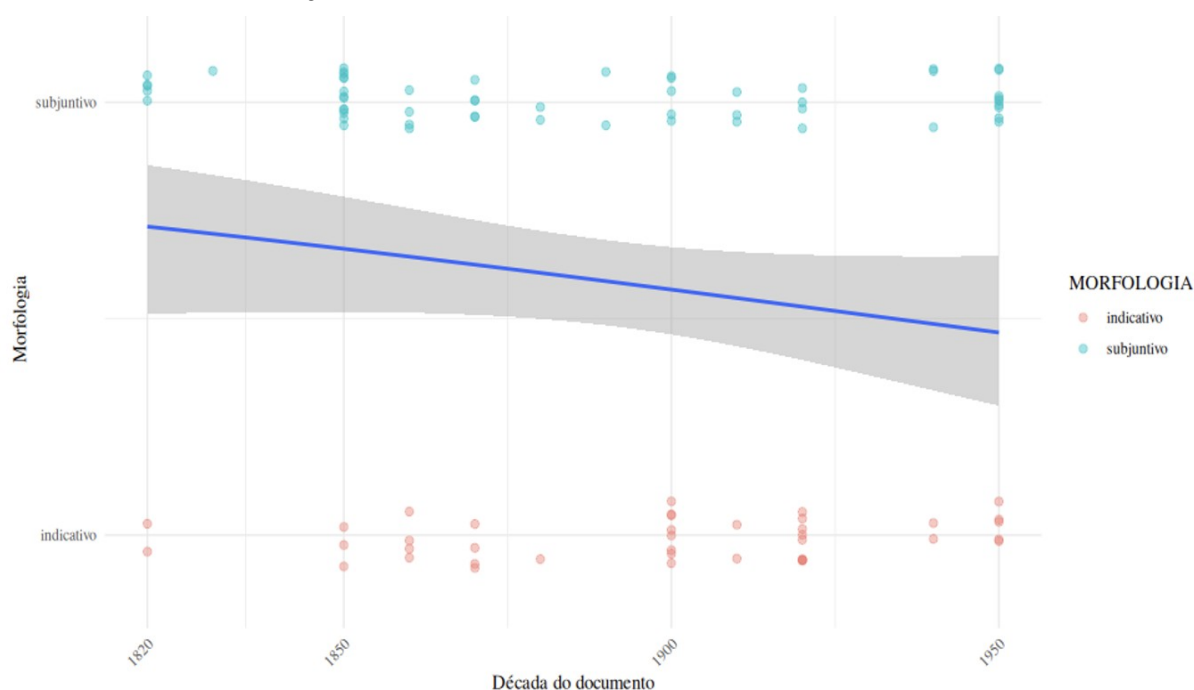
Exemplo 55 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adverbial



Fonte: Carta aberta ao Exm. Sr Governador do Estado, no jornal Diário de S. Luiz (1950), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (55) “O Oyapock poderá terminar com a luta tremenda travada por quem tem necessidade de viajar no perigoso litoral maranhense, desde que V. Excia. **procure** solucionar este caso com o sr. Comnte”.

Gráfico 3: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - *orações adverbiais*



Fonte: Elaboração própria

O Gráfico de dispersão acima apresenta a distribuição das morfologias indicativa e subjuntiva ao longo das décadas contempladas pela amostra. De modo geral, observa-se maior concentração de ocorrências de subjuntivo, especialmente em determinados pontos do século XIX. No entanto, no século XX, o indicativo passa a apresentar maior presença relativa, como também se observa na distribuição pela variável século, segundo a qual, no século XIX, o indicativo ocorre em 14 de 46 dados, correspondendo a 30,4%, enquanto no século XX, ocorre em 26 de 50 dados, correspondendo a 52% da amostra.

Essa diferença sugere uma possível ampliação descritiva do indicativo nas orações adverbiais no século XX. Contudo, essa leitura deve ser feita com cautela, uma vez que a

quantidade de ocorrências varia de uma década para outra e, portanto, a impressão de “mudança” pode ser influenciada pelo volume de dados em cada ponto do eixo temporal.

Os resultados para a variável *século* indica uma queda da expressão do subjuntivo ao longo dos séculos XIX e XX, isto é, revela uma tendência da morfologia do indicativo no lugar da forma do subjuntivo. Comparando esse fator no contexto adverbial e o mesmo fator nos contextos de substantiva e adjetiva, percebe-se que para as orações substantivas acontece o contrário, ao longo das décadas dos séculos XIX e XX há tendência da morfologia do subjuntivo (subseção 4.1 deste capítulo).

Tabela 10: Distribuição dos dados por *gênero* - pessoal/aberta

Gênero	N Indicativo	%	N Subjuntivo	%
Carta pessoal	22	35,5	40	64,5
Carta aberta	18	52,9	16	47,1
Total				96

Fonte: Elaboração própria

Por fim, para a variável *gênero/tipo de carta*, os resultados mostram que as cartas pessoais concentram maior número de dados, já que são 62 ocorrências, das quais 22 apresentam morfologia do indicativo, correspondendo a 35,5%, enquanto 40 apresentam morfologia do subjuntivo, correspondendo a 64,5%. Entre as cartas abertas, por outro lado, há 34 ocorrências, das quais 18 apresentam indicativo, correspondendo a 52,9%, e 16 apresentam subjuntivo, correspondendo a 47,1%.

Esses resultados mostram que, nas orações adverbiais, as cartas pessoais apresentam maior produtividade relativa do subjuntivo, enquanto as cartas abertas apresentam distribuição mais equilibrada, com leve predominância do indicativo. Ainda assim, a diferença entre os gêneros deve ser interpretada com cautela, uma vez que pode estar associada à distribuição dos tipos de oração adverbial e dos subordinadores em cada gênero textual.

Após a apresentação dos resultados relativos às orações substantivas, adjetivas e adverbiais, a subseção seguinte reúne a distribuição geral dos três contextos de subordinação analisados.

4.4 Distribuição geral nos três contextos de subordinação - substantivas, adjetivas e adverbiais

Nesta subseção será apresentada a análise geral nos três contextos de subordinação, a tabela 11 mostra a análise de regressão e a distribuição geral das formas indicativo e subjuntivo.

Tabela 11: Análise de regressão logística do uso da morfologia do subjuntivo e indicativo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses dos séculos XIX e XX (N=311)

Variável	Estimativa	Erro padrão	valor-z	p	Apl./N Subjuntivo
<i>Intercept</i>	-1.017	0.409	-2.485	0.012*	
Tipo de oração subordinação					
Adjetiva (v.de referência)					80/105 (76,2%)
Substantiva	1.276	0.299	4.263	<0.0001***	52/110 (47,3%)
Adverbial	1.524	0.312	4.884	<0.0001***	40/96 (41,7%)
Séculos					
XIX (v. de referência)					97/175 (55,4%)
XX	-0.199	0.332	-0.600	0.548	75/136 (55,1%)
Gênero					
Carta aberta (v. de referência)					57/105%) (54,3
Carta pessoal	-0.103	0.345	-0.298	0.765	115/206 (55,8)

Formula = glm(MORFOLOGIA ~ TIPO.DE.ORACAO + SECULO + GENERO, family = binomial(), data = dados)

Fonte: Elaboração própria

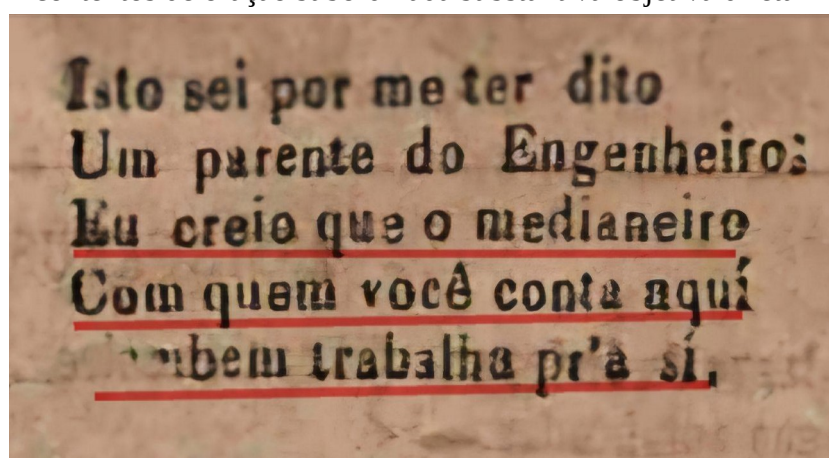
A Tabela 11 apresenta os resultados da análise de regressão logística realizada para observar a distribuição geral da morfologia do subjuntivo em comparação com a morfologia do indicativo nos três contextos de subordinação analisados ao longo desta dissertação. Neste modelo, a morfologia do subjuntivo foi tomada como variável resposta, e as orações adjetivas foram definidas como valor de referência para o tipo de oração subordinada. Para as variáveis extralinguísticas, mantiveram-se como valores de referência o século XIX e as cartas abertas.

Os resultados indicam que o tipo de oração subordinada apresenta efeito estatisticamente significativo na distribuição da morfologia do subjuntivo. Em comparação

com as orações adjetivas, tanto as orações substantivas quanto as adverbiais apresentam maior associação com o uso do subjuntivo, com valores de p inferiores a 0,001. Esse resultado confirma, no modelo geral, a tendência observada nas análises específicas: as orações adjetivas apresentam maior produtividade do indicativo, enquanto as substantivas e adverbiais constituem contextos mais favoráveis à ocorrência do subjuntivo.

Os exemplos a seguir evidenciam o resultado para o tipo de oração subordinada.

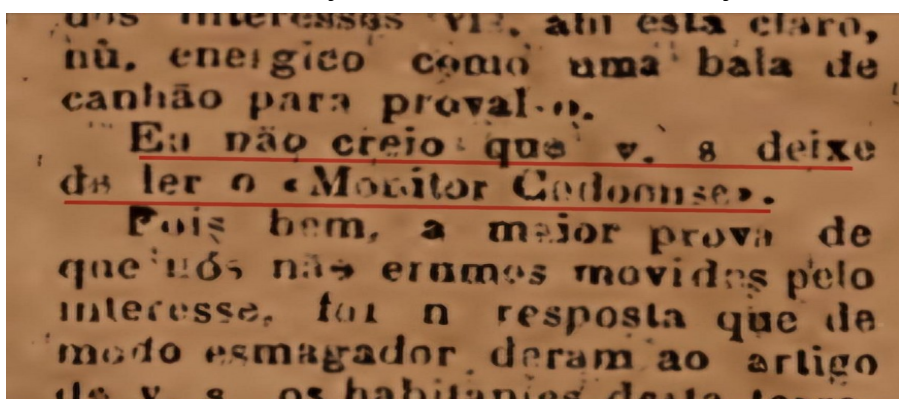
Exemplo 56 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta



Fonte: Carta pessoal de João Saboroso a seu compadre José Dependurado, no jornal Farol (1854), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (56) “Eu creio que o medianeiro com quem você conta aqui também trabalha pr'a si”.

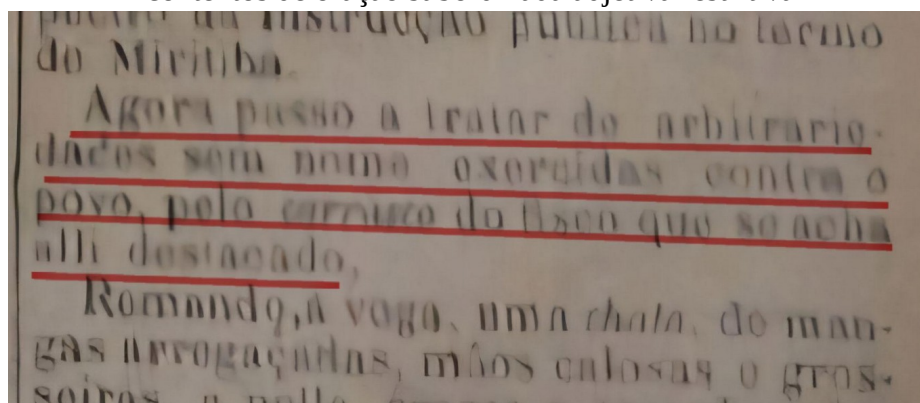
Exemplo 57 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada substantiva objetiva direta



Fonte: Carta aberta ao illm. sr. dr. José Vianna Vaz, no jornal Monitor Codoense (1895), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (57) “Eu não creio que v.s. deixe de ler o Monitor Codoense”.

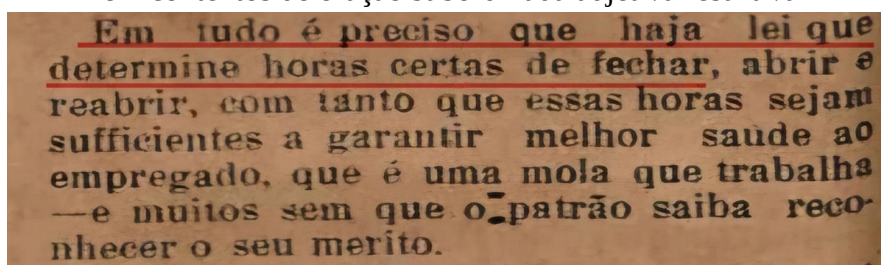
Exemplo 58 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adjetiva restritiva



Fonte: Carta aberta ao Exm. Sr Governador do Estado, no jornal A Imprensa (1906), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (58) “Agora posso tratar de arbitrariedades sem nome exercidas contra o povo, pelo carrasco do fisco que se **acha** alli destacado”.

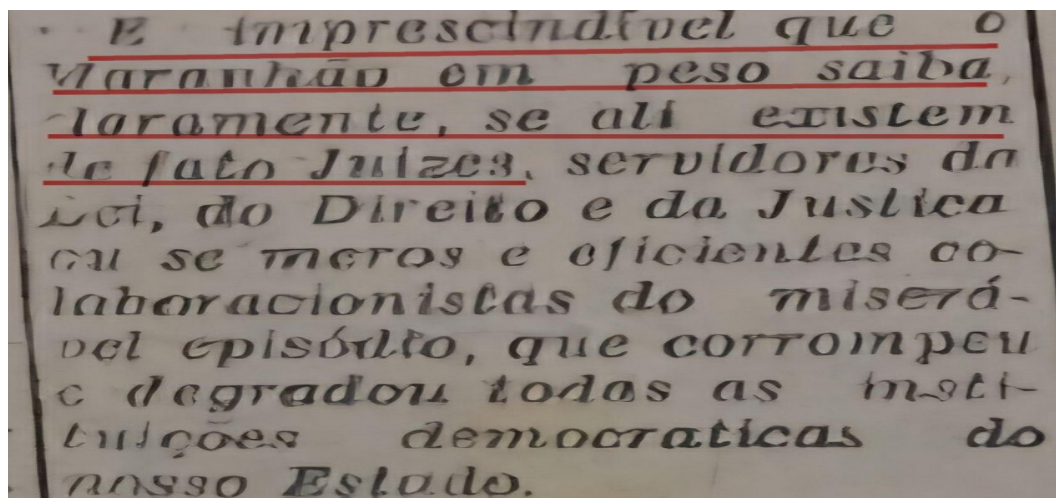
Exemplo 59 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adjetiva restritiva



Fonte: Carta aberta ao Dr. Renato Viana, no jornal Povinho (1929), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (59) “Em tudo é preciso que haja lei que **determine** horas certas de fechar, abrir e reabrir, com tanto que essas horas sejam suficientes a garantir melhor saúde ao empregado”.

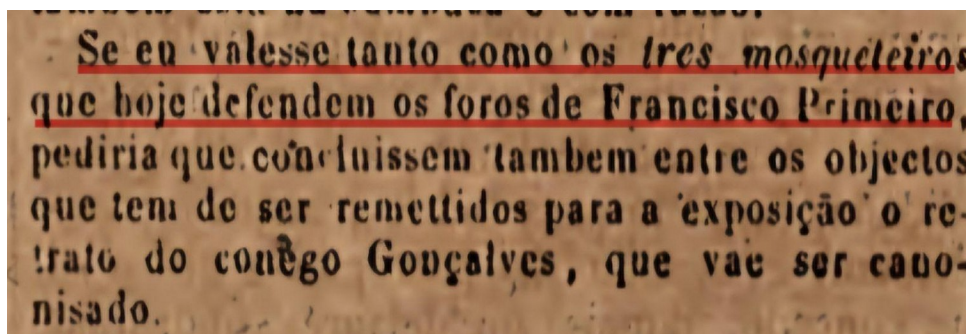
Exemplo 60 - Trecho da carta aberta com excerto em que a forma verbal é a do indicativo, em contextos de oração subordinada adverbial condicional



Fonte: Carta aberta ao presidente do Tribunal Regional Eleitoral, no Jornal do Povo(1950), século XX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (60) “E imprescindível que o Maranhão em peso saiba, claramente, se ali **existem** de fato Juizes, servidores da Lei, do Direito e da Justiça ou se meros e eficientes colaboradores do miserável episódio, que corrompeu e degradou todas as instituições democraticas do nosso Estado”.

Exemplo 61 - Trecho da carta pessoal com excerto em que a forma verbal é a do subjuntivo, em contextos de oração subordinada adverbial condicional



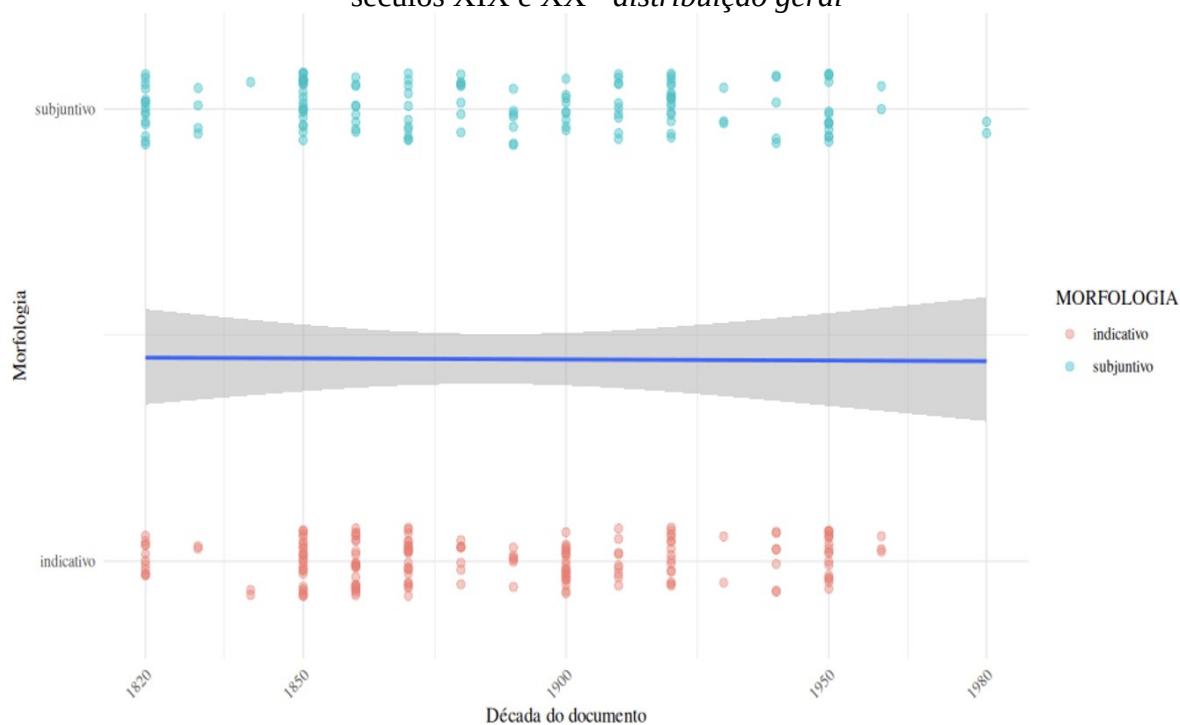
Fonte: Carta de Roberto Facundo do Codó, ao barbeiro Eupercio da Capital, no jornal Ordem e Progresso (1860), século XIX
Disponível em: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Transcrição: (61) “Se eu valesse tanto como os tres mosqueteiros que hoje defendem os foros de Franscisco Primeiro; pediria que concluíssem também entre os objetos que tem de ser remettidos para a exposição o retrato do conego Gonçalves, que vae ser canonisado”.

Todos esses trechos foram extraídos de cartas pessoais e cartas abertas publicadas nos jornais maranhenses dos séculos XIX e XX, que evidenciam as duas morfologias -

indicativo e subjuntivo. Nos dois primeiros exemplos (56) e (57) tem-se dados de orações subordinadas substantivas, com a oração subordinada encaixada na posição de objeto direto do verbo *crer*. Os exemplares (58) e (59) referem-se às orações adjetivas restritivas; (60) e (61) representam duas orações adverbiais condicionais, com conjunção subordinativa *se*. No grupo de fatores *século* e *década* importa verificar como a expressão do modo subjuntivo se distribui em todos os contextos de orações subordinadas, ao longo recorte temporal aqui definido. Desse modo, observa-se no gráfico abaixo, todos os contextos de subordinação e a sua distribuição ao longo das décadas dos séculos XIX e XX.

Gráfico 4: Distribuição das morfologias indicativo e subjuntivo ao longo das décadas dos séculos XIX e XX - *distribuição geral*



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 4 reúne os três contextos de subordinação do corpus e apresenta a distribuição das morfologias indicativa e subjuntiva ao longo das décadas dos séculos XIX e XX. Ambas as morfologias coocorrem durante todo o recorte temporal analisado, ainda que com distribuição desigual entre as décadas. A presença recorrente das duas formas sugere que a alternância entre indicativo e subjuntivo se mantém ativa ao longo do período investigado.

O gráfico sugere que as duas variantes coocorrem ao longo de todo o recorte temporal, com oscilações pontuais que parecem acompanhar, sobretudo, a quantidade de ocorrências disponível em cada década.

Um ponto que se destaca a partir dessa variável é do próprio acesso aos dados, já que se percebe que não há no gráfico dados que indiquem a expressão da forma do subjuntivo ou do indicativo no início do século do século XIX, o que pode ser explicado pelo período de publicação dos jornais maranhenses, uma vez que o primeiro jornal a chegar no Estado foi o Conciliador do Maranhão, em 1821. Dessa forma, o gráfico foi organizado de maneira a considerar o primeiro ano do século XIX em que foram coletados dados e o último ano do século XX.

A fim de verificar quais os contextos que essas duas morfologias são predominantes, e de modo mais específico, visualizar e delinear como a expressão do subjuntivo se estabeleceu, a tabela 10 mostra o cruzamento da expressão da morfologia de ambos os modos com as orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, distribuídas por séculos.

Para uma melhor visualização dessa distribuição, a tabela a seguir mostra os três contextos de subordinação, distribuídas por séculos - XIX e XX.

Tabela 12: Distribuição da classificação da oração subordinada por *século* - XIX e XX

Tipo de Oração Subordinada	Século XIX		Século XX	
	Indicativo	Subjuntivo	Indicativo	Subjuntivo
Substantiva	32 (29,1%)	31 (28,2%)	20 (18,2%)	27 (24,5%)
Adjetiva	51 (48,6%)	15 (14,3%)	29 (27,6%)	10 (9,5%)
Adverbial	14 (14,6%)	32 (33,3%)	26 (27,1%)	24 (25%)

Fonte: Elaboração própria

De modo geral, as orações substantivas e adverbiais parecem se especializar mais à expressão do subjuntivo, enquanto as adjetivas tendem a se correlacionar com a forma do indicativo. Os números apontam um resultado significativamente superior para a morfologia do indicativo nos dois séculos analisados.

Tabela 13: Distribuição geral dos dados distribuídos por *gênero* - carta pessoal e carta aberta

Gênero	N Indicativo	%	N Subjuntivo	%
Carta pessoal	115	55,8	91	44,2
Carta aberta	57	54,3	48	46,7
Total				311

Fonte: Elaboração própria

Aqui, mantém-se a hipótese apresentada nas subseções anteriores e verifica-se, na tabela, como as duas morfologias se distribuem. Antes, importa ressaltar o baixo número de ocorrências em cartas abertas, o que se explica pela própria quantidade de cartas publicadas. Nos dois gêneros analisados, observa-se maior recorrência do indicativo. Nas cartas pessoais, a diferença entre as morfologias é mais marcada; nas cartas abertas, embora não haja um avanço substancial, o resultado ainda é relevante, pois aponta esse gênero como favorecedor do indicativo, mesmo sendo um gênero de teor mais discursivo.

Esse achado se alinha ao que se discutiu sobre o gênero carta aberta na subseção 3.4. Como se argumentou ali, trata-se de um gênero que não se organiza necessariamente segundo estruturas e características descritas nas bibliografias convencionais. Nas cartas abertas examinadas nesta dissertação, apesar de lidarem com interesses coletivos, pode haver endereçamento a um único interlocutor e estratégias de aproximação entre remetente e leitores. Isso sugere maior flexibilidade discursiva e, portanto, menor necessidade de recorrer a formas mais “estigmatizadas”.

Percebe-se, assim, com base nos três contextos de subordinação analisados em cartas pessoais e cartas abertas publicadas em jornais maranhenses, que a morfologia do subjuntivo se correlaciona a (i) certos tipos de orações subordinadas, (ii) certos tipos de verbos e (iii) tipos de subordinadores. Além disso, a análise mostra que indicativo e subjuntivo se mantêm, em grande medida, nos contextos previstos pela gramática normativa. O que pode estar relacionado à amostra aqui analisada – textos históricos, escritos entre os séculos XIX e XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma análise de variação da expressão do subjuntivo em cartas pessoais e cartas abertas publicadas nos jornais maranhenses dos séculos XIX e XX, em contextos de orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais. O interesse era observar o subjuntivo e sua possibilidade de variação com o indicativo do ponto de vista sócio-histórico, uma vez que ele é objeto de estudo, sobretudo em sua modalidade falada, em diversas regiões do país, mas ainda pouco observado a partir da análise de dados no contexto histórico maranhense. Assim, o objetivo foi verificar contextos em que a forma do indicativo ocupa espaço dedicado à morfologia do subjuntivo, conforme as gramáticas normativas, e também verificar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos se correlacionam às formas verbais.

Os três contextos de subordinação foram analisados separadamente, porque trata-se de diferentes estruturas, após isso foram analisados globalmente, isto é, considerando os três contextos de oração subordinada - substantivas, adjetivas e adverbiais, dos séculos XIX e XX, além das cartas pessoais e cartas abertas.

Dessa forma, retomando os objetivos desta dissertação, de quais contextos permitiram a morfologia do subjuntivo, a análise permitiu concluir que:

Para as orações substantivas o subjuntivo se mantém produtivo nas variáveis analisadas: subclassificação subjetiva e objetiva direta; tempos verbais da oração principal e tempo verbal da oração subordinada; gênero carta aberta. Em verbos, destacam-se *querer*, *permitir*, *esperar* e *pedir*. Para o grau de assertividade, com elementos de afirmação plena produtivos para a morfologia do subjuntivo.

Nas orações adjetivas, por outro lado, os resultados revelam que o subjuntivo não foi produtivo em nenhuma das variáveis analisadas. Isto é, a morfologia do indicativo foi a mais produtiva em todos os contextos linguísticos e extralinguísticos analisados nesta dissertação. No entanto, obteve um resultado significativo para o subjuntivo no contexto de orações adjetivas explicativas.

As orações adverbiais apresentaram contextos de especialização da forma subjuntiva, tais contextos são: orações concessivas, condicionais e finais; os tipos de subordinadores *ainda que*, *embora*, *se*, *para que*, *a fim de que*. Também se especializou em contextos de

cartas pessoais. Já no contexto extralinguístico - *século*, se mostrou produtivo apenas no século XIX.

À primeira vista nos três contextos de subordinação, o resultado demonstra que o subjuntivo é produtivo em contextos de orações substantivas e adverbiais, entretanto, não parece se especializar nas orações adjetivas. Para o cruzamento da morfologia do subjuntivo com os gêneros discursivos cartas pessoais e cartas abertas e séculos (XIX e XX), o subjuntivo não se correlaciona, dessa forma, percebe-se a expansão do indicativo em comparação ao subjuntivo ao longo dos séculos XIX e XX.

No que diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos aqui analisados, afirma-se que os resultados refletem, em alguma medida, aqueles encontrados em pesquisas constituídas sob o plano da Sociolinguística Histórica, de maneira que se pode estabelecer um diálogo entre elas (Pimpão, 2012, 2021; Alves, 2009; Berlinck, 2017; Baiocato, 2017, Fortes e Santos, 2023).

Nessa direção, para além da variação indicativo e subjuntivo, também ressalta-se sobre o corpus analisado, o qual foi possível explorar características dos gêneros discursivos cartas pessoais e cartas abertas publicadas nos jornais maranhenses dos séculos XIX e XX. Na investigação desses gêneros há uma apresentação de diferentes padrões, uma vez que a análise permitiu uma discussão em torno da heterogeneidade dos gêneros, isto é, mostrou como os gêneros discursivos analisados não são totalmente estáveis, que seu funcionamento é essencialmente dinâmico e sujeitos à variação. Além disso, percebeu-se a partir dos elementos presentes nos gêneros analisados e as discussões em torno do gênero que a própria denominação das cartas pessoais e cartas abertas estão sujeitas a variação.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

ALVES NETA, A. *O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro*. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

ALVES, Rosana. *A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade*. 197f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BAIOCATO, Isabela. *A alternância entre os modos subjuntivo e indicativo no português brasileiro: um estudo em cartas pessoais do século XX*. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara, 2017.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008.

BARRA ROCHA, Maria. M. *O modo subjuntivo em português: um estudo contrastivo com o italiano*. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2010.

BERLINCK, Rosane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; DE CÁSSIA MARINE, Talita. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, 2008.

BERLINCK, Rosane. ‘Subjuntivo vs indicativo em orações completivas: percurso diacrônico no português brasileiro’. In: CARRILHO, Ernestina et al (orgs). *Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp. 217-244, 2019.

BERLINCK, Rosane de Andrade; BRANDÃO, Sílvia Maria. *Por uma sociolinguística histórica: análise multidimensional de cartas pessoais e peças teatrais brasileiras*. In Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança. Biazolli, Caroline Carnielli; Berlinck, Rosane de Andrade (org.). – 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

BIANCHET, Sandra Maria G. B. *Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim*. 161 f. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

BIAZOLLI, Caroline Carnielli; BERLINCK, Rosane de Andrade. *Por que investigar processos de variação e mudança linguísticas por meio de gêneros textuais-discursivos*. Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 13-38, 2021.

CARVALHO, Maria José. *Sociolinguística histórica: estatuto, metodologia e problemas*. Revista portuguesa de Filologia, v. 22, p. 187-204, 1998.

CARVALHO, Hebe M. de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CASTRO, Sílvio Rogério Rocha de; FAGUNDES, Esnel José. *São Luís 400 anos: breve levantamento do jornalismo impresso em São Luís do Maranhão*. 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7º ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2017.

DJAJARAHARDJA, Natalia. *Aspectos da variação entre o PE e o PB: guia para a adaptação linguística entre as duas variedades*. 2020.

ELSPAS, Stephan. *The use of private letters and diaries in sociolinguistic investigation*. In HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (org). *The handbook of historical sociolinguistics*, p. 156-169, 2012.

FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FREIRE, Ricardo. *Subjuntivo à paulista*. Revista Época, São Paulo: Globo, edição 400 de 16 jan., ano 8. São Paulo. 2006.

GIVÓN T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Ed.). *The handbook of historical sociolinguistics*. John Wiley & Sons, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The application of the *Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics*: Problems with the Generalizability Principle. In HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (org). *The handbook of historical sociolinguistics*, p. 156-169, 2012.

HONÓRIO DO COUTO, Hildo. *O Que é Português Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). *Manual de linguística*. - 2. ed. 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEITE, Ana Maria de Carvalho. *Cadeias referenciais em textos do gênero carta aberta: um projeto didático para a educação de jovens e adultos*. 158f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) *Gêneros textuais e Ensino*. v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais*: configuração, dinamicidade e circulação. In KARWOSKI, Acir Mário., GAYDECZKA Beatriz, BRITO Karim Siebeneicher (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. -4ª.ed. São Paulo: Parábola Editorial, p.17-31, 2011.

MARQUES, Rui Ribeiro. *Sobre a distribuição do modo em PE e em PB*. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, p. 687-698, 2001.

MATOS, Marcos Fábio Belo; ARAÚJO, Roni César Andrade de. Apresentação: *Imprensa no Maranhão: trajetória bicentenária*. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 18, n. 32, p. 169-175, 2021.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa. 2003.

NUNES, José Horta. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngues no Brasil. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (orgs.). *História da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p.353-374, 2008.

OLIVEIRA, Vívian Meira de. *O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. 302f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.

OLIVEIRA, Jean Rodrigues de. *A carta aberta como instrumento de ação social: uma proposta de intervenção à luz do letramento na EJA*. 132f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Letras). Universidade Estadual da Paraíba, 2018.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo*. 390f. Tese (Doutorado em Linguística). FFLCH-USP, 2015.

OUSHIRO, Livia. *Introdução à estatística para linguistas* [livro eletrônico]. São Paulo: Editora da ABRALIN, 2022

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. 128f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PIMPÃO, Tatiana. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. 350 f. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Corpus diacrônico: constituição e descrição*. Letras, n. 60, p. 223-246, 2020.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Variação no uso do presente do modo subjuntivo: integrando níveis de análise*. *Working Papers em Linguística*, v. 22, n. Especial, p. 157-181, 2021.

POPLACK, Shana. *Prescription, intuition, et usage: le subjonctif français et sa variabilité inhérente*. *Language et société*, n. 54, p. 5-33, dec. 1990.

POPLACK, Shana. *A dinâmica sociolinguística da aparente convergência*. In: D.E.L.T.A. v. 10, número especial. pp. 141-172, 1994.

REIS, Thays Assunção; GADINI, Sérgio Luiz. *Breve panorama da cultura nos jornais maranhenses do século XIX*. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 27, n. 1, p. 134-147, 2017.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge University Press. New York, 2009[1982].

ROSA, Eliane da. *Sociolinguística Histórica*. *Revista de Letras*. v.17, n. 21, jul./dez. 2015. Curitiba, 2015.

ROSS, Huanna Sperb; ARNEMANN, Aline Rubiane; ALBIERO, Monize Pereira. *Carta aberta na escola: um olhar a partir da composição do gênero e da progressão tópica*. *Revista Desenredo*, v. 17, n. 2, 2021.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 140f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo*. 2020. Tese (Doutorado em Semiótica e (Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTOS, Wendel Silva dos.; LOPES, João Vitor Cunha; FORTES, Laine Barros. *Variação indicativo/subjuntivo em documentos históricos do século XIX no Maranhão*. In: VIEIRA, José Antonio; TOLOMEI, Cristiane Navarrete (orgs.). *Linguagem, discurso e cultura*. Vol. 2. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 109-128, 2022.

SANTOS, Wendel Silva dos.; Lopes, João Vitor Cunha; FORTES, Laine Barros; PESSOA, HELEN. *A sociolinguística histórica no Maranhão*. In ALMEIDA, Lucélia de Sousa; RIBEIRO, Mariana Aparecida de Oliveira; SERRA, Luís Henrique (orgs.). *Linguagem, discurso e cultura*. V. 5. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 113- 131, 2023.

SANTOS, Wendel; FORTES, Laine Barros. *Variação no uso da morfologia do modo subjuntivo e indicativo em documentos maranhenses escritos no século XIX*. *Cadernos do IL*, [S. l.], n. 65, p. 358–380, 2023.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

SILVA, Maria do Socorro de Araujo Sousa. *As produções dos gêneros discursivos/textuais bilhete, carta pessoal e carta aberta: um percurso escritor na EJA em aulas remotas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2021.

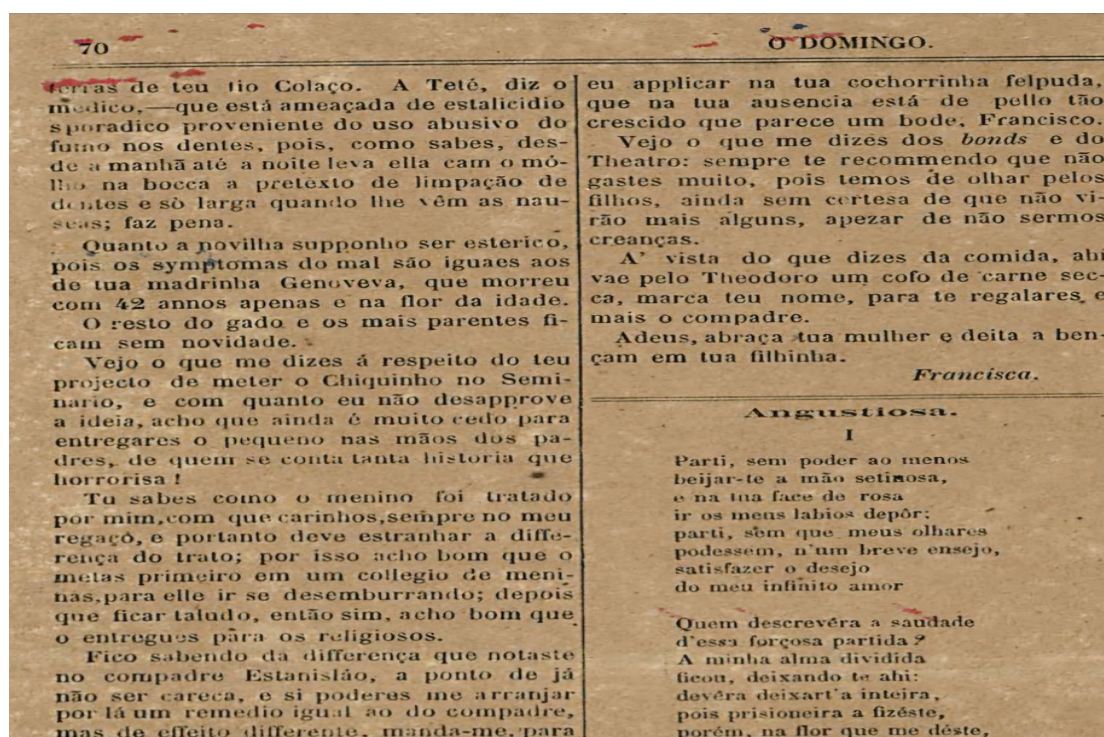
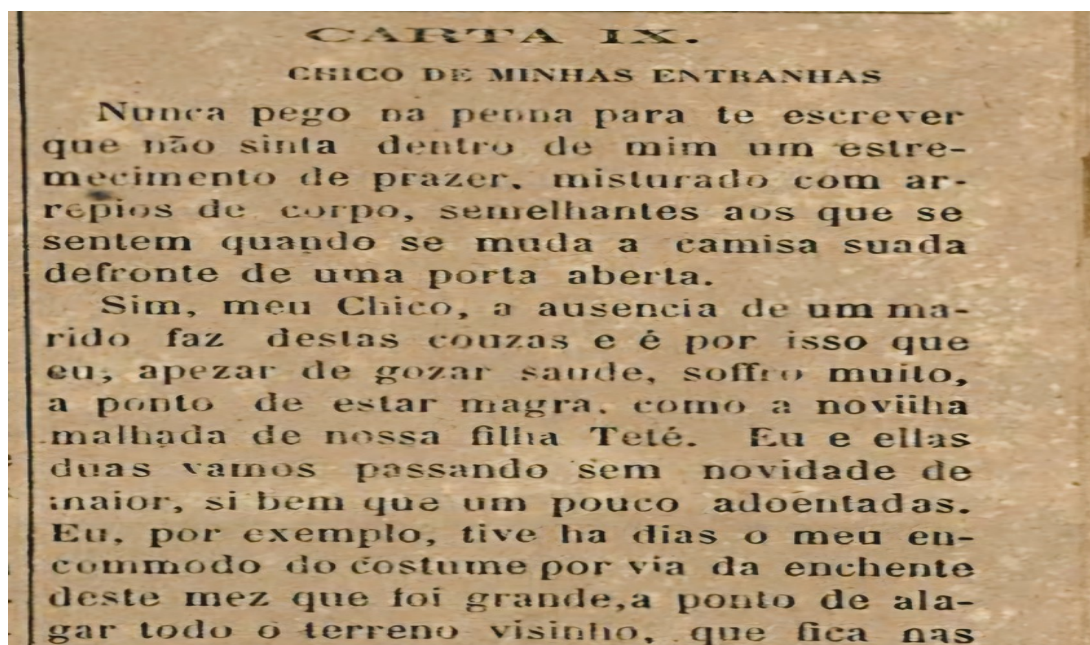
TARALLO, Fernando. *Pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1997.

VIEIRA, Marta Mara Munguba. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá*. 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

ANEXOS

ANEXO A – CARTAS ESCRITAS POR MULHERES



A IMPRENSA CAXIENSE.

ANNO II.

CAXIAS, — 17 DE FEVEREIRO DE 1862.

N. 69.

Publica-se uma vez por semana e subscryve-se nesta Typographia a 6\$000 por anno e 3\$000 por semestre. Os annuncios dos Srs. assignantes atbe trinta linhas gratis o excedente e mais publicações 100 reis por linha. As assignaturas devem ser pagas adiantadas.

COMMUNICADO.

Julgando do meu dever dar ao Respeitavel Publico a causa da rasão de meos actos vejo-me na dura necessidade de entregar a seo dominio factos, que bem a meo pesar vou revelar.

Ha 6 annos que entretoha relações com a Sra. D. Amelia Balbina das Chagas Lemos, na esperança de poder conseguir o nosso ajustado casamento com a approvação ou consentimento de sua Mãe a Sra. D. Maria Balbina das Chagas Lemos, procurei todos os meios, e empenhos, para o conseguir, e até fiz loucuras, eu o confesso, e tudo foi baldado.

Desesperados, ambos, longe de leva-lo a effeito por meios reprovados, apesar de solicitação; (*) e encorajado pela carta que abaixo transcrevo, recorri ao Dr. Juiz dos Orphãos para no caso de negativa da Sra. D. Maria Balbina das Chagas Lemos, anparir o seo consentimento.

Mandou o Sr. Juiz de Orphãos ouvir-a, e recebendo a esse mesmo tempo um aviso da Sra. D. Amelia de que se achava ameaçada de se declarasse ao Juiz querer casar commigo soffrer dobrado do que havia até então passado: requeri o seo deposito em casa honesta, onde livre de qualquer violencia podesse manifestar livremente sua vontade. Concedido o deposito qual não foi minha decepção quando voltou o Escrivão de Orphãos com a certidão de que intimado o Mandado, e perguntando-lhe em que casa queria ser depositada, respondeu a Sra. D. Amelia, perante testemunhas que não queria ir para casa alguma, e que posto que houvesse dito que queria casar commigo, toda via não queria mais!

(*) Querido Coriolano.

Eu falei a minha ella me disse que eu e tú héramos culpados porque nós fazia tudo escondido agora é que arrebentamos agora não tem mais remedio o que avemos fazer o remedio e fazer afuga por isso já se o remedio mas Tulipa (**) ve como avemos fazer isso vé a Casa a onde é melhor de ficar uma que eu queria era D. Victoria mas ella sahio honte pença bem como é de ser marca-me o dia quando tú vir me espere no quintal do Miguel, Tulipa tú guarda segredo não falei a nossa fuga a niuguem se não minha mai sabe logo que tem muitas e de pois não sei que é de ser de mim.

aceita o coração affito de tua amante

Amelia.

(**) Nome luxuoso com que me tratava.

Não podendo considerar esta resposta como effeito das violencias que dizia soffrer, porque dellas hia ser livre, (do) posso deixar de tomal-a como effeito da inconstancia; e por isso agradecendo ao Céu o favor que me fez de livrar-me da illuzão, em que por tanto tempo soube ter-me a Sra. D. Amelia, faço votos para que seja feliz com quem possa melhor illudir. Entretanto fique inteirado o Respeitavel Publico, de que não dependo de mim fazer legalmente terminar as censuras, e mormurações a que por tanto tempo damos cauza.

Sou Sr. Redactor. &

Coriolano Martins Corrêa.

Caxias, 17 de Fevereiro de 1862.

GARTA.

Querido Coriolano.

Eu estou pronta a fazer tudo quanto tú quizeres para nos casar empenhate com meu Tio Tito, que é teu amigo para elle arranjar por que elle querendo tudo fazer, ou que casar comtigo não me importa o que minha may diz li a carta que tu escreveo a meu tio Tito mais acho melhor tu mesmo ir fallar com elle porque cartas não é bom e depois da maneira que tu conta tudo, não seja esmorecido o Joaquim Ramos, tudo arrangos. Tua amante coração.

Amelia Lemos.

Certifico que revendo os autos de licença para casamento do supplicante com D. Amelia Balbina das Chagas Lemos, nelle a fl. 7 acha-se o mandado de sequestro de que trata a petição supra com a intimação do theor seguinte:—Certifico, que fui a casa de D. Maria Balbina das Chagas Lemos acompanhado do official de justiça Laurino Jozé de Souza, e das testemunhas Raimundo Meis de Carvalho e Honorato Fernandes Lima, e sendo ahí presente a mesma D. Maria Balbina das Chagas Lemos a quem intimei o mandado supra, e por ella foi apresentada a orfã D. Amelia Balbina das Chagas Lemos, e declarou que quis casar-se com Coriolano Martins Correia; porem que agora não queria mais, por isso deixei de proceder ao sequestro e deposito ordenado no mandado retro, de que dou fé. Caxias 15 de Fevereiro de 1862.—O Escrivão Antonio Marcellino Pereira.—Laurino Jozé de Souza.—Está conforme com a certidão donde esta extrahi, e vai sem couza que dvida faça não o fazendo alguns groços ou lapsos de penna, e aos mesmos autos e folhas me reporto e dou fé. Caxias 17 de Fevereiro de 1862. O Escrivão.

Antonio Marcellino Pereira.

Primavera

Fiquem os leitores sabendo que o que mais causou-me espanto, foi lá ver um Reverendo, homem que passa por santo, que sabe a roda onde piza, andando por entre os páros, com finas vestes talares, gosando o fresco da briza!

Foi tal o susto qu'eu tive ao vê-lo n'aquelle meio, que logo não me contive e perguntei com receio: —Então, Padre, também gosta, não acha isto tudo feio? Elle me disse em resposta: —Eu vim sómente a passeio, é preciso que se note, passo uma vida isolada, um viver de sacerdote, não vou a bailes, nem nada; ora, isto assim não é vida, e como sou velho e padre, fui basear minha comadre, p'ra fazermos a Avenida!...

Eis o que é o passeio da praça Pedro Segundo, onde se vê todo o mundo no mais amavel recreio; é lá o ponto mais certo da convivencia elegante, o centro mais fascinante, e os olhos todos aberto.

Aquella bella avenida, cheia de... tem excellentes motivos p'ra se tornar tão querida, pois além de ser dotada de primorosa belleza, desculpa muita proeza da mais fina velhacela. Eu mesmo que sou sando e nada faço por fóra, estou resolvido agora a succorrer-me de tudo, p'ra nunca perder a vasa, dizendo á gente de casa que não fique consumida se eu entrar de madrugada, que pode estar assegurada, que eu fui fazer a Avenida!

Por isso, caros leitores, se sois solteiros ainda, buscai tranquillios amores na pacifistica infanda, onde a ventura repousa, cercada de felicidade; procurai p'ra vossa esposa uma mulher já de idade, bôa, modesta, perfeita, dotada de predicados, bella por todos os lados, com a Avenida já feita!...

EUCLYDES FARIA.

(Das «Briza da Amassosa».)

Da nossa brilhante collaboradora SOPHIA recebemos a carta abaixo, a que, gostosamente, damos publicidade; e esperamos que a inspirada escriptora se digne honrar sempre as columnas da *Primavera* com a sua penna reconhecidamente competente

Carta a uma noiva

Minha querida...

Hoje, ao ler a tua primeira carta que veio romper o injustificavel silencio que temos guardado desde que nos separámos, invadio-me a alma uma saudade intensa da nossa vida de collegio.

Como vas longe esse tempo! Ha seis annos, quando tu eras ainda uma menina e eu já me considerava moça, abandonei, levada pelo coração, a vida despreocupada e alegre de solteira, para me entregar a outra, mais nobre sem duvida, porém que nos traz as graves responsabilidades de mãe de familia. Mas de assim haver procedido não tive ainda um só instante de leve arrependimento; muito ao contrário, só tenho palavras de gratidão que elle-xo a Deus, pela misericórdia com que protege o nosso lar, onde a alma boa do meu Paulo derrama o amor que me enche o coração e envolve a alma innocente da minha filha.

Perdoa-me querida, porque eu comeco por falar de mim com uma validade de criança que se sente il-songçada. Acredita que quem agita em mim, neste momento, todas as forças affectivas de esposa e de mãe, para que tu assim te fales, é a noticia que me illas do teu solvado. Sinto-te proxima de mim, e me domina um desejo irresistivel de tomar-te em meus braços com o mesmo carinho com que estreito a minha dôce e querida filha. Mas, ah! como se me affigura dilatada agora a longa distancia que nos separa. Embora... já que te não pôs-o ver ao meu lado e contar-te o prazer que me alegro, registrarei aqui para te servir de goza, si dellas quizeres aproveitar, algumas observações que a minha curta experiencia tem conseguido colher no desempenho dos meus deveres de esposa.

Farei notar primeiramente que a despeito do movimento que se vai abastando por toda a parte em prol da emancipação da mulher, dessa emancipação que, por ser liberal, ha de derrubar do altar em que a collocou a sociedade actual, a ella compete sobretudo a sublime missão da mãe de familia. Ah! é

que nós revelamos, em toda a plenitude, a grandesa da nossa alma e o valor da nossa intelligência.

Li, não me occorre onde, que uma mãe experiente dissera á filha noiva: «Si é difficil ser mãe, muito mais ser esposa, porque a primeira é obra da natureza e a segunda é criação da mulher, ou—antes—da noiva. Casadas, nós aprendemos a desempenhar o complexo papel de mães instinctivamente, com a mesma naturalidade, com que sabemos escudar-nos no pudôr, quando temos a alma ainda em botão. Já a esposa, quem a faz é a intelligência e o coração da noiva».

Quanta verdade encerra este trecho de singella belleza! Guarda o no intimo da tua alma e lê com attenção o que aqui vou deixar escripto.

Enquanto és noiva, procura bem conhecer o homem a quem prometteste unir-te. Escuta-lhe os conselhos, advinha-lhe as intenções. Sé dedicada, mas não te excedas em caricias para que ellas não se tornem pouco desejadas.

Brinca, diverte-te, mas não transponhas a linha do recato que te deves impôr.

Considera que o respeito sendo a base da amizade sincera, é quem mantém a durabilidade do amor.

Casada, são mais graves ainda as obrigações, no sentido de estabelecer o equilibrio do affecto. De ti, principalmente, depende a felicidade do teu lar.

Procura agradar o teu esposo, conservando os hábitos que adotavas, quando solteira. Usa o penteado e o traje de que elle mais gostava. Assim não perderás o encanto que elle encontrara em ti.

Nós precisamos fazer-nos galantes para sermos queridas.

Não te supponhas superior nem tampouco inferior a elle. Estima-o, respeita-o. Sé carinhosa, solícita e dedicada.

Cede ao que elle te pedir, uma vez que não te humilha.

Si te julgares offendida, quando elle por ventura te tratar com modo pouco delicado não a repilha com arrogancia; prefere mostrar-te magoada; chora, si ti vierem as lagrimas. As lagrimas são a melhor arma de defeza de que a mulher pode usar contra o homem que a ama. Nisso não vá humilhação; pelo contrário, revela a grandesa dos teus sentimentos.

Não lhe manifestes zelos ridiculos, embora os sintas. Evita caprichos inconvenientes que possam abalar a harmonia e a tranquillidade do teu lar.

Ha de te parecer que os meus conselhos creem uma posição pouco

Primavera

altiva á mulher. Que queres ? A mãe de família cabe a abnegação de que só Christo soube dar exemplos.

Terás, porém, a recompensa desses sacrificios no amor e na dedicação do teu esposo, inspirados pela tua bondade e pelo teu carinho.

Adota, si quizeres, esses habitos, que são os meus, e não te esqueças que da mulher depende a felicidade do lar.

Só feliz. Adeus.

Beija a tua
Sofia.

— 2 —

Tornamos publico, para os devidos fins, que o nosso amigo

ALTO! ESCUTEM LA'!

TABACARIA PARIS

Uma das primeiras do Norte do Brasil, modestamente montada no predio á rua Grande n. 17, uma das principaes ruas deste Estado.

Importadora directa de charutos e fumos dos melhores fabricantes, como abaixo verão os consumidores

Charutos «Poock» & Comp.
SECÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Cartas de Beatriz a sua amiguinha Zenaide, que ficou cheia de ciumes em S. José de Ribamar por causa do Alberto que não appareceu...

Minha encantadora amiguinha
ZENAIDE

A tua carta me deixou muito triste e me fez chorar. Qual o meu crime? Onde o meu crime? Que culpa tive eu em não ter ido o Alberto ás festas de Ribamar? As tuas recriminações á minha pessoa são feitas como se o fizesses a uma criminosa de alma pervertida. E sabes que mais, minha amiga? acabemos de vez com este teu ciume idiota e tólo. Se Alberto aqui ficou, não o vi. Mesmo, deixa que te diga para o descanço de teu espirito. Eu seria incapaz na vida de amar um homem como o Alberto. Um homem material, banal, sem espirito e sem intelligencia. A meu ver, o homem para ser bom marido precisa acima de tudo ter talento, ser um grande homem. Sentir-me-ia, portanto, diminuida, ao lado de qualquer Alberto... Fica, pois, tranquilla. Achas-me futil em tua carta. Mas isto para mim é um prazer, a futilidade. Vivemos o seculo das futilidades e eu viveria em desacordo com o meu meio e a minha sociedade, se não fosse a creatura fragil e futil que sou, sem me preocupar, entretanto, com o teu Alberto, mas a dansar o tango, fumar minhas deliciosas cigarrilhas, a *flirtar*, etc.

Espero uma outra cartinha tua, ahi desse pitoresco recanto, que é São José de Ribamar (pitoresco, não para os meus nervos) mas uma cartinha mais meiga, mais bonita, para esta que tanto te quer e te lastima.

Beatriz

ANEXO B

```
Call:
glm(formula = MORFOLOGIA ~ CLASSIFICACAO.DA.ORACAO + TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.PRINCIPAL +
     TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.SUBORDINADA + GRAU.DE.ASSERTIVIDADE +
     ANO + TIPO.DE.CARTA, family = binomial(), data = Substantiva_)

Coefficients:
                Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)      1.110e+01  1.697e+03  0.007  0.995
CLASSIFICACAO.DA.ORACAOobjetiva direta  1.556e+00  8.302e-01  1.874  0.061
CLASSIFICACAO.DA.ORACAOpredicativa    1.667e+00  1.648e+00  1.011  0.312
CLASSIFICACAO.DA.ORACAOsubjativa      9.043e-01  9.752e-01  0.927  0.354
TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.PRINCIPALinfinitivo -1.628e+01  1.697e+03 -0.010  0.992
TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.PRINCIPALpresente  -1.703e+01  1.697e+03 -0.010  0.992
TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.PRINCIPALpretérito -1.550e+01  1.697e+03 -0.009  0.993
TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.SUBORDINADApretérito -5.800e-03  7.645e-01 -0.008  0.994
GRAU.DE.ASSERTIVIDADEafirmação+negação  -5.071e-01  6.992e-01 -0.725  0.468
GRAU.DE.ASSERTIVIDADEnegação+afirmação   9.619e-01  5.938e-01  1.620  0.105
GRAU.DE.ASSERTIVIDADEnegação+negação    1.637e+01  2.400e+03  0.007  0.995
ANO                2.409e-03  7.298e-03  0.330  0.741
TIPO.DE.CARTAcarta pessoal  -5.898e-01  6.172e-01 -0.956  0.339
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)

Null deviance: 138.59  on 99  degrees of freedom
Residual deviance: 122.44  on 87  degrees of freedom
AIC: 148.44
```

```
Call:
glm(formula = MORFOLOGIA ~ CARGA_SEM_VERBO_OP_M2 + CLASSIFICACAO.DA.ORACAO +
     TEMPO_OP + TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.SUBORDINADA + ASSERTIVIDADE_AM +
     SECULO + TIPO.DE.CARTA, family = binomial(), data = substantivas_final)

Coefficients:
                Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)      -0.50073    1.14145  -0.439  0.660893
CARGA_SEM_VERBO_OP_M2modalidade subjetiva  4.81562    1.26856   3.796  0.000147 ***
CARGA_SEM_VERBO_OP_M2deontico    19.76067  1598.24221   0.012  0.990135
CARGA_SEM_VERBO_OP_M2dicendi     -2.05524    1.11577  -1.842  0.065477
CARGA_SEM_VERBO_OP_M2factual     -0.53551    0.85402  -0.627  0.530632
CLASSIFICACAO.DA.ORACAOobjetiva direta  -0.02175    0.80077  -0.027  0.978333
TEMPO_OPpretérito/futuro/infinitivo   0.38088    1.09171   0.349  0.727180
TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.SUBORDINADApretérito  1.82353    0.96244   1.895  0.058132
ASSERTIVIDADE_AMpresença de negação    1.14405    0.71516   1.600  0.109659
SECULOXX          -0.53510    0.88835  -0.602  0.546940
TIPO.DE.CARTAcarta pessoal  -1.85119    0.91370  -2.026  0.042760 *
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)

Null deviance: 137.23  on 98  degrees of freedom
Residual deviance:  62.43  on 88  degrees of freedom
AIC: 84.43

Number of Fisher Scoring iterations: 17

> AIC(modelo_2)
[1] 84.43049
>
```

ANEXO C

```

# A tibble: 52 × 5
# Groups:   VERBO.DA.ORACAO.PRINCIPAL [44]
  VERBO.DA.ORACAO.PRINCIPAL MORFOLOGIA      n total  perc
  <chr>                       <fct>    <int> <int> <dbl>
1 crer                       indicativo 6      11 54.5
2 crer                       subjuntivo 5      11 45.5
3 querer                     indicativo 1       9 11.1
4 querer                     subjuntivo 8       9 88.9
5 dizer                      indicativo 7       8 87.5
6 dizer                      subjuntivo 1       8 12.5
7 pedir                      subjuntivo 7       7 100
8 julgar                     indicativo 3       4 75
9 julgar                     subjuntivo 1       4 25
10 ser                       indicativo 4       4 100
11 constar                   indicativo 2       3 66.7
12 constar                   subjuntivo 1       3 33.3
13 desejar                   subjuntivo 3       3 100
14 entender                  indicativo 3       3 100
15 esperar                   subjuntivo 3       3 100
16 parecer                   indicativo 2       3 66.7
17 parecer                   subjuntivo 1       3 33.3
18 permitir                  subjuntivo 3       3 100
19 achar                     indicativo 2       2 100
20 confessar                 indicativo 2       2 100
21 declarar                  indicativo 2       2 100
22 ignorar                   indicativo 2       2 100
23 pensar                     indicativo 1       2 50
24 pensar                     subjuntivo 1       2 50
25 supor                     indicativo 1       2 50
26 supor                     subjuntivo 1       2 50
27 aconselhar                subjuntivo 1       1 100
28 acreditar                 indicativo 1       1 100
29 admirar                   subjuntivo 1       1 100
30 assolar                   subjuntivo 1       1 100

```

31	chegar	indicativo	1	1	100
32	comunicar	indicativo	1	1	100
33	dar	subjuntivo	1	1	100
34	deplorar	subjuntivo	1	1	100
35	estar	indicativo	1	1	100
36	estimar	subjuntivo	1	1	100
37	exigir	subjuntivo	1	1	100
38	haver	indicativo	1	1	100
39	informar	indicativo	1	1	100
40	intimar	subjuntivo	1	1	100
41	mostrar	indicativo	1	1	100
42	negar	subjuntivo	1	1	100
43	presumir	indicativo	1	1	100
44	prometer	indicativo	1	1	100
45	receptar	subjuntivo	1	1	100
46	reconhecer	subjuntivo	1	1	100
47	restar	indicativo	1	1	100
48	rogar	subjuntivo	1	1	100
49	solicitar	subjuntivo	1	1	100
50	temer	subjuntivo	1	1	100
51	ter	indicativo	1	1	100
52	ver	indicativo	1	1	100